# JORGE DIMITROV

# OBRAS ESCOLHIDAS

## VOLUME 5

EDITORIAL ESTAMPA

# OBRAS ESCOLHIDAS

JORGE DIMITROV

# OBRAS ESCOLHIDAS

**Volume V**

EDITORIAL ESTAMPA

Tradução de *Maria Santa Montez*

Capa de *Soares Rocha*

**Distribuidor no Brasil:**

Livraria Martins Fontes
Praça da Independência, 12
Santos — S. Paulo

**Todos os direitos para esta edição estão reservados por Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 1976**

# ÍNDICE

Declaração-programa do novo governo da Frente da Pátria ... 9
Devemos manter as promessas feitas ao povo ... 23
Impõe-se uma determinada reorganização do sector privado do comércio e da indústria ... 29
As condições essenciais do reforço das cooperativas agrícolas ... 35
As previsões do nosso Partido foram brilhantemente confirmadas ... 47
Em frente pela realização do plano bienal ... 59
De mãos dadas, sempre em frente, contra toda a oposição! ... 63
A palavra impressa é uma arma poderosa ... 67
Entrevista concedida a John Fisher, correspondente do jornal inglês *Daily Mail* ... 73
Entrevista concedida ao correspondente especial do *Humanité*, Germain Rigal ... 77
O trabalho de choque e a emulação têm uma enorme importância ... 83
Luta sem tréguas contra a ociosidade, o esbanjamento e a burocracia ... 89
Saudações dirigidas ao camarada Vassil Kolarov por ocasião do seu 70.° aniversário ... 99
A via a seguir para evitar um novo Munique ... 101
A União geral da juventude democrática — valente destacamento de combate do nosso povo ... 107
A U. R. S. S. — apoio sólido da paz e da democracia 113
Sobre a Constituição ... 117
Temos o direito de fazer abortar os planos imperialistas nos Balcãs ... 119
As duas principais tarefas que impõem a unificação da juventude búlgara ... 123

Os problemas fundamentais da política e da táctica da União Popular Agrária Búlgara ... ... ... ... ... ... 129
Em frente por novos êxitos e vitórias, pelo bem-estar da nossa pátria! ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... 137
O trabalho e o amor pela pátria ... ... ... ... ... ... ... ... 145
O desenvolvimento social do nosso país leva à destruição do sistema capitalista de exploração e à libertação de toda a dependência imperialista ... ... ... ... ... 153
Os povos romeno e búlgaro avançam para horizontes radiosos ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... 159
A Frente da Pátria, o seu desenvolvimento e as suas tarefas futuras ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... 165
Discurso de encerramento do Segundo Congresso da Frente da Pátria ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... 213
O povo búlgaro nutre profundos sentimentos de amor e de reconhecimento pelo exército soviético libertador ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... 219
Não há democracia popular sem classe operária ... ... 223

Notas ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... 235



# DECLARAÇÃO-PROGRAMA DO NOVO GOVERNO DA FRENTE DA PÁTRIA (1)

## (28 de Novembro de 1946)

Senhores deputados:

Pela sua composição e pelo seu carácter o governo a que tenho a honra de presidir é um governo da Frente da Pátria. Continuará com uma firmeza e energias ainda maiores a praticar a política do governo precedente para a total e consequente realização do programa da Frente da Pátria.

Tendo tomado nas mãos o governo do país logo a seguir à histórica vitória que coroou a insurreição popular de 9 de Setembro de 1944, a Frente da Pátria teve por três vezes no espaço de dois anos a possibilidade de consultar a vontade do povo; e das três vezes lhe foi concedida a confiança do povo.

As eleições à Grande Assembleia Nacional, em virtude de uma lei eleitoral absolutamente democrática, desenrolaram-se, tal como o reconheceram todos os observadores imparciais, num ambiente de liberdade e de ordem total.

A brilhante vitória eleitoral da Frente da Pátria mostrou, de uma maneira particularmente eloquente, a confiança inabalável da esmagadora maioria do povo búlgaro na Frente da Pátria. Esta vitória é testemunho das profundas raízes que a Frente da Pátria criou, enquanto união histórica indispensável das forças antifascistas, democráticas e progressistas do povo búlgaro.

A proclamação da República popular e as eleições para a Grande Assembleia Nacional, realizadas com base nas modificações democráticas ocorridas na Bulgária de 9 de Setembro

até ao presente, encerram uma etapa do desenvolvimento do nosso país e da consolidação do poder popular. As esperanças de restauração que os meios reaccionários têm, as esperanças de regresso ao passado maldito, foram reduzidas a nada com as eleições para a Grande Assembleia Nacional. A Frente da Pátria afirma-se definitivamente como dirigente dos destinos da Bulgária. O problema do carácter representativo do governo da Frente da Pátria foi resolvido pelo nosso povo num sentido positivo.

Começa uma nova etapa do desenvolvimento do nosso país. Os fundamentos da democracia popular estão solidamente assentes. Está aberta a via para a edificação, em todos os domínios, da nossa jovem República popular. Existe a possibilidade de normalizar totalmente a situação interna e externa do país.

O governo sabe perfeitamente que os inimigos do nosso povo não acabarão com as suas tentativas de minar o poder popular, por isso continuará firme e consequentemente a luta levada a cabo com vistas a destruir definitivamente os vestígios do fascismo e a domar a reacção. Ao mesmo tempo, considera possível e indispensável revogar, num futuro próximo, uma série de medidas que eram absolutamente inevitáveis durante a primeira etapa, depois da insurreição popular de 9 de Setembro de 1944, para garantir as aquisições democráticas do nosso povo. No domínio da economia e com vistas a aumentar a produção, também considera possível e indispensável atenuar e revogar uma série de restrições relativas à iniciativa e à actividade económicas privadas, particularmente dos produtores agrícolas, na medida em que estas restrições não são impostas pela necessidade de assegurar o abastecimento do país ou por outras necessidades de interesse para o povo.

O governo está firmemente decidido a fazer os esforços ao seu alcance para estabelecer definitivamente uma ordem e uma legalidade estritas, para garantir a segurança e a calma absolutas, indispensáveis ao trabalho criador, a qualquer iniciativa privada de utilidade pública, à vida e aos bens da população.

O governo está firmemente decidido a estabelecer uma disciplina de Estado rigorosa exigindo a todos os estabelecimentos e órgãos do poder que cumpram a tempo e conscienciosamente as suas obrigações, que respeitem as suas decisões e disposições. Continuará resolutamente e sem hesitações o saneamento e a consolidação do aparelho de Estado, dos institutos públicos e culturais, dos estabelecimentos de ensino, para os colocar totalmente ao serviço do povo. O governo tomará as mais rigorosas medidas para acabar, de uma vez por todas, com qualquer manifestação de burocracia, de corrupção no aparelho de Estado.

Ao pôr em relevo os melhoramentos até agora realizados na organização e no trabalho da milícia popular, o governo considera que terá, para já, de reforçar e desenvolver estes melhoramentos de modo a que a milícia popular seja capaz de exercer com dignidade, nas novas condições, as suas funções de guarda da ordem e da legalidade.

O governo cuidará do reforço e da capacidade para o combate do nosso exército, enquanto exército popular, guarda fiel da nossa pátria, da nossa liberdade e da nossa independência nacional. Serão criadas as condições morais e políticas indispensáveis para garantir um estatuto e uma situação material estáveis ao corpo de oficiais e de suboficiais no nosso exército.

O governo continuará sem interrupções e com mais persistência ainda a praticar a sua política no domínio da Saúde pública e da Segurança social, especialmente no que diz respeito à protecção à maternidade e à infância. Estimulará e secundará qualquer iniciativa privada ou social que diga respeito à construção de casas de habitação para remediar a crise deste sector.

O governo tomará todas as medidas necessárias para o desenvolvimento e florescimento da cultura nacional. Fornecerá os meios e dará o seu auxílio para encorajar qualquer actividade e qualquer iniciativa criadoras que enriqueçam e levem a um desenvolvimento contínuo da cultura nacional numa via progressista.

O governo assegurará a protecção do trabalho manual e intelectual como principal factor do bem-estar do nosso povo. O trabalho das mulheres e dos jovens beneficiará de uma protecção e de um encorajamento especiais.

O governo dará resolutamente a prioridade à juventude dedicada ao povo em todos os domínios da vida de Estado,

social, política, económica e cultural. A nossa juventude patriótica, que participou dignamente na luta contra o fascismo e se formou como destacamento de vanguarda da Frente da Pátria, terá agora a grande possibilidade de tomar parte na edificação da República popular. A instrução da juventude, a formação de numerosos quadros no domínio da cultura e da técnica, a cultura física, os campos de férias, o movimento das brigadas de jovens, as crianças e os adolescentes, serão objecto de uma solicitude muito particular por parte do governo.

Apreciando em alto grau a crescente actividade das mulheres, sobretudo depois de, muito justamente, terem sido postas em pé de igualdade com os homens, o governo fará tudo o que for necessário para assegurar a sua mais vasta e efectiva participação em todos os domínios da nossa vida social, política, económica e cultural.

Concedendo à Igreja búlgara a atenção que lhe é devida, a Frente da Pátria auxiliou-a o melhor que pôde a formar a sua estrutura canónica, facto que permitiu liquidar o cisma e estabelecer relações com todas as Igrejas ortodoxas. O efeito favorável desta medida fez-se sentir durante o ano em curso; o patriarca de Moscovo e de toda a Rússia, Alexei, participou pessoalmente na solenidade organizada por ocasião do milésimo aniversário do mosteiro de Rila.

A Frente da Pátria encara no seu programa a separação da Igreja do Estado, de acordo com o princípio da liberdade de consciência e de culto. É guiada pelo sentimento de reforçar o carácter popular da Igreja búlgara, dando ao clero a possibilidade de servir fielmente o povo.

O governo contribuirá para a democratização da nossa Igreja nacional, para que esta esteja mais próximo das necessidades e do desenvolvimento do povo búlgaro. Respeitando os sentimentos religiosos dos crentes prestará também de futuro o auxílio material necessário à Igreja e ao clero até que a sua manutenção possa ser assegurada pelos próprios fiéis.

Senhores deputados!

Não vale a pena sublinhar que o governo realizará ainda mais energicamente a política externa justa, e com provas já dadas, da Frente da Pátria. Considerando a amizade sincera



e consequente da República Popular da Bulgária com a Grande União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, nossa libertadora, como a pedra angular da sua política externa, o governo fará todos os esforços para a total normalização das relações da Bulgária com os E. U. A. e a Grã-Bretanha. Está profundamente convencido de que sob este aspecto não existem obstáculos intransponíveis.

O governo considera que é sua obrigação exprimir a mais ardente e profunda gratidão do povo búlgaro para com o governo da União Soviética que nos dá um auxílio inestimável na defesa da nossa causa nacional. Também faz questão em sublinhar a defesa decisiva das justas reivindicações búlgaras por parte da delegação da Ucrânia e da Bielorrússia na Conferência de Paz, facto pelo qual o povo lhes agradece.

Assinalando com satisfação as crescentes simpatias da França democrática em relação à nova Bulgária, o governo fará tudo o que dele depender para reforçar as tradicionais relações de amizade entre os dois países.

Trabalhará por uma consolidação ainda maior das relações de amizade estabelecidas com a Checoslováquia e com a Polónia, pelo reforço da unidade e da solidariedade geral eslava, como um dos mais sólidos pilares da paz mundial.

O governo também exprime o seu ardente reconhecimento à Polónia e à Checoslováquia, cujas delegações apoiaram os nossos esforços de paz equitativa.

O governo aprecia em muito a amizade com a nossa vizinha do norte, a Roménia. A brilhante vitória da democracia nos dois países é o penhor da assistência e do auxílio mútuo que os nossos povos, cada vez mais, se prestarão, na via do progresso económico e cultural.

O governo manterá relações de boa vizinhança com a Turquia e encorajará o desenvolvimento do comércio entre os dois países.

Esforçar-se-á por estabelecer e reforçar as relações diplomáticas com todos os Estados democráticos.

O feliz desenvolvimento das relações económicas da Bulgária com a União Soviética e o restabelecimento das relações comerciais com a maior parte dos países europeus levam-nos a estar certos de que o governo conseguirá alargar o mercado dos produtos da nossa economia nacional nos países da Eu-

ropa, de além Atlântico e do Próximo Oriente, e reforçar a importação de matérias-primas e de equipamentos técnicos indispensáveis ao nosso país.

Senhores deputados!

A mais importante tarefa do governo no domínio da política externa continua a ser a conclusão de uma paz justa e digna com as Nações Unidas.

A esperança de concluir essa paz baseia-se no facto de o povo búlgaro, pela sua encarniçada resistência, não ter permitido à Alemanha hitleriana utilizar o exército búlgaro para operações activas em qualquer frente e de, pelo contrário, pela sua participação na guerra de libertação ao lado das Nações Unidas, ter contribuído para a derrota da Alemanha hitleriana.

Este contributo essencial do povo búlgaro para a causa da liberdade foi reconhecido pela União Soviética e pelos países eslavos irmãos que nos secundaram e nos secundam resolutamente na luta por uma paz justa. Apesar dos procedimentos hostis no interior do país e no estrangeiro, abre-se caminho à verdade, e as simpatias para com o nosso povo e a nova Bulgária manifestam-se cada vez mais nos meios competentes dos outros Estados. Os meios democráticos de todo o mundo consideram a Bulgária como um Estado co-beligerante, e o governo continuará a esforçar-se para que esta consideração encontre uma expressão no texto definitivo do tratado de paz com a Bulgária, sobretudo naquilo que diz respeito à redução das indemnizações a uma soma mínima, de acordo com os meios do nosso país, esgotado e espoliado pelos alemães.

O governo continuará a defender, com uma energia redobrada, o nosso território dos ataques estrangeiros. O governo apenas se deixará guiar neste domínio pelo desejo de ver assegurada uma paz duradoura nos Balcãs e uma cooperação sincera com todos os povos vizinhos, incluindo o povo grego, em relação ao qual o povo búlgaro nutre os melhores sentimentos. E se continua a não ser possível estabelecer entre a Bulgária e a Grécia relações de boa vizinhança, como as que existem com os outros países vizinhos, a culpa não é nossa. O governo rejeitou categoricamente as acusações caluniadoras



lançadas contra a Bulgária e sistematicamente espalhadas por Atenas, incidindo a última acusação sobre a suposta passagem de destacamentos do território búlgaro em território grego.

Resumindo, o governo, actuando no espírito do programa da Frente da Pátria, fará todos os esforços para que a Bulgária cumpra dignamente o seu papel como elemento são da paz, da democracia e da cooperação fraterna entre os povos.

Senhores deputados!

O novo governo da Frente da Pátria dará uma especial importância aos problemas económicos. Em toda a sua actividade dará prioridade às questões económicas e fará todos os esforços para remediar o mais rapidamente possível as dificuldades e a desorganização que o fascismo e a guerra nos legaram e que os dois anos consecutivos de seca vêm agravar.

Foram obtidos até ao presente êxitos consideráveis neste domínio pelo governo precedente da Frente da Pátria.

Nas penosas condições devidas à terrível seca do último ano, o povo foi salvo da fome e o gado da morte graças às medidas enérgicas da Frente da Pátria e do seu governo, à solicitude com que a população as cumpriu, aos víveres e à forragem fornecidos a tempo pela União Soviética.

Apesar da seca do ano em curso, depois da do ano passado, a produção geral da agricultura aumentou, de um modo geral, em relação à do último ano graças à solicitude e ao zelo com que a população cumpriu o plano das sementeiras estabelecido pelo governo. Durante os 9 meses já passados do ano em curso a produção industrial aumentou de 10 por cento. Aumentará ainda mais durante os próximos três meses em consequência do crescente fornecimento de produtos agrícolas indígenas e de materiais de importação destinados à indústria, bem como pela elevação do nível da produtividade do trabalho e pelo aumento do rigor da disciplina no trabalho.

O tráfico do transporte ferroviário e outros regista também um aumento considerável.

O comércio interno regista um aumento da venda de mercadorias. O comércio externo não só regista um aumento do escoamento de mercadorias como um alargamento das

relações comerciais com os outros países. Durante os dez últimos meses a exportação e a importação aumentaram muito em relação ao ano anterior. Paralelamente ao desenvolvimento favorável das nossas relações comerciais com a União Soviética, também se estabeleceram e alargaram as relações comerciais com a Checoslováquia, a Polónia, a Suíça, a França, a Roménia, a Jugoslávia, a Turquia, a Bélgica, a Itália, a Suécia, a Áustria, a Hungria, a Dinamarca, e com muitos outros países.

A estabilização da leva é o testemunho dos esforços bem sucedidos feitos pelo governo com vistas a consolidar a situação financeira e económica do país, e a consolidar a confiança que o povo tem no governo da Frente da Pátria.

Apesar de todos estes êxitos incontestáveis realizados durante o ano em curso, a situação económica da Bulgária continua a ser dura e tensa. O governo dá-se perfeitamente conta das grandes dificuldades ainda existentes, dos esforços extremamente sérios que devem ser feitos, tanto por ele como por todas as camadas do povo, para as vencer.

Senhores deputados!

Na realização da sua política económica o governo também partirá, de futuro, do ponto de vista de que só o aumento da produção, o melhoramento da sua qualidade e a redução das despesas de produção poderão garantir pelo melhor a reconstrução e o desenvolvimento da economia nacional bem como o saneamento das finanças do Estado.

O governo continuará resolutamente e sem hesitações a realizar iniciativas com vista à industrialização tão rápida quanto possível do país. Para esse efeito, utilizará os meios do Estado, das municipalidades, das cooperativas e dos depositantes particulares, para a construção de uma série de novas oficinas e fábricas como as de adubos azotados, de soda, de ácido sulfúrico, etc., bem como para o aumento e aperfeiçoamento das empresas industriais existentes. Para utilizar o mais racionalmente possível a produção agrícola, para aumentar os rendimentos dos produtores agrícolas, para melhorar a alimentação da população e alargar as nossas possibilidades de exportação, serão tomadas iniciativas de racionalização da indústria com vista à transformação dos produtos agrícolas e da edificação de uma vasta rede de novas empresas deste



tipo. O governo encorajará a iniciativa industrial privada para a edificação de novas empresas industriais e para o desenvolvimento das empresas existentes.

Prestar-se-á uma atenção especial às medidas a tomar para vencer rapidamente a crise na distribuição de energia eléctrica edificando um sistema completo de centrais hidro e termoeléctricas suficientemente potentes, cuja rede de distribuição cobrirá o país até aos recantos mais afastados.

Tendo em consideração o grande perigo que representa para o desenvolvimento da economia nacional no seu conjunto a insuficiente e atrasada produção hulhífera, o governo prevê no seu programa a aceleração ao máximo da exploração de novas minas nas nossas bacias de lenhites extremamente ricas: as de Sófia e de Maritsa.

O governo tomará as medidas indispensáveis ao melhoramento e ao desenvolvimento do nosso transporte ferroviário, rodoviário e aéreo.

Para melhorar o bem-estar dos campos e, com isso, consolidar a base do desenvolvimento da economia no seu conjunto, o governo auxiliará sob todos os pontos de vista a agricultura e a criação de gado. Encorajará a mecanização e a racionalização da economia rural. Com vista a aumentar os rendimentos por unidade de superfície por meio da irrigação, o governo prevê no seu programa a utilização global dos recursos em água. A construção das principais barragens estará terminada num curto espaço de tempo. O governo promoverá também importantes iniciativas incidindo sobre a conclusão nos próximos anos da secação das planícies danubianas e das outras planícies situadas no interior do país.

O governo continuará a dar um apoio multilateral às cooperativas agrícolas constituídas sob o princípio da adesão voluntária. Tomará medidas para prevenir os conflitos e os mal-entendidos de toda a espécie entre as quintas cooperativas e os exploradores individuais.

O governo também tomará medidas com vista a desenvolver e a modernizar os teares e a fornecer regularmente matérias-primas aos artesãos. Encorajará a criação de cooperativas artesanais.

No domínio do comércio interno, o governo continuará a esforçar-se por racionalizar o aparelho de intermediários

atribuindo-se a tarefa de, em primeiro lugar, suprimir totalmente a mediação, nociva do ponto de vista social e injustificável do ponto de vista económico, em especial no comércio por grosso. Para poder regularizar os preços o governo encorajará a organização de uma nova empresa comercial de Estado: Narodene Magazine (Armazém Popular). Reforçará a participação da cooperativa no comércio para encurtar a via que leva do produtor ao consumidor e reduzir os preços das mercadorias, lutando ao mesmo tempo de modo enérgico contra os pseudomovimentos cooperativos e o parasitismo que existe em determinadas cooperativas. Permitirá que os comerciantes participem nas trocas paralelamente e em emulação com as cooperativas.

Dada a extensão geral do nosso comércio externo, o governo continuará a esforçar-se por edificar um sólido aparelho de comércio externo com a participação das empresas de Estado, das organizações cooperativas e de outras empresas, juntamente com as empresas comerciais privadas nas quais for possível confiar.

O governo prestará grande atenção ao melhoramento e ao alargamento do ensino profissional para a formação dos quadros qualificados indispensáveis à nossa indústria crescente, à construção, aos teares e à agricultura.

Senhores deputados!

Prosseguindo a actual política económica da Frente da Pátria tendente a eliminar da economia nacional o capital de especulação e parasitário, a fazer participar a iniciativa privada criadora no trabalho de reforço do sector de Estado e cooperativo da economia nacional, a assegurar a planificação indispensável à actividade económica, o governo conta introduzir-lhe as alterações necessárias ditadas pela experiência prática. Actuará energicamente na supressão das irregularidades existentes na divisão dos contingentes e no fornecimento de víveres, de vestuário e de meios de aquecimento à população; trabalhará para eliminar o arbitrário, visando o trabalho, a iniciativa criadora privada e os bens dos cidadãos. A actividade do capital privado e a iniciativa privada devem estar de acordo com os interesses comuns do povo e com a política económica do Estado, para assegurar o



desenvolvimento judicioso da indústria nacional búlgara e da economia nacional.

Ao tomar as medidas indispensáveis para garantir o abastecimento da população nas duras condições resultantes da espoliação do país pelos alemães, da guerra e da seca, o governo levará a cabo uma luta sem tréguas contra a especulação com o pão do povo, com todas as mercadorias de primeira necessidade.

Ao encorajar o trabalho de choque e a emulação patriótica, ao pôr em prática uma mais severa disciplina no trabalho, nos estabelecimentos e nas empresas, bem como o fortalecimento de relações normais entre os operários e os empregados, por um lado, e os industriais e os chefes de empresa e dos estabelecimentos, por outro, o governo fará sempre todo o possível por melhorar a situação dos operários, dos empregados e dos outros trabalhadores. Sublinha que só a produção intensificada e a economia consolidada podem criar as condições para um melhoramento duradouro e seguro da situação dos trabalhadores e para a elevação do nível de vida do povo trabalhador búlgaro.

O governo considera que é indispensável rever as escalas das remunerações dos funcionários e empregados a fim de estabilizar e de melhorar a sua situação, recorrendo ao mesmo tempo à racionalização necessária e à simplificação dos serviços.

Para melhor utilizar os recursos e as possibilidades locais, o governo orientará cada vez mais as comunas para iniciativas de ordem económica e ligadas à construção.

No domínio das finanças, o novo governo estabelecerá um orçamento equilibrado, real, criador, que corresponda às capacidades do povo búlgaro e que contribua para a edificação económica e cultural. No que diz respeito à sua política fiscal, o novo governo continuará a aplicar o princípio segundo o qual o encargo fiscal de qualquer contribuinte deve corresponder às suas possibilidades de pagamento, princípio que está na base do imposto progressivo sobre o rendimento. Encorajará e protegerá as poupanças, reorganizará e aperfeiçoará o nosso sistema de créditos para o pôr ainda mais ao serviço da produção. Ao realizar um regime severo de economias em todo o aparelho de Estado e na

economia nacional: economia de víveres e de forragem, de materiais, de hulha e de energia eléctrica, economia de trabalho e de tempo, exigindo o governo um relatório detalhado e um controle severo, desenvolverá esforços e fará tudo o que é indispensável para também garantir no futuro a estabilidade da leva búlgara.

O governo prosseguirá, com uma firmeza ainda maior, a actual política de preços com vista a equilibrar os preços dos produtos agrícolas, dos produtos industriais e dos serviços artesanais, tendo em conta os preços do mercado internacional. Para este fim, o governo reorganizará o Instituto dos preços. Tomará medidas rigorosas contra todos os perturbadores da vida económica, contra os especuladores e os sabotadores.

Com vista a introduzir a planificação indispensável e a pôr mais ordem na nossa economia nacional, para assegurar o seu desenvolvimento, para eliminar o mais possível os elementos de desordem, o governo elaborará um plano bienal de desenvolvimento da economia nacional.

Para cumprir as tarefas económicas indicadas e, sobretudo, o plano bienal de desenvolvimento da economia nacional, é necessário vencer dificuldades consideráveis que provêm da nossa pobreza, do estado de atraso da nossa economia, dos estragos causados pelos antigos regimes reaccionários e fascistas, bem como pelos dois anos de seca.

Eis os motivos por que o governo considera que a tensão de todas as forças materiais e morais do povo, disposto a sofrer privações temporárias, será indispensável à realização do programa económico da Frente da Pátria. Porque só com resistência e um trabalho intenso é que se assegurará o desenvolvimento económico do nosso país e o bem-estar do nosso povo.

Senhores deputados!

Como é notório, são atribuídas à Grande Assembleia Nacional tarefas extremamente importantes, tarefas de alcance histórico.

*Em primeiro lugar,* elaborará e adoptará uma Constituição realmente progressiva da República popular, que terá em



conta as necessidades do povo búlgaro e do seu desenvolvimento histórico e que estará de acordo com as suas particularidades e tradições nacionais. Não podem subsistir dúvidas de que a Grande Assembleia Nacional prestará a atenção necessária às opiniões expressas e às propostas feitas durante e após as eleições, no decurso do debate público do projecto de Constituição elaborado pelo Comité Nacional da Frente da Pátria.

*Em segundo lugar,* o governo submeterá ao exame e à aprovação da Grande Assembleia Nacional o orçamento de Estado para 1947 e o plano económico bienal.

*Em terceiro lugar,* o governo encarregará a Grande Assembleia Nacional de examinar projectos de lei, de forma a pôr as leis existentes de acordo com a futura Constituição da República popular. Apresentará projectos de lei ditados pelas actuais necessidades do poder.

Senhores deputados!

Para realizar as suas grandes tarefas, cheias de responsabilidade, o governo conta com o apoio da Grande Assembleia Nacional e com a unidade das forças populares sadias realizada pela Frente da Pátria. Durante toda a sua actividade, o novo governo será guiado pelo sentimento de que é indispensável continuar a reforçar a cooperação entre os partidos e as organizações de massa da Frente da Pátria, reafirmar a unidade da Frente da Pátria como organização sólida das forças populares, dirigente dos destinos do povo búlgaro, principal e indestrutível apoio da República Popular da Bulgária. O governo também aceitará a cooperação dos militantes e dos grupos sociais e políticos que se encontram fora da Frente da Pátria, dispostos a porem-se sincera e honestamente ao serviço da nossa pátria. Aceitará com solicitude qualquer proposta séria, sensata e útil ao povo, no que diz respeito ao poder do país, venha esta donde vier.

O governo está profundamente convencido de que todos os patriotas e homens honestos do país se unirão firmemente em torno da Frente da Pátria e participarão activamente na realização do seu programa.

A causa justa e salutar da Frente da Pátria triunfará!
Viva a República Popular da Bulgária!
Viva a Frente da Pátria!
Viva o povo búlgaro!

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo*, n.º 278,
de 29 de Novembro de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 412-428.



## DEVEMOS MANTER AS PROMESSAS FEITAS AO POVO

*EXTRACTO DA ENTREVISTA COM A DELEGAÇÃO DO SEGUNDO PLENÁRIO DO COMITÉ CENTRAL DA JUVENTUDE DEMOCRÁTICA A 30 DE NOVEMBRO DE 1946*

Os esforços da juventude são significativos. Já tive ocasião, nas minhas mensagens de saudação aos jovens, de sublinhar o enorme papel, excepcionalmente importante, da juventude na edificação da nossa República popular. Na declaração-programa do governo, que li na Assembleia Nacional, está expressamente sublinhado, como sabem, que tanto o governo da Frente da Pátria como eu pessoalmente, enquanto seu presidente, esperamos muito da nossa juventude. Na minha opinião, não é justo limitar-se a dizer, como faz normalmente a maioria das pessoas que o futuro pertence à juventude, o que significa que agora a juventude estuda e se forma mas para um futuro mais ou menos longínquo. «O futuro pertence-lhe», afirmam. É verdade, mas não totalmente, Não basta apenas que o futuro pertença à juventude. Na minha opinião o presente também deve pertencer à nossa juventude democrática, patriótica, trabalhadora. Ora isso significa que é preciso combinar duas coisas: a preparação sob todos os aspectos do futuro da nossa juventude, e o trabalho da juventude e a sua participação no momento presente, na nossa obra de edificação nacional. Os estudos, a promoção na Universidade, na fábrica, na oficina, no campo, devem ser sempre

acompanhados por um trabalho fecundo, hoje mesmo, na etapa actual.

Um grande defeito que herdámos dos regimes reaccionários e fascistas do passado, é que as gerações mais velhas tratam a juventude de alto, não confiam nela, têm medo dela, não lhe dão um lugar. Ainda vejo que nos nossos estabelecimentos, quando propomos um jovem para um posto importante, por muito preparado e capaz que ele seja, dizem que é jovem, que não terá autoridade suficiente. «Dêem-nos um com mais idade» — dizem. Não é justo.

Nós, ou seja, a geração que hoje dirige, devemos renovar e renovaremos o aparelho de Estado e as organizações sociais de tal modo que uma grande parte dos postos sejam ocupados por homens novos, dedicados ao nosso povo. Trabalhando, formar-se-ão, assumindo uma maior responsabilidade, tornar-se-ão mais seguros das suas forças e das suas capacidades e desenvolver-se-ão melhor. Todo aquele que, nas fileiras da nossa juventude, é capaz e honesto, deve encontrar o seu lugar, é preciso que lhe dêem luz verde, que lhe cedam o lugar. Enquanto que para a juventude corrompida, viciosa, para todas as espécies de excêntricos, como lhes chamais, é preciso uma vassoura. A essa juventude não se pode confiar nada, porque só pode prejudicar o nosso povo. Felizmente que centenas de milhares dos nossos jovens das cidades e dos campos não são ociosos, mas homens que amam o seu país e estão dispostos a dar tudo o que podem pelo seu desenvolvimento.

Tanto as decisões que tomaram, como a promessa feita por aqueles que trabalham no estaleiro de Hain-Boaz, assim como pelos nossos jovens camaradas que foram à Jugoslávia, constituem grandes obrigações. Li uma declaração-programa à Grande Assembleia Nacional, vocês conhecem-na bem. Devo dizer que quando escrevi esta declaração, reflecti muitas horas. Aquilo que dizemos ao nosso povo, aquilo que lhe prometemos, é preciso que o cumpramos, cada palavra deve ser transformada num acto, deve ser realizada. Não devemos tomar compromissos, fazer promessas, se não pensamos cumpri-las. É preciso que sejamos honestos para com o povo, que lhe digamos sinceramente a verdade sobre aquilo que fazemos e sobre o que contamos fazer. Tanto o governo



como a Frente da Pátria estão absolutamente resolvidos a cumprir aquilo que prometeram na declaração-programa, e nós já o começámos portanto a pôr em prática há alguns dias. Assim, creio que também vocês, ao fazerem essas promessas, ao tomarem esses compromissos, devem estar bem decididos a cumpri-los a todo o custo, aconteça o que acontecer, sejam quais forem as forças, o trabalho e os sacrifícios que isso exija.

Podem-se citar muitos pequenos exemplos concretos para mostrar até que ponto sofremos na Bulgária de uma falta de sistema, de desperdício, de burocracia, de uma atitude formalista em relação às necessidades do povo. Tomemos um deles. Não sabemos o preço do tempo e isso é uma herança oriental nociva. Assim, por exemplo, convoca-se uma sessão, uma reunião, ou uma conferência para as 7 ou 8 horas, e ela só começa uma hora ou uma hora e meia mais tarde. Aqueles que são mais pontuais tomam o seu lugar, perdem o seu tempo e as suas forças. Ora o tempo é um factor muito importante. Constitui um grande capital. Não é em vão que os ingleses dizem: «Tempo é dinheiro.» Devemos iniciar, sobretudo vocês, os jovens, uma campanha pela disciplina, pela pontualidade. Em princípio as sessões, os congressos, as reuniões, os divertimentos, as conferências, devem começar a tempo, à hora marcada. Têm de examinar este problema publicamente em todo o país, e solucioná-lo, e então verão que obteremos muito mais resultados dos esforços que despendemos no trabalho. Se se fizer um exame análogo em todos os domínios, verão que teremos avançado muito num ano.

Felicito a nossa juventude por ter elaborado este programa de trabalho para o Inverno e de construção para a Primavera, bem como por determinadas outras iniciativas. Ao mesmo tempo que vos desejo que o realizem a todo o custo, que não o deixem ser letra morta, quero acrescentar aqui ainda uma iniciativa que considero muito importante do ponto de vista da nossa economia nacional, e em especial da nossa agricultura. Sabem que no nosso país muitas florestas estão destruídas. Há muitos terrenos, mesmo nos arredores de Sófia, que não estão arborizados. Porque é que, por exemplo, a nossa juventude não há-de organizar na Primavera, juntamente com

o governo e em especial com o Ministério da Agricultura, uma arborização maciça nas cidades e nos campos, através de todo o país, sobretudo nas regiões que estão muito desnudadas, onde durante as chuvas a água corre em abundância, destruindo por isso mesmo muitos terrenos que de outro modo poderiam ser utilizados com êxito? Assim, dentro de alguns anos, teremos pinheiros, faias, teremos mais chuvas, mais humidade, os nossos campos e a nossa produção agrícola estarão em bem melhor estado. Estou convencido de que sob uma boa direcção, é claro, assegurada por agrónomos e outros especialistas, os nossos jovens, rapazes e raparigas, farão esse trabalho com um grande entusiasmo.

Paralelamente, terão outras iniciativas, mas graças àquelas que se propuseram realizar a nossa República Popular tirará realmente um grande benefício da nossa juventude democrática.

Consideramos, como já o afirmei noutras ocasiões, que a juventude é uma vanguarda da Frente da Pátria. Não é uma frase, deve-se tornar um facto! Isso significa que no domínio da vida política, social e cultural, e sobretudo no domínio da economia nacional, a juventude deve estar nas primeiras filas, como uma verdadeira vanguarda. Gostaria de afirmar aqui, sem perigo de exagero, que o programa da Frente da Pátria, e especialmente a declaração do novo governo, serão executados com êxito se tivermos a assistência e a participação activa da nossa juventude democrática das cidades e dos campos: operários, camponeses, estudantes, toda a juventude.

Neste espírito, agradeço as vossas saudações. Desejo-vos força, saúde, lucidez de espírito e vontade firme. Desejo-vos muitos êxitos para o bem da nossa jovem República Popular! Assim dominaremos melhor e destruiremos os nossos inimigos no interior, assim manteremos em respeito os nossos inimigos no exterior. Deste modo asseguraremos o nosso futuro nacional, e o nosso prestígio internacional aumentará. Somos um pequeno povo, mas devemos ter a ambição de sermos grandes e fortes de espírito. Considero que quanto mais pequeno é um povo pelo seu número, tanto mais se deve esforçar por ser forte e poderoso pelo seu espírito nacional e pela sua obra criadora. Os grandes Estados e os grandes povos podem



gabar-se do seu vasto território, do nível elevado da sua cultura material, etc. Infelizmente, não podemos fazer o mesmo, mas podemos entrar em competição com eles e até mesmo ultrapassar alguns, se aumentarmos a nossa força moral, o nosso espírito nacional, poderoso e firme, se tivermos uma fé inabalável no nosso futuro. Ninguém nos pode molestar se todos juntos guardarmos a nossa própria casa, se edificarmos a nossa própria República Popular. Podem confundir-nos, querer incomodar-nos, mas resistiremos, enveredaremos pelo caminho do nosso bem-estar nacional e, também o devo dizer, da nossa grandeza nacional.

Não falarei das nossas dificuldades internas nem da oposição raivosa que temos. É um fenómeno temporário. Afirmou-se com razão que a vossa tarefa no momento presente é reconquistar, atrair uma grande parte dos jovens que, por erro, por inadvertência ou amargura, ou ainda por despeito, votaram pelos candidatos da oposição. No próximo ano teremos outras eleições e com elas o fortalecimento da Frente da Pátria e da juventude democrática. Mas para isso é preciso trabalhar, trabalhar infatigavelmente. Os jovens devem ser alunos-modelo na escola, operários de choque nas fábricas e nos campos, os primeiros em toda a parte! «Hurra» por estes trabalhadores de choque!

Infelizmente, não posso assistir pessoalmente ao vosso plenário, embora o desejasse. Mas peço-vos que transmitam aos seus participantes as minhas saudações e os meus mais cordiais votos de um trabalho frutuoso e de êxitos cada vez maiores para o bem-estar da nossa pátria.

Publicado em:
*Narodna mladej*, n.º 83,
de 7 de Dezembro de 1946.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XII.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 430-435.

# IMPÕE-SE UMA DETERMINADA REORGANIZAÇÃO DO SECTOR PRIVADO DO COMÉRCIO E DA INDÚSTRIA

*ENTREVISTA COM OS MEMBROS DA UNIÃO DOS COMERCIANTES BÚLGAROS A 27 DE JANEIRO DE 1947*

A dificuldade e a complexidade das tarefas que se apresentam ao governo residem no facto de a Frente da Pátria e o governo deverem coordenar os interessse do Estado, os interesses nacionais e os do sector privado. Sabem perfeitamente que o nosso princípio director é actuar de modo a que essa coordenação salvaguarde os interesses nacionais e os do Estado. Seguindo esta linha de conduta tendente *a salvaguardar o interesse público e os interesses nacionais* não só para hoje, como para amanhã, e depois de amanhã, não só para a nossa geração, como também para os nossos filhos, determinados interesses privados serão relegados para segundo plano. É inevitável e todas as pessoas razoáveis, bem como todos os comerciantes búlgaros, devem concordar com isso e resignar-se — têm de se resignar, não há nada a fazer. Nesta coordenação dos interesses do Estado e de todo o povo com os interesses privados dos comerciantes e de outros trabalhadores no domínio da economia, impõe-se *uma determinada reorganização mesmo no sector privado do comércio e da indústria.*

Considero, por exemplo, que não seria de interesse para o nosso país, para o nosso povo, que o abastecimento, o aprovisionamento em géneros alimentares, os restaurantes, os hotéis, etc., continuassem por muito tempo na esfera do sector privado. Devem compreender que tudo o que toca a

saúde do povo, tudo o que diz directamente respeito aos interesses de todo o povo, deve passar gradualmente para as mãos do Estado, que tem a obrigação de utilizar a experiência de organização dos comerciantes. Estou persuadido de que haverá ramos no nosso comércio em que confiaremos nos comerciantes de hoje — organizadores competentes, honestos e experimentados — as funções de direcção e de chefes de algumas empresas de Estado, municipais, cooperativas ou serviços públicos. Nesses casos, serão muito melhor remunerados e terão uma situação social mais segura do que até ao presente, quando, trabalhando de manhã à noite, não conseguem muitas vezes ter à justa para viver, são atormentados pela incerteza do amanhã e com isso sofrem moral e materialmente.

Peço-vos, a vós que estais pessoal e directamente interessados e que conheceis melhor as coisas do que os nossos funcionários-burocratas do aparelho governamental, que reflitais bem onde e em que domínios da economia se deve conceder uma maior iniciativa ao sector privado, assegurar-lhe terreno para que não tenha de temer o futuro, e em que ramos e sectores do comércio a iniciativa privada deve ser limitada ou mesmo definitivamente liquidada no interesse de todo o povo búlgaro. Sois capazes de o fazer melhor do que determinados burocratas do aparelho de Estado. Peço-vos, e apresento a tarefa às vossas corporações e à vossa própria união, que estudem objectiva e tranquilamente, sem considerar os estritos interesses privados e não tendo apenas em conta o presente, porque vivemos com grandes perspectivas no futuro, e que digam ao governo com precisão, clareza e provas, em que sectores ou ramos o comércio privado deve ser encorajado, e em qual deve ser limitado, por necessidade e em consequência desta política de economia nacional que prosseguimos; e os homens que aí trabalham não se devem lançar no desespero, considerar-se inúteis e perder-se, mas, pelo contrário, devem readaptar-se *a tempo, e com o nosso auxílio encontrar um emprego num outro sector* onde o seu trabalho seja mais seguro e onde possam assegurar o seu próprio futuro e o dos seus filhos. Nessa altura, uma grande parte dos problemas que tanto vos preocuparam até agora, estarão solucionados.



Quanto às condições na competição entre o sector privado e o sector público, é preciso afirmar que não poderá haver, é claro, uma igualdade absoluta. Não se devem ter ilusões. As empresas do Estado e os serviços públicos beneficiarão de uma certa prioridade.

Neste caso a tarefa não consiste em estabelecer igualdades, mas sim em permitir que os nossos comerciantes mostrem a sua capacidade de organização que será equitativamente remunerada.

As declarações e os termos gerais, bem como o vosso descontentamento, não conduzirão por si só ao resultado desejado. Muitos desses problemas que aqui expõem, considero-os justos, mas é preciso que sejam apresentados de maneira absolutamente concreta.

Na minha opinião uma parte dos nossos comerciantes, organizadores capazes, deixarão de o ser no futuro, mas devem encontrar o seu lugar nas empresas comerciais de Estado e outras, um lugar a que têm direito. Existem países, mesmo a oeste, onde antigos industriais e comerciantes ocupam, presentemente, o posto de directores de empresas de Estado e de serviços públicos e vivem melhor do que antes [3].

Há domínios em que, nas condições de uma colaboração e competição com os serviços públicos e com as organizações do Estado, os comerciantes do sector privado continuariam a desenvolver as suas actividades no interesse comum do povo, beneficiando ao mesmo tempo da assistência e da protecção do Estado.

Não queremos estatizar completamente o comércio privado, porque, para já, não se obterão resultados apenas pelo aparelho de Estado.

Eis a tarefa que se nos apresenta a nós, enquanto governo, e se apresenta a vós, comerciantes.

Sucede o mesmo com o comércio externo.

Uma parte do comércio externo será, de facto, monopólio do Estado. Mas pergunto-me: não será possível utilizar nesse monopólio de Estado os vossos comerciantes experientes que têm relações com o estrangeiro? Concederemos aos comerciantes especialistas do sector privado todos os privilégios e

possibilidades de exportar para que, também eles, possam viver e assegurar o seu próprio futuro e o dos seus filhos — no âmbito dos interesses gerais da economia nacional e, o que é mais importante, para que auxiliem pelas suas relações e capacidades o alargamento do nosso comércio externo.

Presentemente, adoptamos uma nova linha, a saber, que o pessoal técnico e os engenheiros não sejam tratados como simples empregados na nossa indústria e no aparelho de Estado, como até agora sucedia, mas que tenham determinados privilégios, melhores ordenados, boas condições de vida e de trabalho, possibilidades de avançar. Tudo isso é ditado pelos interesses da nossa economia nacional.

*O nosso Estado torna-se ele próprio proprietário e comerciante.* Todos se devem inclinar perante este facto. Neste sistema, a iniciativa privada deve encontrar o seu lugar, e um lugar que lhe permita, graças às suas capacidades, um pleno desenvolvimento. Há pessoas que têm concepções velhas e ultrapassadas e que pensam que isto seria incómodo, mas não há nada a fazer, não se pode sacrificar os interesses nacionais aos interesses particulares.

Acompanho de perto o vosso jornal e compreendo perfeitamente que, entre vós, a incerteza do amanhã resulta do facto de não verem claro nos nossos problemas económicos. Isso não pode continuar assim. Isso não só vos prejudica, como também prejudica o nosso Estado, a economia nacional. Tudo deve ser elucidado, precisado.

*Neste caso, não há lugar para demagogia.* O nosso poder não tem nada a ver com os governos do passado. Devem compreendê-lo bem. As nossas palavras não diferirão dos nossos actos. Tudo o que afirmamos, fazemo-lo, devemos fazê-lo, não prometemos o que é irreal. Por isso pedimos a assistência e a colaboração de todos os órgãos e categorias competentes do país. É por isso que presto a mesma atenção aos mais insignificantes telegramas que recebo, a todas as queixas para saber se são fundamentadas, se fornecem qualquer indicação ou aviso de alguma coisa. Muitas vezes dão conselhos muito preciosos sobre o que é necessário fazer e as medidas a tomar.

É assim que se apresentam as coisas em linhas gerais. Contamos com a vossa cooperação leal — no vosso próprio



**interesse, no interesse do bem-estar de todo o povo, para o desenvolvimento da nossa República Popular.**

Publicado em:
J. Dimitrov,
*Discursos, Relatórios, Artigos,*
t. III, 1947, pp. 492-496.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 21-25.

# AS CONDIÇÕES ESSENCIAIS DO REFORÇO DAS COOPERATIVAS AGRÍCOLAS

*DISCURSO PRONUNCIADO NA CONFERÊNCIA NACIONAL DAS COOPERATIVAS AGRÍCOLAS A 4 DE FEVEREIRO DE 1947*

Camaradas, a vossa primeira Conferência Nacional, a Conferência Nacional das Cooperativas Agrícolas, é um acontecimento extremamente importante, excepcional para o nosso país e muito especialmente para a nossa economia nacional. O governo segue há quatro dias, com o mais vivo interesse, os trabalhos desta conferência. Espera as vossas decisões que serão objecto de um aprofundado exame e ao qual dedicará a maior atenção — uma vez que o movimento das cooperativas agrícolas tem aos seus olhos uma importância histórica.

Constatamos com satisfação que durante o breve período da sua existência estas cooperativas agrícolas registaram progressos positivos e que os pioneiros neste domínio, tão importante para o nosso país, trabalham com um grande entusiasmo, animados pelo amor à pátria, dedicando todas as suas forças e as suas capacidades ao desenvolvimento e ao florescimento da nossa jovem República Popular.

Mas vocês mesmos compreendem que esta obra está ainda só no seu início.

É uma obra difícil, complicada, mas salutar para a nossa tão numerosa população rural, para o nosso país, cujo desenvolvimento foi atrasado por culpa da dinastia, da burguesia e dos fascistas. Agora, camaradas, apenas se lançaram as bases. É sobre estas bases que vamos, que devemos, construir, trabalhando com o suor no rosto e sobretudo com

inteligência, com uma boa organização, com disciplina no trabalho e uma boa gestão.

Como vocês sabem, as nossas cooperativas agrícolas sofrem de uma série de debilidades e de insuficiências; muitos problemas ainda não foram esclarecidos. Ainda não se sabe como actuar em relação à organização das cooperativas agrícolas, à sua gestão, aos problemas práticos ligados ao seu crescimento e ao seu desenvolvimento, no que diz respeito às suas relações com os camponeses não-cooperativizados, às normas de trabalho, à remuneração, etc. Constatei com satisfação, e desejo revelá-lo aqui, que a Conferência não ignorou essas debilidades, insuficiências e problemas ainda não solucionados na vida das cooperativas agrícolas, não tentou encobri-los ou apresentar as coisas como se andassem sobre rodas, ao contrário do que sucede com determinados entusiastas descarados, mas que, com bom senso e seriamente, pôs o dedo na ferida, examinando essas debilidades e essas insuficiências, esforçando-se, na medida das suas possibilidades e capacidades e tanto quanto a experiência o permite, por encontrar os meios, por estabelecer as medidas concretas susceptíveis de apressar a supressão dessas debilidades, insuficiências e desses problemas no desenvolvimento e na actividade das cooperativas agrícolas.

*A tarefa actual é reforçar as cooperativas existentes e proceder à organização de novas cooperativas agrícolas,* depois, é claro, de uma preparação muito cuidadosa e de um exame aprofundado das condições locais e das possibilidades existentes. A tarefa actual é encontrar e aplicar as condições que, a um ritmo acelerado, possam consolidar as cooperativas agrícolas, já existentes. Estas condições são numerosas. Todavia, as mais importantes são, incontestavelmente, as seguintes: *primeiro, observar estritamente e com espírito de perseverança o princípio da adesão voluntária às cooperativas agrícolas.* Não se pode admitir neste domínio nenhuma coacção material ou moral, pois que vantagem teriam como cooperadores, que vantagem teria a cooperativa agrícola, ao englobar dessa maneira, por uma certa coacção, dez, vinte, trinta ou mais cooperadores, que aderiam contra vontade, sem alma, sem estarem profundamente convencidos? No melhor dos casos seriam um fardo, uma grilheta nos pés



da cooperativa agrícola; em muitos casos seriam sabotadores que minariam o interior dessa obra eminentemente útil ao povo.

*A segunda condição é educar sem descanso os membros da cooperativa num espírito de camaradagem e de cooperação no trabalho.* A tradicional exploração privada do solo — cada um por si e cada um contra todos — deixou-nos no domínio da economia rural muito individualismo, discórdia, egoísmo pessoal. Ora a cooperativa agrícola exige um espírito de camaradagem, de harmonia, de trabalho em comum e de cooperação. O trabalhador agrícola doente não pode fornecer o que os outros podem: é conveniente ajudá-lo. A camaradagem e a ajuda mútua são indispensáveis para que todos os trabalhadores possam produzir, cada um segundo as suas forças e as suas aptidões, fornecer o seu contributo à causa comum da cooperativa agrícola, permitindo deste modo ao trabalhador doente e menos apto para trabalhar receber mais bens, fornecer uma maior produção, obter um nível de vida material, moral e cultural mais elevado.

*A terceira condição muito importante é o trabalho honesto, dedicado, persistente de cada trabalhador.* Uma cooperativa agrícola não pode prosperar se em cem pessoas houver, digamos, 25 mandriões, preguiçosos, que não gostam do trabalho, clientes habituais das tabernas. Esse género de pessoas minam os alicerces da sua cooperativa agrícola, prejudicam-se a si próprios e aos seus filhos. É indispensável que cada trabalhador, cada membro da cooperativa agrícola, trabalhe honestamente, com dedicação e persistência.

*A condição seguinte, camaradas, é considerar como sua a cooperativa agrícola e ser-lhe dedicado.* Os membros da cooperativa agrícola devem considerar os bens, a produção, o gado de arrendamento (*), e todas as coisas de valor que ela possui como se fossem os seus próprios bens, e mesmo mais do que isso. É preciso considerar como bens pessoais e amar todos os bens pertencentes à cooperativa agrícola. Para evitar as debilidades e insuficiências do trabalho das cooperativas agrícolas é preciso que saibam que existe um meio muito eficaz:

(*) Forma de arrendamento do gado em que os lucros são repartidos entre o arrendatário e o criador. — *(N. do T.)*

*é a crítica e a autocrítica.* Entre nós pouco se liga à autocrítica e não se gosta da crítica. Algumas pessoas não gostam que as critiquem e ofendem-se com isso; também não gostam de se criticar a si próprias, nem sequer de reconhecer e corrigir os seus erros e fraquezas. No entanto, é preciso confessar *que no domínio da actividade económica não se poderia avançar sem uma atitude crítica para consigo mesmo e para com os outros, para com as suas próprias fraquezas e defeitos.* O factor mais importante de todo o progresso, de todo o avanço, é a crítica e a autocrítica. Trata-se, é claro, de uma crítica construtiva, de uma crítica não tendenciosa, pessoal, de conciliábulo, mas de uma crítica que encoraje, que auxilie a melhorar o trabalho da cooperativa agrícola em todos os sectores. Uma crítica sã, uma crítica construtiva sem fins pessoais, que não procure fazer distinções muito subtis, mas que permita a todos os membros da cooperativa agrícola avançar e assegurar o progresso da cooperativa como um todo.

*O problema dos quadros reveste-se de uma importância especial para o desenvolvimento e o reforço das nossas jovens cooperativas agrícolas.*

Vocês fizeram muitas vezes referência a este assunto e o problema foi examinado. São indispensáveis muito quadros — quadros dedicados e experimentados; são indispensáveis dirigentes para as cooperativas agrícolas, e era preciso que em princípio fossem os presidentes e não os agrónomos. Na minha opinião as cooperativas agrícolas deviam ser dirigidas por um presidente responsável, que fosse eleito. O agrónomo qualificado, conhecedor do seu ofício e das suas funções, devia ser o braço direito do presidente da cooperativa agrícola. Formar presidentes, quadros dirigentes, preparar os nossos agrónomos, dos quais uma grande parte só tem uma fraca noção da complexidade das tarefas cooperativas, constitui um problema extremamente importante que deve ser resolvido sem demora. São indispensáveis chefes de brigadas, sem os quais é impossível um trabalho organizado e produtivo. São indispensáveis contabilistas para fazer a contabilidade das cooperativas. Sem contabilidade não pode haver ordem. *Sem uma boa contabilidade os membros da cooperativa não podem estar convencidos de que tudo está em ordem.* Sem contabi-



lidade seria impossível exercer o controle necessário sobre o trabalho efectuado, sobre os recursos da cooperativa, sobre o arrendamento de gado, sobre a divisão dos bens que nela são produzidos. O papel do contabilista nas cooperativas agrícolas é de uma importância excepcional.

Os tractoristas também são indispensáveis. Sabemos por experiência que uma grande parte dos nossos tractores se deterioram por não se saberem servir deles. Conheço um caso em que um magnífico tractor, absolutamente novo, explodiu e ardeu porque o tractorista não sabia servir-se dele.

Considero que será indispensável, com o auxílio dos respectivos organismos do Estado e de outras instâncias, criar cursos especiais para presidentes de quintas cooperativas, para contabilistas, para chefes de brigada, para tractoristas e para a qualificação suplementar dos agrónomos. É indispensável que a nossa Faculdade de Agronomia e as escolas agrícolas dêem assistência neste domínio; é preciso que haja uma cadeira sobre as cooperativas agrícolas na Universidade. É indispensável que as nossas escolas agrícolas encarem bem de frente esta obra mestra, que tenham um ramo dedicado ao seu estudo e que preparem quadros para esse efeito. É preciso que os alunos sejam convenientemente preparados para o trabalho nas cooperativas agrícolas.

No que diz respeito ao problema dos quadros, queria sublinhar, sobretudo, que os dirigentes das nossas cooperativas agrícolas deviam formar mais resolutamente novos quadros escolhidos no seio da juventude, entre os jovens dotados, dedicados, capazes e desejosos de se instruir. É claro que não devem ser jovens que julgam saber tudo e que olham o mundo desdenhosamente. Estes jovens quadros devem ser formados no maior número possível; é preciso auxiliá-los a adquirir rapidamente uma experiência prática; é preciso que com a sua inteligência, o seu entusiasmo juvenil, a sua saúde robusta e a sua energia inesgotável, façam sempre avançar as cooperativas, na via do progresso.

O papel das mulheres que trabalham nas cooperativas agrícolas é de excepcional importância. Devo dizer-vos que, embora me ocupe destes problemas, soube com espanto por ocasião da vossa Conferência Nacional, que a mulher cujo marido é membro da cooperativa não o é ela própria. E não

é membro, porque o seu marido o é. Participa nas reuniões sem ter o direito ao voto efectivo. Pergunto-vos: porquê? Porque é que uma força, como a que de um modo geral as mulheres representam no nosso país e muito especialmente nas cooperativas agrícolas, seria privada da possibilidade de participar plenamente na vida das cooperativas, quando as mulheres mostram muitas vezes uma melhor compreensão dos problemas práticos da cooperativa? Têm habitualmente, uma visão mais penetrante, um olhar mais atento; notam melhor certos defeitos, têm mais faro e notam a tempo aquilo que começa a apodrecer sem, no entanto, já o estar. Sabemos que nas nossas famílias camponesas, sobretudo nas antigas «zadruga», e até mesmo agora, a avó é o principal conselheiro da família rural e, muitas vezes, é ela que comanda. Embora o seu homem possa de vez em quando bater-lhe — infelizmente ainda se produzem casos destes — quando se trata de um assunto importante como, por exemplo, saber o que é que se vai semear, como é que se vai semear, o que é que se vai produzir, onde e quando é preciso lavrar, ou ver o que é que se vai vender e como, é a ela que o marido recorre. E isto não sucede por acaso. Anteriormente as mulheres não tinham os mesmos direitos que os homens, como sucede actualmente, mas a experiência feminina e a necessidade obrigavam o homem a escutar a mulher *porque a maior parte das mulheres conhecem melhor o assunto do que muitos homens*, que gostam de correr as tabernas, de beber um copo e de esclarecer os problemas da grande política estrangeira. As intervenções das camaradas Maria Duchkova, Dobra Popova, Raïna Spassova e de outras só confirmam o que acabo de afirmar. Peço muito especialmente aos dirigentes das nossas cooperativas agrícolas que, uma vez regressados às suas aldeias, ponham seriamente este problema na ordem do dia, o examinem, auxiliem as mulheres a trabalhar ainda mais activamente e atraiam as forças criadoras femininas para o trabalho nas cooperativas agrícolas.

Um dos grandes e importantes problemas das nossas cooperativas agrícolas *é o das suas relações com os camponeses não-cooperativizados*. Como sabem, estes constituem actualmente a grande maioria no nosso país. A política do nosso governo consiste em auxiliar estes exploradores agrícolas a



aumentar a sua produção e a melhorar o seu nível de vida material e cultural. Não deve existir nenhuma hostilidade entre as cooperativas e os camponeses não cooperativizados. Todavia, em muitos locais esta hostilidade existe. A normalização das relações mútuas entre as cooperativas e os camponeses não-cooperativizados, para que estas relações sejam boas e amigáveis, é uma tarefa que deve ser levada a cabo sem demora. É insuficiente limitar-se a determinada propaganda a este respeito, fornecendo esclarecimentos sobre a importância considerável da nossa economia cooperativa. É claro que devemos fornecer estes esclarecimentos, mas é muito mais importante estabelecer, por assim dizer, uma *colaboração entre as cooperativas agrícolas e os exploradores individuais* no domínio da produção. Como é que se pode realizar isto numa determinada aldeia, numa determinada região? Há vários processos. Mas na prática é conveniente encontrar métodos apropriados para cada região. A cooperativa agrícola, por exemplo, dispõe de um tractor. Porque é que não havia de ajudar os exploradores individuais com esse tractor, de maneira a que estes não tenham necessidade de lavrar os seus campos com o arado do nosso antepassado Adão ou com uma charrua? Pagarão alguma coisa à cooperativa por este serviço e acabarão por chegar a um acordo sobre este assunto. Deste modo a exploração individual será consideravelmente auxiliada. Sucede o mesmo com o que diz respeito à assistência agronómica. A cooperativa, por exemplo, tem um agrónomo; este deve dar também conselhos aos exploradores individuais. É preciso que a experiência que as cooperativas já conseguiram acumular também possa beneficiar os exploradores individuais. Também podem ser utilizados muitos outros meios, como por exemplo as iniciativas culturais organizadas para as cooperativas: serões, saraus, concertos, projecção de filmes, etc. *As cooperativas devem tornar-se o centro dessas relações com os exploradores individuais;* devem organizar a colaboração no domínio da produção de modo a que esta aumente tanto nas cooperativas como nas explorações individuais, facto que beneficiará a nossa economia nacional em geral. Será isto possível? É perfeitamente possível. É claro que há uma oposição raivosa que levantará obstáculos, há, nas aldeias, maldizentes inve-

terados que se irritarão; mas tudo isso será vencido se os camponeses cooperativizados e os exploradores individuais se derem as mãos. Quando se trabalhar assim e as cooperativas agrícolas se reforçarem continuamente e fornecerem uma maior produção, quando a situação material e cultural dos seus membros melhorar nas aldeias e em regiões inteiras, etc., então, os exploradores individuais convencer-se-ão cada vez mais de que a cooperativa corresponde aos seus interesses e persuadir-se-ão na prática de que, também eles, devem aderir a ela. Deste modo, centenas de milhares de exploradores agrícolas aderirão a pouco e pouco às cooperativas agrícolas, porque não há homem sensato — e os nossos camponeses são por natureza razoáveis e a maior parte pensa com muito bom senso — não há homem sensato que fuja daquilo que está certo. Se o nosso camponês vir que a obra empreendida é boa, torná-la-á sua sem demoras e com entusiasmo, porque será no seu próprio interesse, no dos seus filhos e, no futuro, beneficiará o povo.

O Estado dá e continuará a dar a sua assistência para o reforço e o desenvolvimento das cooperativas agrícolas. Mas não se deve esquecer que esta assistência tem limites, primeiro porque o Estado deve realizar, com a sua participação e com o auxílio do nosso povo, um plano económico bienal que prevê a industrialização e a electrificação do país. Ora a industrialização e a electrificação são úteis às próprias cooperativas agrícolas e a toda a nossa população rural.

Segundo, eu também me oponho a que se forneça uma assistência pecuniária sem discernimento às nossas cooperativas agrícolas, e isto por uma outra razão importante. Se estas se habituarem a viver com a assistência do Estado, não se desenvolverão de maneira independente, não poderão agir por sua própria conta. Devem contar acima de tudo com as suas próprias forças, com o seu próprio trabalho, com o seu entusiasmo, com o seu heroísmo. Permitam-me uma comparação. Porque é que a Bulgária está tão atrasada do ponto de vista industrial? Já se interrogaram porque é que nós somos um país tão atrasado? Porque todas as vezes que a burguesia búlgara, no poder até ao 9 de Setembro, edificava uma indústria, fazia-o à conta do Estado, ou seja, à conta do povo. Criava empresas industriais com os subsídios do



Estado, empresas industriais que muitas vezes dependiam do capital estrangeiro. Os nossos antigos governantes não tinham interesse em criar uma indústria nacional sólida. Agentes intermediários das firmas capitalistas estrangeiras, preferiam enriquecer-se rapidamente espoliando o povo do fruto do seu trabalho. Se enveredarmos por esta via, no que diz respeito às cooperativas agrícolas, estaremos a favorecer determinadas existências parasitárias. As nossas cooperativas agrícolas não teriam deste modo profundas e sólidas raízes económicas, não desenvolveriam as suas próprias forças e capacidades no domínio da economia rural e não utilizariam todos os recursos locais como se impõe. É por isso que vos recomendo e vos aconselho insistentemente: utilizem em determinada medida e razoavelmente o auxílio fornecido pelo Estado, mas contém acima de tudo com os vossos próprios recursos e actuem de tal modo que as cooperativas agrícolas se tornem bons auxiliares do novo Estado popular na edificação da economia nacional búlgara.

Receio estar a abusar do vosso tempo, mas uma vez que a vossa Conferência se realiza na véspera da assinatura do Tratado de Paz, permitam-me que diga algumas palavras sobre o assunto.

Como sabem, o Tratado de Paz, será assinado no dia 10 de Fevereiro em Paris. Com a assinatura do Tratado de Paz a situação internacional do nosso país depois da guerra ficará definitivamente solucionada. É o mérito real, o aspecto essencial do Tratado de Paz. Não me alongarei sobre o que significa a assinatura do Tratado de Paz para o nosso país. Todos se dão conta de que termina uma etapa do desenvolvimento do nosso país e de que se abrirão melhores perspectivas para um novo progresso, mais favorável e mais seguro, da nossa economia nacional.

O Tratado de Paz também contém determinadas condições, determinadas cláusulas, como se diz, que são duras. Sobre isso o governo encarregou a nossa delegação que vai assinar o Tratado de Paz em Paris de apresentar uma mensagem aos ministros dos Negócios Estrangeiros das quatro grandes potências, na qual será exposto o ponto de vista do povo búlgaro no que diz respeito a essas penosas cláusulas. O conteúdo desta mensagem foi publicado e, na verdade,

todos vós o conheceis. É verdade que o Tratado de Paz contém cláusulas penosas, mas qualquer pessoa sensata compreenderá que *as condições do Tratado de Paz poderiam ter sido cem vezes mais duras, para não dizer mais, do que o são actualmente, se não fosse a Frente da Pátria.* Teriam sido terríveis, insuportáveis, mortais para o povo búlgaro se não tivesse existido o movimento da Resistência, organizada pela Frente da Pátria durante a guerra, se não fosse o inestimável auxílio da União Soviética, se não tivesse existido a data histórica do 9 de Setembro, se não fosse a participação da nova Bulgária na guerra de libertação contra a Alemanha hitleriana... Se, camaradas, não tivesse sido a nossa política externa justa, democrática e pacífica, consequentemente seguida pela Frente da Pátria. Se tudo isto não tivesse existido, a situação da Bulgária poderia ser semelhante à terrível situação da Alemanha. Devemos estar reconhecidos à Frente da Pátria por o Tratado de Paz, apesar das suas cláusulas penosas, não ser catastrófico como os inimigos da Bulgária tão activamente se esforçavam por o tornar.

Devemos agradecer à Frente da Pátria o facto de a Bulgária não se encontrar na situação da Alemanha, que está esmagada, dividida, cujo futuro é incerto. É claro que se os Coburgo, se a nossa burguesia búlgara e os fascistas búlgaros não tivessem arrastado a Bulgária para as garras de Hitler, se a Bulgária tivesse estado do lado das Nações Unidas durante a guerra, teríamos participado, como a Jugoslávia e outros países, no regimento da paz internacional e não teríamos estado expostos a assumir esses encargos. Sabemos perfeitamente a quem cabem a culpabilidade, a culpabilidade histórica e a responsabilidade. Nestas condições, a atitude dos chefes da oposição que se esforçam por dissimular, por esconder a responsabilidade dos Coburgo, da burguesia e dos fascistas nas penosas cláusulas do Tratado de Paz, e por a lançar sobre a Frente da Pátria, é absolutamente indigna e destituída de escrúpulos.

Camaradas, a tarefa actual não consiste em lamentarmo-nos por causa das cláusulas difíceis do Tratado de Paz, mas em trabalhar incessantemente para diminuir e vencer com o menor sofrimento possível estas penosas cláusulas por ocasião da aplicação do Tratado de Paz. Para este efeito são



necessárias três condições principais. A primeira condição, é uma firme união do povo sob a bandeira da Frente da Pátria. A segunda condição, é o prosseguimento consequente e resoluto da nossa política democrática e pacífica com o estrangeiro. E a terceira condição, é a de assegurar todas as condições para um trabalho criador do povo e para a edificação e o desenvolvimento da nossa amada República popular.

Ao saudar-vos em nome do governo, em meu próprio nome, em nome do Partido Comunista Búlgaro e em nome de toda a Frente da Pátria, desejo-vos um trabalho incansável, disciplina no trabalho, bom senso e inteligência por ocasião da aplicação das medidas práticas na vossa actividade e amor, muito amor pela nossa amada pátria.

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo*, n.º 29,
de 6 de Fevereiro de 1947.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 48-61.

# AS PREVISÕES DO NOSSO PARTIDO FORAM BRILHANTEMENTE CONFIRMADAS

*DISCURSO PRONUNCIADO NA CONFERÊNCIA REGIONAL DO PARTIDO, EM SÓFIA A 24 DE FEVEREIRO DE 1947*

Camaradas:

Não tenho necessidade de sublinhar perante vós que lamento muito não ter tido a possibilidade de assistir a toda a Conferência Regional do Partido, sobretudo de não ter ouvido todas as discussões que se realizaram e o que elas fizeram sobressair de positivo e de negativo. Mas tanto quanto estou informado, em linhas gerais, permitam que me detenha sobre determinados problemas.

Como sabem, a principal preocupação da Frente da Pátria, do governo, do povo e sobretudo do nosso Partido era, até ao presente, solucionar finalmente a situação internacional do nosso país, para que se pudesse avançar seguramente e sem nenhuma hesitação para o progresso da nação búlgara.

A este respeito encontrámos muitos obstáculos e dificuldades. Ora hoje, como membro do Comité Central do nosso Partido e presidente do Conselho de Ministros da Bulgária, posso afirmar: conseguimos vencer todos esses obstáculos e dificuldades. A Bulgária assinou o Tratado de Paz com as Nações Unidas, a 10 de Fevereiro, em Paris. De facto, o governo búlgaro também foi, logo a seguir, reconhecido pelas duas grandes potências que até então se abstinham de o fazer. Em seguida, o nosso governo, a nossa Frente da Pátria, foram formalmente e «de jure» reconhecidos pela Grã-Bretanha. Hoje, a situação internacional da Bulgária, da nova Bulgária,

da Bulgária da Frente da Pátria, está no fundo solucionada. É por isso que o governo búlgaro se permite, depois da assinatura do Tratado de Paz em Paris, reivindicar os seus direitos de ser escutado e de ter a possibilidade de defender, por ocasião da conclusão do Tratado de Paz com a Alemanha, as suas justas e legítimas pretensões. A partir do momento em que a Bulgária tomou parte activa e eficaz na guerra de libertação contra o fascismo, a partir de Setembro de 1944 até ao final da guerra, temos o direito de também pretender uma parte das reparações da Alemanha, para indemnizar a Bulgária.

*Já foi vencida uma etapa.* Presentemente, a Frente da Pátria, o governo e sobretudo o nosso Partido *concentram a sua atenção na reconstrução do país, na utilização, para este fim, de todos os recursos naturais, materiais e humanos da nossa nação.* Como sabem, foi elaborado um plano económico bienal, a Grande Assembleia Nacional votou-o na primeira leitura. A 11 de Março examiná-lo-á em segunda leitura. Uma vez votada em primeira leitura, a lei do plano económico de Estado será examinada uma vez mais em todo o país pelos eleitores locais, com os trabalhadores activos da economia e outros, para que lhe sejam introduzidos melhoramentos, emendas e aditamentos eventuais e necessários. Sinto uma satisfação moral pelo facto de a Conferência Regional do Partido de Sófia ter reconhecido que esse plano não só é desejável e indispensável, como também real e realizável. Houve e voltará a haver alguns São Tomás incrédulos. Continuará a haver incrédulos, mas a parte sã e viva do nosso povo, ou seja, a classe operária, os camponeses, os intelectuais, na sua maior parte, não são incrédulos. Têm confiança nas forças do nosso povo, na força da nossa terra, nas forças dos recursos do subsolo da nossa jovem República popular e estão convencidos de que, com a energia necessária, com vontade firme e dedicação, *esse plano económico vai solucionar e reforçar a situação económica do nosso país,* tal como a sua situação internacional está em vias de ser solucionada e consolidada. Não há dúvidas de que também nesta via haverá grandes obstáculos e dificuldades. Mas não há dificuldades que os bolcheviques não possam vencer. Não há, no nosso país, dificuldades que o povo não possa vencer, esse povo que tomou o seu destino nas suas próprias mãos,



que constrói, cria e vive para si próprio e para os seus filhos e não para parasitas e ricaços.

Sabemos que o entusiasmo e os «hurras» não podem por si só construir barragens, vias férreas, novas fábricas. Mas também é verdade que sem este entusiasmo, sem este ardor nos nossos corações não poderemos criar nada de importante.

*O papel do factor subjectivo é decisivo.* Ora qual é o factor decisivo no nosso país? É a Frente da Pátria — o coração, o cérebro, o motor, a vontade de ferro, encarnados antes de mais no nosso glorioso Partido Operário (Comunista). Este facto subjectivo deve estar no seu lugar, porque é dele que depende, em grande parte, a realização do plano económico e o desenvolvimento harmonioso do nosso país.

Aqui, quero chamar a vossa atenção para um problema particularmente importante. *É o problema dos quadros.* Por muita gente que se tenha, por muito corajoso que seja o povo e grande o entusiasmo, se não houver quadros que estejam nos seus lugares, não se conseguirão obter resultados bons e duradouros. Precisamos de quadros dedicados e capazes. É por isso que o nosso Partido, desde o Comité Central à última célula do Partido — organização de base —, *deve, actualmente, pôr em primeiro plano, no que diz respeito à vida interna do Partido, o problema dos quadros.*

*Primeiro,* é indispensável que os quadros efectivos, de que o Partido dispõe — quadros políticos, de propaganda, da vida cultural, económicos (engenheiros, agrónomos, arquitectos, etc.) — sejam distribuídos da melhor maneira possível, que lhes sejam confiados postos que lhes permitam desenvolver ao máximo as suas forças e capacidades com vista a realizar o nosso plano económico. Tendo em vista a actual distribuição dos quadros, será possível afirmar presentemente que os quadros da Frente da Pátria e do Partido estão totalmente empenhados, e de maneira racional? Não, não se pode. Constatamos a cada passo que há quadros que estão mal aproveitados. Deparo-me quase todos os dias com casos impressionantes. Observo, por exemplo, a lista do pessoal de uma das nossas legações, onde figuram um conselheiro de legação, um chanceler e um dragomano (*). Pois bem — um é

(*) Intérprete das legações e consulados no Oriente. — *(N. do T.)*

arquitecto e o outro engenheiro! Refugiaram-se numa enseada sossegada e desempenham as funções de dragomano e de chanceler. Casos como este de distribuição de quadros, há-os por todo o país. Quantos engenheiros não estão fora dos seus postos! Quantos agrónomos, arquitectos, construtores também não exercem a sua profissão! Razões nunca faltam, ora não há nenhuma justificação para este escandaloso estado de coisas, nenhuma!

*Segundo*, é o problema do aumento, da formação e da promoção de quadros. Os quadros não se formam apenas na Universidade ou nas escolas. Formam-se e devem ser formados por todas as outras vias. Mas acaso prestamos atenção suficiente à promoção dos quadros técnicos, dos instrutores, dos contramestres e dos operários especializados, no circuito de produção, na agricultura? Dezenas e centenas, para não dizer milhares de operários de choque com que hoje contamos, podiam vir a ser dentro de um, dois ou três anos, excelentes técnicos, contramestres, engenheiros, agrónomos, e ainda por cima saídos do povo. É necessário que o Estado, as organizações sociais e antes de mais o Partido, enquanto partido dirigente do nosso país, tome todas as medidas necessárias para aumentar o número de quadros capazes, dedicados ao povo e ao país, quadros do circuito produtivo, saídos do povo e que, conhecendo todos os seus sofrimentos e todas as suas preocupações, estejam dispostos a suportar todas as dificuldades e sofrimentos para levar o nosso país a bom porto. Sob este aspecto não temos iniciativas suficientemente estudadas. É necessário proceder a uma promoção mais ousada dos jovens, de novos quadros. Só se ouve por toda a parte uma objecção: «Ainda é jovem, não está bastante amadurecido e experimentado.» Mas notai que muitos desses jovens quadros, que não estão suficientemente amadurecidos e experimentados, se os auxiliarem como deve ser, se lhes assegurarem as condições necessárias, ficarão rapidamente amadurecidos e experimentados, dignos construtores da nossa República popular. Essa desconfiança, essa atitude céptica, por assim dizer, em relação aos jovens, aos novos quadros, aos jovens de ambos os sexos, deve desaparecer. É um obstáculo na via do aumento do número de quadros a um ritmo necessário à nossa construção. Tal como já sublinhei, *a nossa jovem República popular deve atingir, no espaço de 10-15 anos, aquilo que outros Estados realizaram em 100.* Se não conseguirmos fazê-lo, não poderemos realizar os nossos grandes ideais enquanto povo e Partido Comunista.



Impõe-se uma reeducação dos quadros! Uma reeducação dos filiados no Partido e na Frente da Pátria!

*É necessário elevar o nível ideológico e político dos quadros.* É preciso acabar com aquilo que constatamos em determinados locais onde os trabalhadores responsáveis se conduzem, tal como o revelei noutras ocasiões, como verdadeiros governadores e senhores em relação à população e àqueles que deles se aproximam. Esqueceram que são filhos do povo, que, ainda ontem, trabalhavam lado a lado com os outros operários e camponeses. Hoje, tornados presidentes de câmaras, chefes ou deputados, dão-se grandes ares.

É preciso que nos lembremos dia e noite que nós, os militantes do Partido, grandes, pequenos ou médios, somos os servidores do Partido, do povo, e não donos e senhores perante os quais todos se devem pôr em sentido. Se não quiserem escutar a voz da razão, esses senhores e governadores de qualquer espécie terão de ser destituídos e alguns dentre eles terão mesmo que ser expulsos do nosso Partido.

Em certos locais constata-se a existência de relações familiares entre os quadros dirigentes: dão-se bem, trabalham bem juntos, tanto e tão bem que acabam por dissimular as fraquezas e os erros. Somos a favor das boas relações, de um trabalho em comum, mas com uma base de princípio, no interesse do Partido, do povo, do país, e não a favor daquilo a que os russos chamam «a caução solidária», ou seja — eu defendo-te quando tu cometes erros, tu defender-me-ás quando eu os cometer. Se isso não existisse, quantos erros e fraquezas não teriam podido ser evitados no passado, e ainda hoje existem! Não se pode tolerar mais isso, é preciso acabar com isso. Tomo conhecimento, por exemplo, de fonte segura, porque várias vezes verificado, de que em determinadas organizações de partido os camaradas evitam a crítica com medo de terem aborrecimentos ao fazerem observações à direcção! Vêm a minha casa delegados, dão-me a conhecer toda a espécie de coisas, pedindo-me que o secretário não saiba de nada! Que ordem é esta, que moral é esta, que disciplina de par-

tido, se um membro regular do Partido não pode revelar, em consciência, um erro, um ponto fraco, sem recear aborrecimentos? A este propósito, é necessário tomar as mais enérgicas medidas.

Devemos saber que nenhum de nós, por muito inteligente que seja, pode avançar sem crítica e também autocrítica. O povo enquanto povo, enquanto nação, não se pode desenvolver sem crítica e autocrítica, se não se encorajar aquilo que é justo, são, se não se corrigir aquilo que é nocivo, que está podre. É precisamente nisso que reside a grande virtude da crítica e da autocrítica. É preciso dedicar, no futuro, uma atenção muito especial à educação ideológica e política de todo o Partido e acima de tudo à dos quadros, quero dizer mesmo de alto a baixo — do maior ao mais pequeno.

Notem bem que: *quase todas as nossas previsões no que diz respeito ao desenvolvimento do nosso país se realizaram brilhantemente.* Tínhamos declarado que se realizariam as eleições marcadas para 18 de Novembro de 1945. Apesar das afirmações dos nossos inimigos externos e internos, as eleições realizaram-se. Afirmámos que a monarquia seria derrubada e se instauraria uma república popular — e isto é já um facto consumado. Também afirmámos que a Grande Assembleia Nacional seria eleita, que elaboraria e adoptaria uma nova Constituição — e isso também é um facto consumado. Não fomos nós próprios que declarámos que apesar de qualquer espécie de atitude mal intencionada vinda do exterior e do interior do país, a Frente da Pátria seria reconhecida, que o seu governo seria reconhecido «de jure» e que com ele assinaríamos a paz? Tudo isto foi confirmado. Porquê? Porque é que tudo o que os chefes da oposição afirmavam falhou? Nós, os comunistas marxistas-leninistas, não somos absolutamente infalíveis, mas o que é que nos permite, a nós, ao nosso Partido, determinar e prever a evolução dos acontecimentos? É, como o sabem, a doutrina invencível de Marx e de Lénine, é a grande ciência do marxismo-leninismo. Porque, na ocasião em que o horizonte político se cobriu de nuvens e quando nele houve trovoada e tempestade, todos aqueles que não se inspiravam nesta doutrina, que não tinham esta bússola na mão, que não mantinham o farol iluminando a via do desenvolvimento, começaram a tremer: «A Frente da Pátria, os comunistas caem por terra, tudo cai por terra!» Ora nós tínhamos a bússola que nos permitia fazer uma análise científica do desenvolvimento social, da relação das forças que regiam os acontecimentos, conhecer a via do desenvolvimento destes últimos, estávamos absolutamente calmos, não tremíamos porque sabíamos que depois da chuva viria o bom tempo, que depois da tempestade viria a bonança.



Estávamos calmos, porque a nossa análise científica das relações entre as grandes potências e os pequenos Estados no mundo nos mostrava que naquele momento não era possível nenhuma ingerência externa. Sabíamos e sabemos ainda que os desentendimentos entre as grandes potências, por muito aborrecidas que sejam, não deixam por isso de ser naturais e não desencadearão uma guerra. E estávamos calmos quando nos ameaçavam com uma nova guerra, com uma ingerência na nossa política externa e interna. Quanto aos chefes da oposição, tinham ilusões acerca de uma ingerência estrangeira, sobre uma nova guerra! Toda a política e a táctica dos chefes da oposição assentava em areias movediças, por isso estão hoje atordoados. Devo afirmar que alguns dos nossos aliados, dos nossos companheiros fiéis na luta antes e depois do 9 de Setembro, sentiram muitas vezes as mesmas inquietações. Sosseguei-os mais de uma vez — estejam tranquilos, não há nada a recear. Trabalhemos em pleno acordo, tudo se solucionará. Por vezes aconselhava-os a estudar a ciência marxista dizendo-lhes que esta lhes pouparia muitas inquietações, muitos nervos, que lhes permitiria dormir tranquilamente quando as nuvens se acumulassem sobre as nossas cabeças. Como sabem, é o marxismo-leninismo que é para o nosso Partido esse farol que ilumina a via do desenvolvimento dos acontecimentos. Tal como o pão e o ar, é-nos indispensável. É certo que não basta aprender de cor, palavra por palavra, citações das obras de Marx e Lénine. Existem pedantes que as aprendem, repetem e citam a todo o momento para fazer alarde da sua erudição e, por assim dizer, do seu saber da grande doutrina do marxismo.

Ora é necessário compreender o sentido, penetrar na sua própria essência. Há marxistas que, sem ter lido todas as obras dos clássicos do marxismo, assimilaram a sua parte essencial e aprenderam a utilizá-la em todos os casos, no seu

trabalho prático, na sua actividade de partido, na edificação, etc. O marxismo deve ser estudado na sua essência, assimilado na vida com vista a objectivos práticos e imediatos, com vista à luta contra o inimigo, à defesa do 9 de Setembro, da nossa liberdade e independência nacional, da edificação da República popular.

Ao falar de quadros, é necessário abordar mais uma questão. Uma vez que o nosso Partido é constituído sobretudo por operários, camponeses, artesãos e intelectuais, também deve prestar uma grande atenção ao seguinte: a maior parte dos nossos quadros, muito especialmente os quadros do Partido, estão expostos, do 9 de Setembro até hoje, a uma incessante tensão física e nervosa. Sem falar daquilo que suportaram antes do 9 de Setembro, como guerrilheiros, militantes clandestinos, presos políticos nas prisões e nos campos de concentração, facto que teve os seus efeitos sobre o seu sistema nervoso e a sua saúde. Ao observar os nossos quadros nas conferências e nas reuniões de trabalho a que pude assistir, ao estudar as informações que me chegam da província, cheguei à conclusão de que uma parte, uma grande parte dos nossos quadros perderão, dentro em breve, muitas das suas capacidades de trabalho, outros tornar-se-ão inválidos, se o nosso Partido não tomar medidas enérgicas. É claro que o Partido não pode conceder umas férias prolongadas simultaneamente a metade dos seus militantes, para que estes possam descansar, tratar-se, etc.; é impossível. Todos devem trabalhar a um ritmo acelerado. É preciso, portanto, encontrar outros meios. É possível conceder sucessivamente aos vários militantes do Partido férias de curta duração. Um outro meio importante consiste em melhorar a organização do nosso trabalho, do trabalho dos comités dirigentes, em racionalizar a actividade destes últimos, em acabar com as longas e inúteis sessões para aliviar o trabalho dos secretários, dos dirigentes das diversas organizações locais, etc., aliviar, através de uma determinada racionalização, a sobrecarga da sua actividade à semelhança do que se faz na produção — aumentar a produção, mas não à custa dos operários.

Prossigamos. É necessário tomar determinadas medidas, de maneira organizada, a fim de melhorar a situação material e cultural dos quadros. Não é possível conceder vencimentos



elevados, tal como não é possível aumentar consideravelmente o ordenado dos funcionários na nova escala de vencimentos. É preciso proceder, graças aos cuidados do Partido e da sociedade, a um melhoramento da situação material e cultural desses dirigentes e militantes activos do Partido e da Frente da Pátria, que trabalham para o povo e não para eles próprios, um melhoramento material e cultural que lhes permita conservar a sua saúde e a sua capacidade de trabalho.

Falo dos militantes honestos, dedicados. Quanto aos outros, que procuram obter uma boa situação por vias indirectas e ilegais, esses devem ser eliminados. O Comité Central não pode dar aqui uma receita geral ou tomar uma decisão geral, mas essa orientação é absolutamente indispensável e deve estar de acordo com as condições concretas dos cuidados a conceder aos quadros, à sua saúde, à sua resistência. Porque a actual situação é intolerável: o número de doentes aumenta, tanto de tuberculosos como daqueles que sofrem de perturbações nervosas e outras, o número de trabalhadores cuja capacidade de trabalho diminui não pára de aumentar. É inadmissível, sobretudo no momento em que começamos a realização do plano económico do Estado.

Para não vos reter mais, queria terminar com um aviso: existem entre nós pessoas — e existem mesmo dentro do Partido — que pensam que, uma vez o Tratado de Paz assinado, o nosso país reconhecido e a nossa situação internacional em vias de solução, podemos ocupar-nos tranquilamente das nossas preocupações diárias. Nada disso. Os dirigentes da oposição perderam todo o contacto com a realidade. Mas há pessoas que, como representantes dos meios reaccionários, precisamente em consequência da sua ruína, estarão dispostas a a actos extremos e desesperados. A sua atitude em relação à Frente da Pátria foi até ao presente o ataque frontal — tomar de assalto o bastião da unidade popular. Agora que isso se torna impossível e sem perspectivas, recorrerão e, segundo as minhas informações, já estão a recorrer, à táctica e à política do cavalo de Tróia — se é impossível tomar a fortaleza de assalto, tendemos apoderar-nos dela pelo interior à semelhança dos antigos gregos que, por meio do cavalo de Tróia, se apoderaram da fortaleza.

É preciso que, presentemente, não sejamos menos vigilantes do que antes da assinatura do Tratado de Paz. Temos de tomar medidas nessè sentido contra as tentativas de determinados elementos de penetrar na Frente da Pátria e no nosso Partido para, adoptando a táctica do cavalo de Tróia, o desagregar. Presentemente, é preciso que estejamos mais atentos do que no passado em todas as organizações do Partido, porque o perigo que nos ameaça, que ameaça o nosso Partido e a Frente da Pátria, não vem de fora. Não! O perigo, tanto quanto existe, vem do interior, do verme da degradação no próprio seio da Frente da Pátria, dos partidos da Frente da Pátria, incluindo o nosso. É por isso que devemos resistir, que devemos atacar qualquer elemento corrupto nos seus costumes, qualquer oportunismo e qualquer outra manifestação nociva e tomar medidas que visem o reforço cada vez maior das organizações do nosso Partido. Todas as medidas, a este propósito, devem ser tomadas pelos partidos e pelo governo, pelo exército e pelas organizações sociais e culturais — por toda a parte.

E, finalmente, numa conferência como a vossa em que se submetem à crítica e à autocrítica determinadas insuficiências e fraquezas e em que se toma a resolução de estabelecer o plano da actividade da nossa organização de partido, é preciso proceder a um trabalho que vise explicar em todas as organizações de partido e sobretudo nas aldeias, o que devemos fazer, as medidas a tomar para eliminar essas insuficiências e essas fraquezas. Tenham vista que na actual situação são numerosos os candidatos desejosos de aderir ao nosso Partido. São numerosos aqueles que querem introduzir-se nas fileiras do nosso Partido, encontrar, por assim dizer, um abrigo para si mesmos, para as suas intenções e interesses pessoais. Já o sublinhei noutras circunstâncias ao Comité Central e também o queria assinalar aqui — não aceitem desordenadamente membros dos outros Partidos nas fileiras do nosso embora jurem que são comunistas e que desejam aderir ao nosso Partido. Que sejam comunistas, agradecemos-lhes, que trabalhem pois para o Partido, mas não os aceitamos pelo menos antes de um ano. O nosso Partido não tem necessidade de membros pouco seguros. Podem-se abrir algumas excepções, mas para pessoas que provaram ter-se tornado realmente comunistas. Não



temos necessidade de emigrantes e, na minha opinião, até nos devemos desembaraçar deles (dirigindo-se ao camarada Nicolas Dontchev: «Tanto quanto sei, também os há?»), devemos desembaraçar-nos dos falsos comunistas e não aceitar novos.

Camaradas:

Desejo-vos os maiores êxitos na realização das decisões da conferência e dirijo um apelo para que nos lancemos resolutamente ao trabalho, a um trabalho sério, sólido, criador, para realizar antes de mais o plano económico, para que possamos, quando nos virmos, no próximo ano, na conferência regional, felicitar-nos por novos e grandes êxitos — êxitos que garantam ao nosso povo novos progressos na realização do maior ideal dos povos — o socialismo.

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo*,
de 1 de Março de 1947.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1953, pp. 81-95.

# EM FRENTE PELA REALIZAÇÃO DO PLANO BIENAL

## *APELO DO 1.º DE MAIO*

O governo da República Popular da Bulgária saúda cordialmente todos os cidadãos e cidadãs búlgaros das cidades e das aldeias, todos os homens e mulheres e jovens do trabalho manual e intelectual, por ocasião da grande festa do trabalho e da solidariedade internacional dos trabalhadores de todo o mundo — o 1.º de Maio.

Este ano o nosso povo festeja o 1.º de Maio sob o signo da mobilização de todas as forças e recursos com vista a realizar o plano económico bienal de Estado — penhor da independência económica e da soberania da nossa jovem República popular.

O entusiasmo no trabalho conquista hoje todo o país, e em primeiro lugar a classe operária com os seus numerosos operários e operárias de choque, assim como a valente juventude democrática, e os resultados obtidos durante a emulação por ocasião do 1.º de Maio demonstram claramente que *o plano pode ser e será realizado, no interesse da nossa pátria e apesar dos seus inimigos internos e externos.*

A Frente da Pátria e o seu governo estão plenamente conscientes das dificuldades que poderiam surgir durante a realização do plano. Estas dificuldades tornam-se cada vez maiores devido às sequelas de dois anos de seca. Mas a Frente da Pátria e o governo estão persuadidos de que estas dificuldades serão vencidas pelos esforços comuns de todo o povo e com a assistência dos povos amigos.

Pondo em prática a sua declaração de 28 de Novembro de 1946, o governo vai acelerar o alargamento da cooperação económica, cultural e política com todos os países democráticos, grandes ou pequenos, sobretudo com a poderosa União Soviética, por duas vezes libertadora do povo búlgaro, e acelerar também os preparativos para a assinatura de tratados duradouros de amizade e de ajuda mútua antes de mais com a Jugoslávia, com a nossa vizinha do norte, a Roménia, bem como com a Checoslováquia e a Polónia. Seria uma garantia segura da liberdade, da independência e da soberania da República Popular da Bulgária contra qualquer ataque, venha este de onde vier. O nosso povo crê que a vitória da democracia na Grécia também tornará possível o estabelecimento de boa vizinhança entre os nossos países e contribuirá para a consolidação da cooperação fraterna entre os povos balcânicos.

O nosso povo acolhe com uma grande satisfação o facto de milhares de novos eleitores que votaram pela oposição nas eleições para a Grande Assembleia Nacional, começarem hoje a colaborar com a Frente da Pátria e terem uma participação local cada vez mais activa nos esforços comuns pela realização do plano. Mas também constata com indignação que determinados meios do nosso país procuram desacreditar por todos os meios o plano económico, sabotar a sua realização, semear a perturbação e a desconfiança através dos seus órgãos do alto da tribuna da Grande Assembleia Nacional e por todas as vias, com intrigas, calúnias e boatos alarmistas de toda a espécie, ameaçando-nos de uma ingerência estrangeira nos negócios internos do nosso país.

É claro que permitir que uma minoria de grandes especuladores e pessoas que vivem dos rendimentos, de antigos politiqueiros falidos, carreiristas e provocadores políticos enraivecidos, entravem e destruam a grande obra criadora do povo por causa dos seus interesses egoístas e cúpidos e das suas considerações e cálculos estranhos ao povo, seria trair os interesses supremos e o futuro da nação. Não foi para isso que o povo obteve a sua histórica vitória do 9 de Setembro, depois de uma luta tão dura e à custa de tantos sacrifícios.

Ao realizar a vontade do povo e ao apoiar-se no seu poderoso auxílio, o governo está firmemente decidido a acabar definitivamente com estes actos de traição. Todos os sabotadores declarados ou secretos do plano económico, todos os conspiradores que tramam contra o poder popular e a política externa pacífica e democrática que ele prossegue, sentirão o justo rigor das leis da República popular, sem contemplações pela sua posição social ou pela sua condição.



A triste época em que o nosso país não passou de um satélite das forças imperialistas estrangeiras, quando foi transformado em reduto para as agressões contra o nosso mais fiel amigo e defensor, o grande povo russo, está para sempre terminada. O povo búlgaro que a 9 de Setembro se tornou o único senhor do seu destino e do seu próprio país, jamais permitirá, por preço algum, que esse passado seja restaurado. Não se porá de joelhos, nem capitulará perante os cartéis e os consórcios imperialistas. Hoje, quando o povo búlgaro não está só e isolado como no tempo do regime fascista, quando ganha cada vez mais amigos em todo o mundo e quando as forças da democracia mundial aumentam sem cessar opondo-se à reacção imperialista e aos fautores de novas guerras de agressão, não se deixará influenciar pelos conselhos de vários cobardes e derrotistas.

Nada conseguirá desviar o nosso povo da sua justa via, confirmada por toda a sua experiência histórica. Jamais renunciará ao seu papel *de elemento sólido da paz e da democracia nos Balcãs e na Europa.* A sua política democrática interna e externa baseia-se na cooperação internacional para o estabelecimento de uma paz duradoura no mundo. Apesar das dificuldades temporárias, essa política justa triunfará, porque corresponde aos interesses do povo e aos interesses de todos os povos pacíficos e amantes da liberdade.

De 9 de Setembro até agora, sob a direcção da Frente da Pátria, o nosso povo, venceu enormes dificuldades no domínio da política externa e interna. Os seus êxitos neste aspecto são evidentes e não são contestados por nenhum observador imparcial. Constituirão, na história da Bulgária, páginas extremamente preciosas que as nossas gerações futuras lerão com um verdadeiro entusiasmo e uma profunda satisfação moral. *Não há dúvidas de que o nosso povo conseguirá vencer também as dificuldades futuras com não menos êxito. Para isso é necessário que exista uma inabalável unidade do povo, um trabalho persistente, uma confiança nas forças e no futuro*

*do nosso povo, nervos sólidos, uma luta intransigente contra o fascismo e a reacção, um infinito amor pela pátria.*

No 1.° de Maio, o nosso povo valente e trabalhador, instruído por um amargo passado, vai manifestar tudo isso de um modo evidente, nas cidades e nas aldeias, até à última cabana do nosso país.

*Em frente, com todas as forças, pela realização do plano bienal — pelo progresso do nosso país e pelo bem-estar do povo!*

*Viva a cooperação internacional na luta contra os fautores de novas guerras de agressão, por uma paz duradoura!*

*Viva a Frente da Pátria, guia dos destinos do povo búlgaro!*

*Viva a República Popular da Bulgária!*

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo,* n.° 98,
de 1 de Maio de 1947.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 123-127.



# DE MÃOS DADAS, SEMPRE EM FRENTE, CONTRA TODA A OPOSIÇÃO!

*ENTREVISTA COM A DELEGAÇÃO DAS MULHERES DO DISTRITO DE KARLOVO, A 6 DE MAIO DE 1947*

Como sabeis, pois já o afirmei por mais de uma vez, a Frente da Pátria e o seu governo contam muito com as mulheres búlgaras e têm confiança nelas. Também hoje, vindas de muitas aldeias do distrito de Karlovo, representais um magnífico quadro de valentes búlgaras, com vontade firme, desejosas de participar na obra comum, com confiança nas suas próprias forças, nas forças do nosso povo, dispostas a vencer todas as dificuldades para que a nossa pátria possa chegar a bom porto. Para mim pessoalmente, para o governo, bem como para a Frente da Pátria, é uma grande satisfação moral, um novo impulso na luta pela edificação total e pela prosperidade da nossa República popular.

*Pessoalmente, não temos medo das dificuldades, mas quando constatamos que o povo, sobretudo as mulheres e as jovens como vocês, também não têm medo das dificuldades e estão dispostas a sacrificar o seu tempo, o seu trabalho e as suas forças pelo seu próprio bem, pelo bem do povo e da República popular, então o governo e os dirigentes da Frente da Pátria também estarão nos seus postos de responsabilidade mais firmes e mais seguros do que nunca.*

Existem no nosso país pessoas que, como sabeis, não têm confiança nas forças do povo búlgaro. O povo búlgaro é pequeno e fraco, dizem eles, enquanto os americanos, lá do

outro lado, têm a bomba atómica, são ricos, poderosos. Alguns deles estão equivocados, mas outros são mesmo inimigos — ameaçam propositadamente, procuram impedir a realização do plano bienal de Estado, obstaculizam por todos os meios os êxitos da nossa República popular. Ora *a grande maioria do nosso povo* — vimo-lo perfeitamente no 1.° de Maio em todo o país e vós próprias sois actualmente a expressão viva do entusiasmo do nosso povo — *está firmemente decidido a vencer todas as dificuldades para garantir a liberdade, a independência e a felicidade do nosso país.* Fixai bem: apesar de todas as ameaças que vêm do estrangeiro, *construiremos a nossa própria casa, como o nosso povo o entender e quiser, de acordo com os seus interesses e as exigências do seu futuro. Aquilo que o nosso povo determinou, realizá-lo-á com os esforços comuns de todos nós.*

*É preciso que estejamos unidos, que não permitamos que essa unidade do povo seja abalada, que avancemos sempre, confiantes em nós próprios.*

É verdade que o povo búlgaro é pequeno, mas é grande pela sua vontade de ferro, pela sua força espiritual inabalável, pela sua fé na verdade e na justiça, é grande pelos talentos e pelos dons que as nossas cidades e as nossas aldeias encerram. Sobretudo nos campos que são uma verdadeira terra virgem que deve ser cultivada para produzir frutos abundantes. Esta terra virgem será desbravada no momento presente graças à benéfica influência da nossa cultura material e espiritual sempre crescente, e dentro de alguns anos constatareis a prosperidade dos nossos campos, onde tantos camponeses e pequenos aldeãos desenvolverão os seus grandes talentos para o bem-estar do nosso povo.

*Pelos vossos próprios esforços heróicos e pelos de todo o povo búlgaro, todos nós, animados de um amor maternal pelos nossos filhos e para com os grandes actos criadores, venceremos os nossos inimigos externos e internos.* Tanto mais que não estamos sós. Temos amigos poderosos, a União Soviética em primeiro lugar, amigos fiéis e desinteressados como a Jugoslávia, a Polónia, a Checoslováquia, a Roménia democrática e muitas forças democráticas na França, na Inglaterra, na América, em todo o mundo. Se nos lançarmos



arduamente ao trabalho e desenvolvermos todos os nossos esforços, poderemos, apoiando-nos simultaneamente no auxílio que nos dão os nossos irmãos russos e que poderão dar-nos os outros povos eslavos e democráticos, vencer ainda mais facilmente todas as dificuldades e encontrar o caminho do bem-estar e da felicidade do povo.

*Nunca devemos esquecer que a vinha necessita da enxada e não de orações!*

A nossa via é rude e ainda só estamos a meio caminho. A outra metade é evidentemente difícil. Estamos um pouco cansados, as forças abandonam-nos. Temos portanto de recuperar as forças para trepar ao cume. Quanto maiores forem os nossos esforços, tanto mais rapidamente o conseguiremos. Enquanto tivermos um povo como o nosso, e posso afirmá-lo sem vos estar a elogiar — *enquanto tivermos mulheres como vós, não há nada a recear,* embora existam, aqui e ali, alguns São Tomás incrédulos que tremem quando o horizonte se cobre de nuvens e quando a tempestade estoira, quando fulano no estrangeiro pronuncia um discurso ameaçador. Não pertencemos a essa categoria de seres incrédulos e cobardes. A maior parte do nosso povo não é dessa laia.

*O povo búlgaro não é cobarde, é de constituição sólida. As dificuldades existem, mas com os nossos esforços e com o auxílio que os nossos amigos dos países irmãos nos dão vencê-las-emos.* O número dos nossos amigos aumenta todos os dias. As forças da democracia mundial aumentam, porque tudo aquilo que tem falta de seiva, tudo aquilo que não tem raízes profundas e sólidas, e a reacção não as tem, não pode existir. A reacção pode, durante um certo tempo, criar obstáculos, pode, em determinados sítios, tentar picar como a serpente, mas não consegue obter êxitos duradouros. Quanto à nossa República popular, ela é jovem e as suas raízes são profundas, cheias de seiva, por isso o seu futuro é radioso.

Viva a República popular!

Peço-vos que transmitais aos vossos concidadãos as mais calorosas saudações e os melhores votos da parte do nosso governo e da minha parte, e que vos lembreis, nos momentos de dúvidas, de dificuldades e de aborrecimentos, da Frente da Pátria e do seu governo que continuam no seu posto, que

velam e estão prontos a socorrer todos os fiéis filhos e filhas do povo na infelicidade do momento.

Sempre em frente, de mãos dadas, contra toda a oposição!

Publicado em:
J. Dimitrov,
*Discursos, Relatórios, Artigos*,
t. III, 1947, pp. 552-555.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 130-133.



# A PALAVRA IMPRESSA É UMA ARMA PODEROSA

*DISCURSO PRONUNCIADO A 18 DE MAIO DE 1947 PERANTE O CONGRESSO DOS TIPÓGRAFOS E DOS OPERÁRIOS DA INDÚSTRIA DO PAPEL*

Camaradas:

Permitam-me que em primeiro lugar saúde muito calorosamente em nome do governo e em meu próprio nome o vosso Congresso e, por seu intermédio, todos os tipógrafos e operários da indústria do papel no nosso país desejando-lhes o maior êxito na sua actividade pelo bem da nossa pátria. Faço-o com tanta maior alegria quanto, como sabem, a minha vida de militante começou nos vossos meios e ainda hoje estou ligado aos meus colegas por elos de sangue. Vejo aqui entre vós, entre os delegados e os convidados do Congresso, camaradas com os quais trabalhámos, fizemos greves e lutámos, camaradas com os quais recusámos resolutamente compor e imprimir calúnias descaradas contra a nossa valente classe operária.

Os tipógrafos têm gloriosas tradições no nosso movimento operário: essas tradições devem ser conservadas e desenvolvidas com entusiasmo ainda mais ardente, com uma firmeza e com uma confiança ainda maiores na realização das novas tarefas que cabem ao nosso povo e à classe operária.

Como sabem, a tarefa essencial de toda a nação que devemos cumprir, que a Frente da Pátria, o governo, a classe operária, os camponeses e os artesãos, os intelectuais saídos do povo e particularmente a vossa União devem realizar, *é a realização do plano económico bienal de Estado.* O que mos-

tra claramente a enorme importância deste plano para a Bulgária, para o seu futuro, para a consolidação da sua democracia popular, da sua liberdade e da sua independência nacional, é o facto de todos os nossos inimigos, no interior e no exterior, o atacarem e tentarem com todas as suas forças e por todos os meios à sua disposição, sabotar desde o próprio início a realização do plano, a execução desta obra considerável para o nosso país. Mas o nosso povo trabalhará para a realização do plano económico com uma vontade tanto mais inabalável, com uma energia, com uma firmeza e com uma resolução tanto mais fortes quanto mais os nossos inimigos se esforçarem por lhe criar obstáculos. *E há-de realizá-lo.* A realização do plano económico bienal no nosso país será como uma enorme roda de ferro que, accionada pelas mãos de aço do povo trabalhador, esmagará todas as oposições, todos os obstáculos, todos os actos de sabotagem que estiverem no seu caminho. O nosso povo, a Frente da Pátria e o seu governo não suportarão nenhum obstáculo ao desenvolvimento económico do nosso país, venha este de onde vier.

Não há actualmente maior crime contra o nosso país do que a ociosidade. Esta deve receber a mais rigorosa sanção moral, política e penal, porque se trata do destino do nosso país — a sua independência nacional e a segurança do Estado dependem antes de mais do seu poder económico —, não se pode tolerar um único sabotador, parasita, mandrião, inimigos declarados ou não da realização do plano económico. O nosso povo decidiu avançar, avançar sempre: não pensa de modo algum regressar ao passado ignominioso. *A sociedade encontrará a maneira de forçar a trabalhar* todos aqueles que puderem mas não quiserem fazê-lo.

Ainda existem no nosso país aventureiros e ingénuos deste tipo — obtusos e teimosos que continuam a ter a ilusão de que, dentro de um ou dois meses, ou um pouco mais tarde, a Frente da Pátria desaparecerá e os antigos charlatães, os governantes traidores e venais, as várias cliques parasitárias voltarão de novo a dominar o povo búlgaro. Estaria para haver uma modificação, estaria para se produzir uma intervenção estrangeira, estaria para ocorrer um milagre. Estes aventureiros e ingénuos incorrigíveis pensam que agora sucederá o mesmo que no passado em que a Corte, auxiliada pelas



forças do estrangeiro e aproveitando-se da desunião das forças populares, criava e proibia os partidos, derrubava e designava os governos. Como sabem, houve, em dois decénios, quarenta governos fantoches da Corte. Esse tempo é irrecuperável. O 9 de Setembro modificou totalmente a situação interna e internacional da Bulgária. Já não há Corte nem clique de palácio. O 9 de Setembro deu o poder ao povo na pessoa da Frente da Pátria. Depois do 9 de Setembro, já lá vão quase três anos, nunca recuámos, sempre avançámos para uma consolidação cada vez maior das posições do poder popular. Não existe um único observador imparcial do estrangeiro que, tendo visitado o nosso país, não tenha constatado essa consolidação sistemática e contínua das posições económicas, sociais e políticas do poder popular.

Digam-me, como é que este povo, este novo Estado, a nossa República popular, poderiam regressar à reacção e ao fascismo quando todos os cidadãos honestos e progressistas — operários, camponeses e artesãos, mulheres e jovens, intelectuais — se entregam, com um entusiasmo sem precedentes na nossa história, a um trabalho criador de utilidade pública e reforçam constantemente a sua vigilância contra os inimigos do povo. O último cidadão do nosso país deve compreender, por isso, que qualquer esperança de restauração, de modificação do nosso país, num futuro mais ou menos próximo, não passa, de uma vã ilusão! Todo aquele que alimentar essa esperança ficará amargamente desiludido. Todo aquele que tentar tramar conspirações e preparar um golpe de Estado no nosso país com forças estrangeiras queimará as mãos. A realização do plano económico vai aumentar ainda mais as forças da Frente da Pátria. A realização do plano económico é um factor tão poderoso que derrubará as principais forças da reacção e do seu antro político no país.

A vossa profissão, a vossa união, terão um papel particularmente importante a desempenhar na realização do plano económico. O desenvolvimento da tipografia, a produção de papel, estão entre os factores essenciais da realização do plano. Temos de produzir mais papel, criar uma melhor técnica de impressão porque os jornais, os livros, a literatura explicativa do próprio plano, são indispensáveis para mobilizar as forças populares, para as orientar com correcção.

É necessária uma literatura que seja capaz de elevar continuamente o nível de cultura do povo a um mais alto grau. É preciso enriquecer a cultura dos nossos operários e camponeses, das nossas massas populares. Porque, é preciso reconhecê-lo, nos mantivemos muito atrasados neste aspecto por causa da criminosa e venal política dos governos reaccionários e fascistas do passado.

É necessário reeducar as camadas atrasadas do povo num novo espírito democrático e progressista. É indispensável que nos eduquemos a nós próprios, que nos desenvolvamos: do maior ao mais pequeno elo da vida política e económica, do aparelho de Estado, da administração, das organizações sociais. Não vamos ficar petrificados no ponto em que estamos, porque se o fizermos, como a vida se desenvolve incessantemente, em vez de avançarmos, recuaremos. *A palavra impressa é-nos necessária enquanto arma poderosa da união cada vez mais sólida das forças populares contra os inimigos do interior e do exterior.* É preciso que reconheçamos que a nossa técnica de impressão está muito atrasada, facto que vocês, que trabalham no sector da impressão, sabem melhor do que ninguém. A maior parte das nossas tipografias ainda são primitivas e não podem assegurar uma qualidade suficientemente boa das obras impressas. Devo dizer com muita pena que, ao comparar algumas das nossas edições, não com as de grandes e poderosos países como a União Soviética, os Estados Unidos, a Inglaterra e a França, mas sim com edições da Jugoslávia, da Checoslováquia, da Roménia e da Hungria, constatamos que estas últimas, neste aspecto, são superiores às nossas. Vocês, tipógrafos, que trabalham neste campo, não podem deixar de sentir nascer em vós o profundo, o intenso desejo de ver melhorar o mais rapidamente possível a nossa técnica de impressão, a apresentação dos nossos jornais e livros, de os ver aparecer sem demasiados erros, e serem postos à venda a preços absolutamente acessíveis aos leitores. Ora temos de reconhecer que quase não conseguimos encontrar uma única edição sem erros graves e muitas vezes sem páginas trocadas.

Na minha opinião, além dos outros problemas de trabalho, relativos ao plano económico, o Congresso também se deve ocupar deste importante problema. O governo faz e fará



esforços para o fornecimento de máquinas que não podemos fabricar e que temos de importar. Mas quero salientar que, sob este aspecto, o essencial depende da vossa organização, do vosso trabalho, dos vossos esforços, da vossa dedicação em adquirir o domínio da vossa profissão.

Também neste caso, *o problema fundamental é o dos quadros.* No nosso país são pouco numerosos os quadros, os quadros qualificados — tipógrafos, mecânicos, técnicos, impressores e chefes de empresa. Os admiráveis jovens que escolheram a vossa profissão devem ser objecto de cuidados especiais de formação nos cursos e nas escolas, devem fornecer-se-lhes manuais, devem obter, sob todos os pontos de vista, o auxílio amigo dos seus camaradas especializados para também eles se tornarem operários altamente especializados. As fábricas de papel também devem ter os seus respectivos especialistas. *De um modo geral, são os quadros que têm um papel decisivo no êxito de toda a obra.* É preciso prestar uma atenção de carácter exclusivo ao aumento do número de quadros, à formação de novos quadros entre os jovens. Sob este aspecto, posso afirmar categoricamente que o governo não poupará nem forças, nem tempo, nem esforços para a criação desses quadros. Mas vocês é que são a força fundamental que deve realizar com êxito essa tarefa, e desejava muito que o próprio Congresso examinasse com a maior atenção este problema extremamente importante. As vossas futuras realizações dependem muitíssimo da feliz solução do problema dos quadros no campo da tipografia.

Faço votos para que consigam examinar com toda a efectividade o espírito de autocrítica necessários os problemas ligados ao plano económico e à execução das tarefas que este vos atribui. Faço votos para que consigam reforçar cada vez mais a unidade existente da união.

Desejo-vos os maiores êxitos na luta que levam a cabo com a arma da palavra impressa contra os nossos inimigos do interior e do exterior para o bem do nosso povo e da República Popular da Bulgária.

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo,* n.° 113,
de 20 de Maio de 1947.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1954, pp. 136-142.

## ENTREVISTA CONCEDIDA A JOHN FISHER, CORRESPONDENTE DO JORNAL INGLÊS DAILY MAIL

*Pergunta:* Deseja o presidente do Conselho uma próxima ratificação do Tratado de Paz?

*Resposta:* Sim. O governo búlgaro e todo o povo búlgaro desejam que o Tratado de Paz seja ratificado o mais rapidamente possível.

*Pergunta:* Quais seriam as consequências de um atraso na ratificação?

*Resposta:* As consequências que um atraso da ratificação acarretaria seriam, evidentemente, desfavoráveis, primeiro, porque seria retardada a normalização das relações entre a Bulgária e os Estados Unidos da América, facto que não pode estar de acordo com os verdadeiros interesses dos dois povos, e segundo, porque a admissão da Bulgária nas Nações Unidas também seria retardada, facto que não corresponde aos interesses da paz nos Balcãs nem da paz mundial em geral.

*Pergunta:* Quer comentar o efeito dos discursos recentemente feitos pelo presidente Truman sobre a situação nos Balcãs?

*Resposta:* Por muito grande que seja o respeito que tenho pelo presidente de um grande Estado como os Estados Unidos, não posso deixar de sublinhar que, na minha opinião, os discursos do presidente dos Estados Unidos encorajam, pelo menos por agora, os meios antidemocráticos e os restos dos antigos regimes fascistas, de modo que não podem contribuir para a paz nem para a democracia.

Considero que esses discursos não podem contribuir, seja de que maneira for, para dissipar a atmosfera de desconfiança que existe entre determinados Estados balcânicos nem para

estabelecer a calma, o desenvolvimento pacífico e a segurança nos Balcãs.

*Pergunta:* Que pode fazer a Grã-Bretanha para melhorar as suas relações com a Bulgária e o que é que, por sua vez, pode a Bulgária fazer nesse sentido?

*Resposta:* Considero que o melhoramento das relações entre a Grã-Bretanha e a Bulgária depende *sobretudo* da Grã-Bretanha. Se a Grã-Bretanha confiar na nova e democrática Bulgária, no povo búlgaro, que na sua grande maioria apoia firmemente o governo da Frente da Pátria, se a Grã-Bretanha respeitar a nossa soberania e deixar o nosso povo preparar sozinho e livremente o seu lar de acordo com as suas concepções e interesses e no espírito de cooperação internacional, como aliás o exige a declaração de Yalta, não existirá nenhum obstáculo sério e intransponível para a total normalização das relações entre os dois Estados.

O povo búlgaro espera que a Grã-Bretanha compreenda e respeite os seus legítimos direitos e interesses, que em nada ameaçam a paz mundial nem podem prejudicar os legítimos direitos e interesses do povo inglês. Ao desejo da Grã-Bretanha de alargar as relações comerciais entre os dois Estados, está o governo búlgaro disposto a responder com toda a benevolência e reciprocidade necessárias.

Por seu turno, também no futuro, a Bulgária se esforçará por desfazer os mal-entendidos e os preconceitos existentes em relação ao povo búlgaro, devidos a informações falsas e tendenciosas e devidos sobretudo ao triste facto de a Bulgária, por culpa da dinastia de Coburgo e de governos criminosos, ter adoptado no passado, contra a vontade do povo, uma atitude hostil em relação à Grã-Bretanha e ter participado em guerras dirigidas contra esta. A nova Bulgária que nada tem a ver com o passado, contribuirá por todos os meios para o desenvolvimento das relações políticas, económicas e culturais entre o povo búlgaro e o povo inglês.

*Pergunta:* Encara o presidente do Conselho a possibilidade de um reforço da aliança entre a Bulgária e a Jugoslávia que leve: *a*) a uma moeda comum; *b*) a trocas recíprocas entre os dois países; *c*) a empréstimos de capitais, de fábricas, de navios, etc., ligados à reconstrução industrial? Ou quaisquer outros projectos?



*Resposta:* Antes de mais devo fazer notar que ainda não existe aliança entre a Bulgária e a Jugoslávia, embora existam entre os dois países estreitas e fraternas relações mútuas. Desejo sinceramente e, de acordo com a vontade do povo búlgaro, aspiro à assinatura de um duradouro tratado de aliança, de amizade, e de cooperação entre a Jugoslávia e a Bulgária, que, muito naturalmente, levará a uma sólida cooperação económica, cultural e em todos os outros domínios, sobretudo no da reconstrução da sua economia nacional e da sua reconstrução industrial. Não existem, por agora, outros projectos.

*Pergunta:* Qual é a situação do abastecimento na Bulgária?

*Resposta:* Em consequência da vergonhosa pilhagem da Bulgária pelos nazis durante a guerra, bem como pelos dois anos de seca, é claro que há dificuldades de abastecimento no nosso país. Todavia, considero que o abastecimento da população até à nova colheita está totalmente assegurada em quantidades satisfatórias graças ao heróicos esforços dos nossos camponeses e camponesas, e às enérgicas medidas tomadas pelo governo contra os sabotadores da distribuição dos víveres.

*Pergunta:* A presença das tropas soviéticas não influiu no abastecimento da população?

*Resposta:* A presença na Bulgária de tropas soviéticas relativamente pouco numerosas e que, aliás, não deixaram de diminuir nestes últimos tempos, não influi de modo algum no abastecimento da população, tanto mais que, durante estes dois últimos anos, a União Soviética forneceu à Bulgária consideráveis quantidades de trigo e de milho, além de forragem para a alimentação do gado. Além disso, é conveniente assinalar que as tropas soviéticas dão um importante auxílio à nossa agricultura por altura da lavra, das sementeiras e da ceifa em terrenos extensos.

*Pergunta:* Julga que, atendendo aos vossos interesses nacionais, serão indispensáveis medidas ulteriores contra a oposição?

*Resposta:* As medidas que o governo se viu obrigado a tomar em casos concretos, de acordo com as leis do país, contra os jornais da oposição ou então contra determinados membros da oposição, foram única e exclusivamente impos-

tas pelas manifestações e pelos actos destes últimos, dirigidos contra o povo e o Estado.

Nenhum governo responsável pode tolerar uma tal incitação à não-observação das leis, à sabotagem das iniciativas do Estado que visam garantir o abastecimento da população e a reconstrução da economia nacional, destruída pela guerra. O governo não hesitará em aplicar, também no futuro, de maneira mais rigorosa, as leis da República Popular em relação a esses jornais e membros da oposição que, na sua raiva e cegueira, se permitiam incitar conscientemente a população contra as iniciativas do governo relativas aos problemas de uma importância vital para o povo e a república, sobretudo contra a realização do plano bienal do Estado, adoptado pela Grande Assembleia Nacional.

Por outro lado, devo assinalar categoricamente que não somos contra a presença de uma oposição. Num país como o nosso é natural que exista uma oposição. Mas os interesses do povo não permitem que se tolerem esses grupos de opositores que utilizam a sabotagem contra a edificação económica, que, pelos seus actos, põem em perigo a soberania nacional do país e que procuram sistematicamente minar as bases da nossa República Popular, conquistada à custa de tanto sangue vertido pelo povo, de tantos sofrimentos e de vítimas dos melhores filhos e filhas do nosso povo.

*Pergunta:* Aqueles que o criticam afirmam que não está de boa saúde. É verdade?

*Resposta:* Em consequência dos sofrimentos que suportei no passado, sobretudo nas cadeias nazis onde tive de suportar as algemas dia e noite durante 5 meses a fio, em consequência também de uma excessiva tensão física e nervosa durante o processo de Leipzig, que durou três meses, a minha saúde não é, claro está, brilhante. Mas é absolutamente satisfatória e permite-me, a despeito dos meus «críticos», cumprir regularmente as minhas obrigações de chefe do governo.

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo*, n.° 124,
de 3 de Junho de 1947.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 148-153.



## ENTREVISTA CONCEDIDA AO CORRESPONDENTE ESPECIAL DO HUMANITÉ [1] GERMAIN RIGAL

*Pergunta:* Acha que as relações políticas, económicas e culturais entre a Bulgária e a França podem e devem ser melhoradas e desenvolvidas?

*Resposta:* Sim, o verdadeiro interesse dos nossos dois países implica o desenvolvimento das relações franco-búlgaras. Pela nossa parte, estamos dispostos a fazer nesse domínio tudo o que estiver na nossa mão. O desenvolvimento das relações económicas e comerciais entre os dois países é de especial importância. Pessoalmente, tenho confiança nas negociações comerciais que actualmente decorrem em Paris. Estou certo de que essas conversações terão resultados encorajadores.

*Pergunta:* Qual é, em linhas gerais, a orientação da política externa da República Popular da Bulgária?

*Resposta:* A política externa da República Popular da Bulgária tem essencialmente por objectivo:

1. Assegurar a liberdade, a independência e a soberania do Estado da República Popular.

2. Permitir uma colaboração geral para a edificação de uma paz duradoura e democrática, baseada na luta contra os instigadores de novas guerras.

3. Impedir que a Bulgária volte a ser novamente transformada em reduto contra o nosso libertador, o grande povo soviético, bem como contra os povos democráticos eslavos ou não.

A orientação geral da nossa política aspira, por conseguinte, a assegurar a harmonia indefectível com os povos da União Soviética, relações fraternas com os povos eslavos

e a amizade com todos os outros povos democráticos, grandes e pequenos, na base do respeito mútuo e de uma cooperação leal.

É inútil sublinhar que nada nem a influência de nenhuma pressão estrangeira, fará com que a nova Bulgária renuncie à sua política externa, confirmada pela experiência histórica do povo búlgaro. A aversão de determinados meios reaccionários manifestada em relação à nossa República Popular só pode reforçar a decisão do nosso povo em seguir até ao fim essa política nacional externa democrática e de paz, salutar para ele e para o país.

*Pergunta:* Quais são os grandes problemas que o governo da Frente da Pátria deve actualmente solucionar?

*Resposta:* A tarefa nacional essencial é a realização do plano económico bienal do Estado, cujo projecto de lei foi votado pela Assembleia Nacional Constituinte. A finalidade desse plano é assegurar o progresso económico do país e o bem-estar do povo.

Faço questão em sublinhar que devido à política criminosa da dinastia de Coburgo e das cliques capitalistas parasitárias, a Bulgária se manteve muito atrasada no seu desenvolvimento económico. A dinastia e essas cliques desempenharam um papel de intermediários entre a Bulgária e os capitais estrangeiros e enriqueceram-se em prejuízo do povo trabalhador búlgaro e do país; não tinham, portanto, nenhum interesse em criar um artesanato e uma indústria sólidos, nem em mecanizar a economia rural. A nossa finalidade actual é fazer recuperar à Bulgária o tempo perdido e atingir, num período de dez a vinte anos aquilo que os outros países levaram um século a realizar, e isto pela industrialização, pela electrificação do país e pela mecanização da economia rural.

Pela mobilização das forças populares, pela utilização máxima dos recursos do subsolo, e graças ao contributo das nações amigas, não duvidamos um só instante de que esta tarefa se realizará com êxito. O entusiasmo no trabalho e as iniciativas criadoras das massas populares, dos operários e dos camponeses, da juventude e das mulheres, de todos os cientistas e artistas, que já teve a oportunidade de constatar



pessoalmente em Sófia e na província, são a melhor garantia para atingir os nossos fins.

Para além desta obra essencial, temos ainda três outras grandes tarefas a realizar:

1. Fazer votar pela Grande Assembleia Constituinte uma Constituição da República Popular verdadeiramente democrática e progressista, para deste modo contribuir para a consolidação definitiva do regime democrático no nosso país e tornar impossível qualquer regresso ao passado fascista.

2. Graças a um sistema de tratados de amizade e de assistência mútua, assegurar o êxito da autodefesa da República Popular contra a ressurreição da política alemã do «Drang nach Osten» bem como contra qualquer possível ataque à soberania, venha este de onde vier.

3. Obter, na execução do Tratado de Paz que assinámos, um sério alívio de todas as cláusulas pesadas, sobretudo das de carácter económico, e isto pela via pacífica de mútuo acordo com os países interessados, facto que o povo búlgaro merece inteiramente.

*Pergunta:* Pode dizer-me alguma coisa a respeito da prisão de Nicolas Petkov?

*Resposta:* Depois de terem vigiado muito tempo Nicolas Petkov, as nossas autoridades constataram da sua parte e da de alguns dos seus partidários actos de preparação de um golpe de Estado para derrubar a nossa República Popular. Depois de se ter recolhido um número suficiente de provas, o tribunal chegou à conclusão de que se estava realmente a preparar um golpe de Estado. Baseando-se nessas provas, o tribunal dirigiu-se à Grande Assembleia Nacional, de acordo com as leis em vigor, pedindo a revogação do mandato de deputado de Nicolas Petkov e que este fosse julgado.

O presidente da Grande Assembleia Nacional, depois de ter recebido este requerimento do tribunal, comunicou-o à Grande Assembleia Nacional e, de acordo com a legislação interna, submeteu-o ao exame da comissão parlamentar da justiça. A comissão parlamentar, sem se pronunciar sobre o fundo, uma vez que não é uma instância judiciária, considerou que o requerimento do tribunal era fundado e formulou a sua proposta à Grande Assembleia Nacional, a saber, que o deputado Nicolas Petkov fosse julgado.

A Grande Assembleia Nacional, tal como a comissão parlamentar da justiça, também não estatuiu sobre o fundo, porque não é, como sabem, uma instância judiciária, mas considerou as razões do tribunal e a proposta da comissão parlamentar como justas e adoptou a proposta por uma enorme maioria. Em virtude desta decisão da Grande Assembleia Nacional, Nicolas Petkov foi preso e entregue às autoridades judiciárias. São estes os factos no que diz respeito à questão Petkov.

A instrução já começou e estará terminada num futuro próximo. Será intentado um processo contra Petkov, um processo público, um processo com testemunhas, bem como com defensores de Petkov, e o tribunal pronunciará a sua sentença. Por conseguinte, é preciso paciência e calma para esperar a decisão do tribunal — do soberano tribunal búlgaro. Nesta situação, a tarefa do governo e a minha, como presidente do Conselho, reside apenas no que se segue: assegurar ao acusado Petkov uma situação normal na prisão e um procedimento judiciário normal. Dei pessoalmente as mais estritas instruções às respectivas autoridades para assegurarem a Petkov uma cela decente na prisão, para que possa dispor da sua própria cama, colchão e outras comodidades pessoais autorizadas na prisão. Não será admitido nenhum acto que possa atacar a dignidade pessoal ou a saúde de Petkov.

Tudo quanto sabemos, Nicolas Petkov não está de muito boa saúde, por isso disporá de todos os cuidados médicos e de uma alimentação dietética, de acordo com as receitas médicas.

A prisão de Petkov, em virtude das nossas leis, é um assunto puramente búlgaro, um assunto interno. Petkov é cidadão búlgaro. É submetido às leis búlgaras, como todos nós, do presidente do Conselho até ao último camponês, estamos submetidos à legalidade búlgara. Nestes assuntos, nenhuma ingerência estrangeira conseguirá auxiliar Petkov nem nenhum outro. Posso ainda acrescentar: qualquer ingerência estrangeira só conseguirá complicar a situação porque se terão então motivos para suspeitar de que Petkov preparava um golpe de Estado não só com os seus partidários na Bulgária, mas também com o auxílio daqueles que, no estrangeiro, estiveram a tentar protegê-lo. Repito: Petkov é um



cidadão búlgaro, e não americano, inglês ou francês. Responderá perante o nosso povo, as nossas leis, o nosso tribunal. Não será criado para Petkov nenhum procedimento de excepção. Será o procedimento judiciário normal, válido para todos os cidadãos búlgaros.

Não duvido de que, no estrangeiro, determinados meios interessados tentarão utilizar tendenciosamente contra a Bulgária a prisão de Petkov. Gostariam de apresentar as coisas como se pretendêssemos suprimir toda a oposição no nosso país, o que não é verdade. Consideramos que existem na Bulgária condições que permitem a existência de uma oposição, mas uma oposição leal, uma oposição que não prepare golpes de Estado contra o poder popular, uma oposição que não impeça a organização do abastecimento do povo, uma oposição que não sabote o plano económico nacional no país, uma oposição que critique os defeitos e as fraquezas do governo e que espalhe legalmente as suas ideias. Uma tal oposição só pode ser útil.

Não se deve difundir a ideia de que procuramos, pressupostamente, destruir qualquer oposição em geral. O nosso governo está ligado ao povo por raízes tão profundas, que não receia nenhuma oposição. Mas o governo búlgaro não pode permitir que se criem obstáculos à restauração da nossa economia, à execução do plano económico, bem como aos esforços com vistas a assegurar a nossa soberania nacional e de Estado. Queremos evitar a guerra civil intestina. Não permitiremos que a situação da Grécia se repita na Bulgária. Não o permitiremos de maneira nenhuma. Não permitiremos que a Bulgária chegue à situação de ser obrigada a decretar o estado de sítio, como actualmente sucede na Turquia. Desejamos estabelecer uma ordem normal, democrática, no nosso país e assim sucederá; reinará a paz e a tranquilidade para um trabalho fecundo. Todo aquele que quiser impedi-lo será preso em virtude das leis búlgaras e do espírito sagrado do Tratado de Paz.

Os búlgaros têm provérbios cheios de sabedoria. Há um que diz: «Não se deve queimar uma manta para matar uma pulga.» Clara e simplesmente, em linguagem popular, o caso Petkov é o da pulga em questão. Pode suceder que a pulga seja grande, mas não passa de uma pulga. Será acaso neces-

sário que, por causa dessa pulga, se queime toda a manta — ou seja, a cooperação política, económica e cultural da Bulgária com as potências ocidentais? Qualquer homem sensato afirmaria: a pulga continua a ser uma pulga, mas temos de conservar a manta — no interesse da cooperação internacional, de uma paz duradoura e do bem-estar do povo búlgaro.

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo*, n.° 129,
de 8 de Junho de 1947.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 155-161.



# O TRABALHO DE CHOQUE E A EMULAÇÃO TÊM UMA ENORME IMPORTÂNCIA

*DISCURSO PRONUNCIADO PERANTE A DELEGAÇÃO DOS OPERÁRIOS E DAS OPERÁRIAS DE CHOQUE DA INDÚSTRIA TÊXTIL, A 11 DE JUNHO DE 1947*

Fui informado das discussões e das resoluções do vosso congresso (5) e devo dizer sinceramente, sem vos estar a elogiar, que o congresso debateu com seriedade as decisões que tomou. Essas decisões talvez não sejam absolutamente justas sob todos os aspectos. Mas é certo, e vocês mesmos o sabem perfeitamente, que não basta tomar decisões justas, para delas tirar verdadeiro benefício, é indispensável realizá-las. Espero que os operários têxteis se lancem resolutamente ao trabalho e que despendam todas as suas forças, todas as suas capacidades e todo o seu amor pela nossa pátria para realizar as decisões do congresso. Ao realizar o nosso plano económico, juntamente com outras categorias de operários, desempenharão um papel decisivo no domínio do vestuário, pelo vosso trabalho e pelos vossos esforços, utilizando simultaneamente a técnica de que, actualmente, dispõem as nossas fábricas. O nosso povo não tem, por várias razões, vestuário suficiente e devemos proporcionar-lhe aquilo que lhe faltava no passado. Sob este aspecto, o trabalho de choque e a emulação que realizam e que o povo acolhe com tão grande entusiasmo têm uma enorme importância.

Já tive ocasião de falar e de expressar a minha opinião sobre o trabalho de choque. Recordei então e quero sublinhá-lo agora que o trabalho de choque só poderá ter êxitos duradouros, grandes resultados, e tornar-se um movimento

de massa, se os esforços físicos e a tensão nervosa do operário e da operária estiverem associados à promoção profissional bem como a uma série de iniciativas que visem ordenar as suas forças físicas e morais. Não basta que o operário de choque aplique a sua energia física ao ponto de sentir vertigens e de perder as suas forças, de se tornar inapto para trabalhar. Tem de adquirir a destreza que lhe permita utilizar racionalmente e ao máximo o tempo de que dispõe, a máquina, o instrumento, o material. Em vez de levar, digamos, uma hora para fabricar um artigo, que o faça em meia hora. Sob este aspecto os nossos operários e operárias de choque devem contar muito mais com a destreza e a habilidade, que têm a obrigação de adquirir e aperfeiçoar todos os dias, do que com a sua energia física, o seu desejo e a sua vontade de produzir mais.

Também quero chamar a vossa atenção para algumas circunstâncias particulares. Como vêem, aos operários e às operárias de choque são-lhes atribuídos títulos honoríficos, tornam-se heróis do trabalho. Gozam da consideração dos operários e de todo o povo. No entanto isso gera muitas vezes dois fenómenos nocivos que não devem escapar à vossa atenção e que devem ser suprimidos com medidas adequadas. Até mesmo o melhor dos operários ou das operárias de choque tem determinadas fraquezas humanas. Assim, por exemplo, vêem os seus retratos e as suas biografias publicadas nos jornais, em toda a parte são rodeados pela consideração, pelo amor e pela admiração do povo. E se o operário ou a operária de choque, que ocupa um lugar tão honroso na nossa vida social, não possui sentido crítico em relação a si próprio, poderá envaidecer-se com isso, tornar-se pedante, tratar os seus camaradas alto, deixar de se aperfeiçoar, petrificar-se, e deste modo arrisca-se a perder o honroso lugar que ocupara graças aos seus esforços, ao trabalho e às suas capacidades. Por isso, os operários e as operárias de choque devem eles próprios tomar medidas que visem manter a sua modéstia, aperfeiçoar incessantemente o seu domínio no trabalho, servir de exemplo aos seus colegas.

O outro fenómeno, ainda pior, é que o êxito dos operários e operárias de choque, que se tornaram heróis do trabalho possa despertar a inveja de determinados operários da empresa



que não sejam bastante activos e conscienciosos. Começam então as intrigas, os falatórios, e por vezes cria-se uma atmosfera que desencoraja o operário ou a operária de choque e os impede de avançar. É um fenómeno perigoso que é preciso combater. É preciso tomar medidas contra esses invejosos, para exercer sobre eles a influência necessária e não lhes permitir criar obstáculos, pela sua indigna conduta, ao trabalho de choque e ao aumento do número de operários de choque.

Também é necessário prestar atenção ao seguinte: alguns chefes de empresa e contra-mestres encaram o trabalho de choque com má vontade, porque lhes exige mais esforços e cuidados. Muitas vezes, esses chefes e contra-mestres não estão contentes com os operários de choque porque perderiam um suplemento do salário se, por exemplo, uma operária trabalhasse com dez teares em vez de seis. Para eles, a economia ganha com o trabalho de choque, mas o interesse pessoal desse contra-mestre sofre com isso. E este começa a oprimir e a repreender os operários de choque. Dá-lhes materiais insuficientes ou de má qualidade, procurando sabotar, por todos os meios, os seus esforços. Poderíamos citar muitos casos semelhantes. Talvez o vosso sindicato os conheça melhor do que eu, mas é a ele que cabe o dever de não os tolerar no futuro.

Para conseguir intensificar o trabalho de choque e a emulação de massa — factores importantes para a realização e execução antes do termo do plano bienal do Estado — é indispensável ter em consideração todas estas circunstâncias. Peço-vos que lhe prestem uma grande atenção, tanto vocês como por intermédio das vossas organizações. Só então o número de operários de choque, dos inovadores e dos racionalizadores poderá aumentar incessantemente.

É claro que o trabalho de choque que aumenta a produção não deve diminuir a qualidade da produção. Informaram-me, e talvez vocês mesmos o tenham constatado, que determinados operários e operárias de choque aspiram a produzir o mais possível, mas à custa da qualidade da produção. Permitam-me que vos diga que me mostraram tecidos cuja qualidade deixa muito a desejar. Quando quis saber mais sobre o assunto, constatei que em certos casos se dispunha

de maus materiais, noutros eram as máquinas, a técnica, que eram os culpados, mas a maior parte das vezes a culpa era dos produtores. Quando procuramos aumentar a produção de uma empresa, é preciso procurar, ao mesmo tempo, melhorar a qualidade. O verdadeiro trabalho de choque e a verdadeira emulação aumentam a quantidade e melhoraram a qualidade.

Não se devem recear as dificuldades, nem perder a coragem. Nós não temos medo das dificuldades. Não há dificuldades que nós não possamos vencer consolidando a nossa unidade, aumentando a produtividade do trabalho e reforçando a disciplina de trabalho, tendo uma confiança inabalável em nós próprios e nas forças do nosso povo.

Não liguem aos boatos que o inimigo espalha como, por exemplo, o de que as tropas inglesas e americanas invadiriam a Bulgária, de que a Frente da Pátria se malograria, de que a oposição tomaria o poder, de que seria estabelecido um controle estrangeiro no nosso país depois da ratificação do Tratado de Paz, e outras mentiras deste tipo. É claro que existem pessoas cândidas e ingénuas que estes boatos amedrontam. É preciso que lhes expliquem a situação real. Recordem bem aquilo que se dizia quando para aqui vim, que os americanos e os ingleses não autorizariam as eleições de 18 de Novembro de 1945. Declarei que as eleições se realizariam e que seriam organizadas pelo governo da Frente da Pátria presidido por Kimon Guéorguiev. E, como sabem, as eleições realizaram-se. A seguir, dizia-se que os americanos e os ingleses não permitiriam que o Tratado de Paz fosse assinado pelo governo da Frente da Pátria. Como sabem, o Tratado de Paz foi assinado pelo governo da Frente da Pátria. Também se dizia: o tratado pode ser assinado, mas o governo da Frente da Pátria não será reconhecido. Declarei que o reconheceriam porque tanto os americanos como os ingleses estavam tão interessados nisso como nós próprios. E como o sabem, os ingleses já há muito tempo que reconheceram o nosso governo. A Frente da Pátria governa a nossa República popular e é a única que a pode governar, apoiando-se no povo. A este respeito, não pode nem poderá ocorrer nenhuma modificação. Eis os motivos por que podem trabalhar com segurança, aumentar a vossa qualificação profissional, enriquecer a vossa cultura e não recear nada.



Desejo-vos êxitos na realização das decisões do vosso congresso. Peço-vos que transmitam as minhas calorosas e fraternas saudações — não as do presidente do Conselho, mas muito simplesmente as de Jorge Dimitrov — a todos os operários e operárias têxteis.

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo*, n.º 133, de 13 de Junho de 1947.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIII. Edições do P. C. B., 1955, pp. 162-167.

## LUTA SEM TRÉGUAS CONTRA A OCIOSIDADE O ESBANJAMENTO E A BUROCRACIA

*DISCURSO PRONUNCIADO NO CONGRESSO DA UNIÃO SINDICAL DOS FERROVIÁRIOS E DOS MARINHEIROS, A 24 DE JUNHO DE 1947*

Permitam-me que, em nome do governo da Frente da Pátria e em meu nome pessoal, apresente ao vosso congresso as mais calorosas saudações e saúde também, na vossa pessoa, todos os ferroviários e marinheiros búlgaros.

Todos juntos, vocês constituem um grande exército de trabalhadores, que conta com 50 000 pessoas, quando todo o nosso exército conta com 65 000 homens. É um exército de trabalhadores de uma grande importância para a nossa economia nacional e para a realização do plano económico bienal do Estado. É inútil falar-vos, a vocês, ferroviários, da importância do transporte e sobretudo do transporte ferroviário. Mas quero sublinhar uma coisa que têm de compreender bem — sem o funcionamento normal do transporte ferroviário não é possível realizar com êxito o nosso plano económico. No que diz respeito ao funcionamento e à circulação normais, eles dependem, sobretudo de vós, valentes ferroviários búlgaros.

O governo conhece perfeitamente as dificuldades do nosso transporte ferroviário, a insuficiência e a considerável usura do material rolante; sabe que não há na Bulgária um número suficiente de locomotivas e de vagões; também sabe que as nossas oficinas de caminhos de ferro e empresas de reparação não estão suficientemente equipadas, que é preciso melhorar

a rede em muitas localidades. O governo também está ao corrente das condições de vida e de trabalho difíceis dos nossos ferroviários e procura fazer todo o possível com vista ao melhoramento necessário tanto do transporte ferroviário como das condições de trabalho e de vida da sua força motriz — os ferroviários.

Como se sabe, não podemos contar com um considerável auxílio estrangeiro. Embora a U. N. R. R. A. exista para determinados Estados, a Bulgária não pode apoiar-se nela. Contamos e devemos contar sobretudo com as nossas próprias forças, trabalho e recursos. Nos momentos mais difíceis para a nossa economia beneficiámos várias vezes do auxílio que a grande União Soviética nos deu, mas no futuro esse auxílio não pode ser tão grande, uma vez que a própria União Soviética necessita de um desenvolvimento máximo da sua indústria e da sua força nacional, facto em que tanto nós, búlgaros, como todos os novos eslavos estamos igualmente interessados. Quanto mais poderosa Moscovo for, tanto melhor será a nossa situação e a de todos os povos eslavos, tanto melhor será o êxito por ocasião do estabelecimento de uma paz duradoura entre os povos.

Nas nossas condições de vida em que é necessário contar com o nosso trabalho e com os nossos próprios meios, recursos naturais e outros, o factor subjectivo revela-se de uma excepcional importância. E esse factor subjectivo somos nós próprios, o governo da República Popular da Bulgária, a Frente da Pátria e os seus comités locais, as uniões sindicais dos ferroviários, dos mineiros, a União Geral dos Sindicatos Operários, a União Geral dos Sindicatos Rurais e as outras organizações profissionais e culturais. Este factor subjectivo também é o Partido Operário (Comunistas). Este factor subjectivo também compreende a União Agrária e os outros partidos irmãos da Frente da Pátria. Este factor subjectivo também encerra centenas de milhares de sem-partido — operários e camponeses, artesãos, industriais e comerciantes, trabalhadores da economia e intelectuais, homens e mulheres, jovens de ambos os sexos que actualmente dedicam os seus esforços e o seu trabalho criador à execução do plano económico bienal.

Notem que em iguais condições objectivas se podem obter, em determinados casos, um resultado e, noutros casos, um



resultado dez vezes melhor. Isto depende do factor subjectivo, da inteligência, da destreza, da alma e do coração do operário, do engenheiro, do técnico. Na presença de uma boa direcção, de uma boa organização, da indispensável disciplina no trabalho, de uma atitude consciente e dedicada em relação ao trabalho, às máquinas e instrumentos, em relação aos materiais e aos fundos, é possível, mesmo em condições objectivas difíceis, obter um resultado bastante importante, reduzir ao mínimo as avarias e as catástrofes dos nossos caminhos de ferro, acabar com as paragens injustificadas das locomotivas e dos vagões, aumentar consideravelmente o tráfico ferroviário, acelerar, em grande medida, a reparação das locomotivas e dos vagões, aumentar consideravelmente a produtividade do trabalho nas nossas oficinas de caminhos de ferro. Para este efeito é necessária uma única condição: que todos os ferroviários — do mais baixo ao mais alto na hierarquia do serviço — estejam sempre nos seus postos.

Tanto quanto sei sobre o estado dos nossos transportes ferroviários e sobre o trabalho dos nossos ferroviários, tenho a satisfação de constatar que há um melhoramento em relação à situação apresentada por ocasião do vosso congresso do ano passado. Infelizmente, este melhoramento está longe de corresponder às possibilidades de que dispõem, e muito especialmente das necessidades do nosso transporte e da nossa economia nacional em geral.

Estou persuadido de que por ocasião das sessões do vosso congresso se serviram de uma arma magnífica para todo o tipo de progresso — a crítica e a autocrítica. A crítica é indispensável em todos os domínios da nossa vida. A vossa União dos ferroviários e a administração dos caminhos de ferro necessitam também elas, de uma crítica judiciosa, sincera e construtiva. Por outro lado, a autocrítica também é indispensável. Como sabem, entre nós, de um modo geral, não gostam muito da crítica nem da autocrítica. É uma atitude herdada do passado. Mas temos de compreender de uma vez por todas que não pode haver progresso nem prosperidade na vida social, económica e cultural do Estado, e até mesmo na vida pessoal, sem a crítica e a autocrítica. Como não estão reunidos num banquete oficial em que se pronunciam belos discursos e em que se trocam cumprimentos, mas sim num congresso com um

trabalho a realizar, um congresso que toma decisões que dizem respeito a uma das mais importantes alavancas da nossa economia nacional e do nosso progresso, temos de falar abertamente destes problemas. Acaso podemos afirmar que as ausências injustificadas ou sob vários pretextos são raras entre nós? Não, não podemos! Acaso se pode afirmar que os casos em que os ferroviários do serviço de circulação, o pessoal das estações e das oficinas não obedecem estritamente ao regulamento da circulação, dos serviços da gare e dos restantes serviços, direcções e administrações do Ministério dos Transportes, são raros? Não, não se pode! Permitam-me que acrescente ainda mais alguma coisa. Acaso são raros entre nós os casos em que os ferroviários vão para o trabalho mais ou menos «tolerados»? Eu próprio não sou demasiado abstémio. Também gosto, às vezes, de saborear um bom vinho ou qualquer outra bebida espirituosa, mas quando se está a trabalhar ou se vai trabalhar, é um verdadeiro crime beber, embriagar-se. Acaso não será entre nós um facto a fraca disciplina? Está melhor do que no ano passado, mas ainda é fraca. Não é um facto que se produzem muitas vezes pequenas discussões entre vários empregados, entre chefes e subalternos e até mesmo entre camaradas, muitas vezes com prejuízo do serviço? Não é verdade que determinadas catástrofes são devidas a discussões entre vários empregados? É verdade! Não duvido que o vosso congresso condenou, da maneira mais severa, essas fraquezas, defeitos e vícios e que tomará decisões susceptíveis de mobilizar moralmente toda a massa dos ferroviários para que esta possa lutar conscientemente pela liquidação dessas fraquezas — essa nódoa que desonra os nossos valentes ferroviários.

Uma outra questão espinhosa que o congresso decerto examinou e a propósito da qual tomou alguma decisão, é a falta de uma boa harmonia entre a administração e os comités sindicais em muitas localidades, facto que está na origem de muitos mal-entendidos e prejuízos no serviço. É preciso encontrar meios apropriados, que decerto existem, e que com boa vontade podem ser encontrados — com vista a realizar, começando pelo ministro, pelo director, pelo subdirector e indo até aos chefes das mais pequenas estações da nossa rede ferroviária, a cooperação, a boa harmonia entre a administração



de Estado e os órgãos dirigentes da União Sindical dos Ferroviários. O sindicato dos ferroviários é, claro está, uma organização profissional que defende e que é chamado a defender os interesses dos ferroviários e dos marinheiros — falo sobretudo dos ferroviários porque constituem a maioria da massa. Tem a obrigação de defender os seus interesses — senão não justificaria a sua existência. Contudo o sindicato dos ferroviários e dos marinheiros não tem apenas a obrigação de apresentar reivindicações à administração e ao Estado, de apresentar pedidos. Tem a obrigação de assegurar, tanto quanto possível, um avanço mais normal e eficaz do processo de produção e da circulação dos caminhos de ferro; tem a obrigação de assegurar a disciplina no trabalho, a subordinação consciente e indispensável à direcção e aos chefes com vista ao bom curso do trabalho e à eliminação de todas as causas que possam opor a administração à organização sindical.

Os problemas que aqui tratamos não se referem unicamente a vós. Abrangem também outros domínios da nossa vida económica, e em especial a realização do plano económico bienal do Estado. Eis que já passaram dois meses sobre a aplicação desse plano e podemos dar-nos conta de como é realizado. Devo dizer-vos sinceramente que sob determinados aspectos a sua realização decorre bem, sob outros — menos bem, sob outros ainda — de uma maneira pouco satisfatória.

O plano é real, pode ser realizado e sê-lo-á. No entanto, na via da sua realização encontramos dificuldades e obstáculos que entravam imenso o nosso trabalho e que devemos combater, vencer e liquidar. Essas dificuldades e obstáculos podem resumir-se a três pontos principais:

Em primeiro lugar é a ociosidade, a preguiça, o parasitismo. O nosso povo no seu conjunto é trabalhador, mas ainda existem no nosso país muitos preguiçosos, parasitas e excêntricos. As pessoas que se recusam a trabalhar porque encontram vias ilícitas e criminosas para obterem meios de vida, não são raras. Por exemplo, a legação americana acaba de anunciar que pode deixar entrar na América cerca de 200 a 300 pessoas, e eis que logo se formou uma bicha de homens e mulheres búlgaras, uma bicha de alguns milhares de pessoas sãs e aptas para trabalhar que querem partir para a América, fugir do povo búlgaro no momento em que edificamos a

nossa República popular. Uma parte deles quer fugir à lei sobre os preguiçosos, esperando que os acolham na América de braços abertos e que lá os seus negócios andarão sobre rodas. Outros, envolvidos em negócios e actos criminosos, procuram abrigar-se sob a bandeira americana; outros ainda não passam de aventureiros. Estas pessoas podem e devem ser consideradas na sua maior parte, como desertoras da pátria.

É sobretudo essa ociosidade, essa preguiça, esse parasitismo, que constitui um grande mal, que criam obstáculos à rápida e eficaz execução do plano económico. São crimes que devem ser condenados tanto moral como politicamente e até mesmo perseguidos e punidos por via penal.

Em segundo lugar, um outro grande mal é a dissipação, o esbanjamento de materiais, de meios, de energia eléctrica, de gasolina, do nosso pão diário, de tempo e de muitas coisas mais. Os ingleses têm muita razão em dizerem que o tempo é dinheiro, ouro. Mas vejamos um pouco como é que no nosso país se considera o tempo, esse factor tão importante. Quanto tempo perdido em vão, por exemplo, quando uma sessão, uma conferência, uma reunião ou um comício são marcados para as 8 ou para as 9 horas e só começam uma ou duas horas depois! Os que foram pontuais são obrigados a esperar e perdem o seu tempo precioso. Quanto tempo precioso desperdiçado com conferências e reuniões várias, sem as quais se podia passar perfeitamente! Quanto tempo precioso igualmente desperdiçado com reuniões de alguma organização ou serviço administrativo cuja ordem do dia não foi previamente estabelecida! E só quando o secretário vem para a sessão é que se dispõe a informar-se sobre os problemas a tratar! Ele ou qualquer outra pessoa lembram-se de um problema; procede-se ao seu exame, inicia-se uma discussão, e deste modo a sessão prolonga-se durante horas que podiam ser dedicadas ao trabalho, à instrução e iniciativas culturais, etc.

A atitude, herdada do passado, em relação à propriedade de Estado e à propriedade nacional de que dão provas bastantes pessoas no nosso país é verdadeiramente criminosa. São pouco numerosos os mecânicos que cuidam como deve ser da sua locomotiva. São pouco numerosos os operários, os técnicos e os engenheiros búlgaros que tratam cuidadosa e conscientemente das suas máquinas, dos seus utensílios e dos materiais. Não é uma propriedade pessoal, dizem eles, mas uma propriedade de Estado — então, para que é que havemos de ter cuidado? É uma atitude caduca, característica da época do antigo Estado fascista e antipopular; tem de ser liquidada. Hoje temos o nosso Estado, o Estado popular. É um Estado dos operários, dos camponeses e dos intelectuais, dos ferroviários, dos marinheiros, dos mineiros e de todos os trabalhadores do nosso país. Por isso devemos combater e liquidar definitivamente este segundo mal — o esbanjamento, a prodigalidade —, para realmente podermos utilizar todas as nossas forças e recursos morais e materiais na realização do plano económico bienal, para avançar firmemente.

Existe um terceiro mal, talvez ainda maior — a burocracia. Pode-se constatar uma atitude burocrática em relação ao serviço e ao trabalho em todos os ministérios, administrações, em todos os escritórios e até mesmo com determinados presidentes de câmaras de aldeias, que também eles se tornaram, não se sabe como, burocratas. Quando um camponês vai a casa de um desses presidentes da câmara por causa de um assunto urgente, este aceitará o seu pedido, mas diz-lhe que passe dois ou três dias mais tarde, ou até mesmo uma semana.

Uma direcção encontra-se, digamos, perto de uma outra, no mesmo edifício ou então num edifício vizinho. Os directores, ou os seus substitutos, ou ainda outros chefes, iniciam uma correspondência com o seu vizinho do departamento ao lado, trocando cartas oficiais sobre vários assuntos — de um director para o outro, de um chefe para o outro. Um perde horas a redigir a carta, a dactilógrafa perde tempo a escrevê-la, e o outro director ou chefe perde tempo a lê-la. Em vez disso, um dos directores podia ir à procura do outro, que está ali a seu lado, para solucionar e resolver o problema rapidamente. Isto também diz respeito ao vosso ministério, mas estou a falar de um modo geral. Muitas vezes, depois de uma longa correspondência entre as direcções, entre os escritórios, por causa de um problema um pouco difícil, o chefe, não ousando solucioná-lo sozinho, nomeia uma comissão: esta não se reúne durante uma ou duas semanas e o assunto ficou sem efeito. Acaso será possível governar um Estado popular desta maneira! Acaso será possível realizar deste modo o plano eco-

nómico! É preciso lutar sem tréguas contra a burocracia. Ao dizermos «Abaixo o fascismo!» podemos agora acrescentar «Abaixo a burocracia!»

Mas ainda há outra coisa. Reúnem-se comissões sob vários pretextos, tomam decisões sobre problemas importantes. No entanto, só muito raramente os responsáveis velam pela execussão dessas decisões. Casos como estes são frequentes. Quando por vezes telefono a um chefe de uma determinada administração para lhe perguntar o que é que foi feito sobre esta ou aquela resolução, muito embaraçado, não se lembra bem em que ponto está, depois começa à procura do «dossier» que não encontra durante todo o dia. Uma vez feito o controle, torna-se evidente que a resolução não foi executada. Isto significa que ninguém controlou a realização das decisões. Isto sucede muitas vezes com as organizações sindicais. Muitos dos vossos grupos sindicais e até mesmo comités dirigentes centrais não velam pela realização das decisões tomadas, como de muitas outras boas ideias de utilidade pública que ficam sem efeito. Paralelamente a este estado de coisas, existe nas nossas administrações uma atitude burocrática, grosseira e fria em relação ao pessoal menor e aos cidadãos que vêm pedir um serviço. Sei perfeitamente que um chefe é um chefe, um ministro — um ministro, um presidente do Conselho — presidente do Conselho; mas isso não significa que esses dirigentes se devam comportar com os seus empregados e empregadas subalternos ou com os cidadãos que vieram pedir-lhes emprego como fidalgos sem alma. É indispensável que o chefe tenha uma atitude correcta e humana em relação aos empregados e cidadãos que também deve auxiliar e que pelo contrário, seja severo, implacavelmente severo em relação aos preguiçosos, aos indisciplinados, aos sabotadores. Cidadãos com legítimo direito a exigir um serviço vão a uma administração qualquer para obter um documento de admissão à escola, um bilhete de identidade, um cartão de racionamento, etc. — sabemos perfeitamente que se pedem sempre mais documentos do que os que são necessários —, e quando se dirigem ao respectivo empregado presta-lhes este muito pouca atenção. Os cidadãos fazem bicha, perdem horas do seu dia de trabalho, perdem muitas vezes o salário de um dia de trabalho, e contudo o seu problema continua por resolver. Delegações de camponeses e de outros cidadãos do nosso país vêm da província para resolver os seus próprios assuntos ou então assuntos de interesse geral. Passa-se uma semana, duas, três; os delegados muitas vezes são mandados de um departamento para outro, o problema continua por resolver, e só quando uma das delegações está farta — casos como estes não são raros — e vem ao Conselho de Ministros ou então ao Comité Nacional, é que se revela, depois de feitas as devidas verificações, que muitos dos problemas levantados não são assim tão complicados e que a sua solução só tomava uma ou duas horas. O comportamento desumano e grosseiro em relação aos cidadãos por parte dos grandes e pequenos empregados será tratado pelo governo como crime; o empregado culpado não só será demitido, como deverá comparecer perante um juiz.



A burocracia aparece sob as mais variadas formas como uma hidra de cem cabeças. Faz malograr qualquer causa boa, provoca a indignação e a amargura dos cidadãos e entrava consideravelmente a realização das nossas iniciativas no domínio do plano económico.

Sem me deter mais sobre este assunto, repito: estes males em todos os domínios da nossa vida social, económica e cultural devem ser definitivamente vencidos e liquidados graças aos esforços comuns do nosso povo.

Temos hoje todas as condições para poder avançar firmemente. As hesitações que podiam existir no ano passado a propósito da estabilidade da nossa posição internacional, desaparecem. As dúvidas e as hesitações que existiam em determinados meios que pensavam que a Frente da Pátria e o seu governo não passaria de um fenómeno provisório, que se malograriam em pouco tempo e que o passado seria restaurado em benefício do capital parasitário, dos especuladores e dos exploradores no nosso país, estas dúvidas, repito, já não têm razão de ser. Hoje a Frente da Pátria está mais estável do que nunca.

Alguns afirmavam que se ousássemos atacar um chefe da oposição na Bulgária que perpetrasse crimes contra o nosso povo e a nossa República popular, pouco faltaria para que tropas americanas e inglesas penetrassem na Bulgária para derrubar a Frente da Pátria e libertar o chefe da oposição preso. Que ingenuidade e que vistas curtas! Agora podem ver

que o maior dos chefes da oposição está preso e inculpado por ter preparado um golpe de Estado, e que ninguém na Bulgária mexe um dedo para protestar, para organizar manifestações ou comícios. Nada disso. Podemos perguntar-nos porquê? Porque o nosso povo, na sua grande maioria, compreende perfeitamente a importância da Frente da Pátria e do seu governo, a importância do plano económico, e dá-se claramente conta, ao mesmo tempo, do papel antipopular da oposição. Agora o inimigo procura incendiar, às escondidas, a colheita que é como o sabem insuficiente devido às condições climatéricas desfavoráveis; procura fazer uma manobra de diversão, formar grupos armados de conspiradores, dos quais alguns já foram presos pela milícia, com vista a provocar uma pressuposta ingerência estrangeira. Esforços vãos! Primeiro, o povo estará vigilante, cada um de nós estará vigilante; segundo, a milícia popular — a Segurança de Estado — velará para que isso não aconteça.

Devemos estar seguros de que apesar de tudo encontraremos o porto de salvação contando apenas com as nossas próprias forças, com o nosso trabalho, com o nosso heroísmo para com a pátria, e com a nossa justa política pacífica e democrática. Quanto mais trabalhadores, disciplinados, firmes e unidos formos no nosso trabalho, tanto mais respeitados seremos não só pelos ingleses e pelos americanos como pelos franceses, pelos nossos amigos e pelos nossos inimigos.

Com este sentimento de orgulho nacional, com esta consciência de um belo futuro para o nosso povo, felicito-vos mais uma vez e convido-vos a um trabalho incansável pela causa da Frente da Pátria, pela execução bem sucedida do plano económico bienal do Estado.

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo,* n.° 146,
de 28 de Junho de 1947.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 181-193.



# SAUDAÇÕES DIRIGIDAS AO CAMARADA VASSIL KOLAROV POR OCASIÃO DO SEU 70.° ANIVERSÁRIO

A celebração do 70.° Aniversário de Vassil Kolarov, presidente da Grande Assembleia Nacional e presidente provisório da República Popular da Bulgária, é um feliz acontecimento de alcance nacional.

Durante 50 anos, o nosso caro camarada Kolarov tem dedicado sem reservas todas as suas forças e os seus dotes de político, e actualmente de homem de Estado eminente, a servir fielmente e com dedicação o povo e o nosso país. Goza com todo o direito da afeição e estima não só dos trabalhadores búlgaros, como também de todas as pessoas honestas e progressistas no nosso país e além-fronteiras.

Podia-se escrever um livro sobre Vassil Kolarov, sobre a sua vida tão rica e intensa, a sua absoluta honestidade e a sua actividade social, política e científica. Gerações inteiras serão educadas num espírito democrático e progressista, estudando a sua tão preciosa biografia.

O povo búlgaro está feliz por ter um grande homem de Estado tão dedicado, possuindo dons excepcionais, uma enorme erudição e uma rica experiência política.

Hoje, quando o nosso povo celebra, com uma sincera alegria, o 70.° aniversário de Vassil Kolarov desejando-lhe força, saúde, vigor moral, para que possa trabalhar ainda por muitos anos, com o mesmo êxito, e lutar pelo triunfo definitivo da grande causa do povo, eu que trabalhei com ele durante quase meio século, no país e na emigração, saúdo-o cordial e fraternamente e desejo-lhe de todo o coração que

viva sempre tão alerta, cheio de vida e apto para o trabalho até ao pleno desenvolvimento da nossa pátria — a República Popular da Bulgária.

Sófia, 9 de Julho de 1947.

*J. Dimitrov*
Presidente da República Popular da Bulgária

Publicado na folha:
*Vassil Kolarov*, 1947.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 200-201.



# A VIA A SEGUIR PARA EVITAR UM NOVO MUNIQUE

## *A LUTA CONTRA OS FAUTORES DE NOVAS GUERRAS É UMA TAREFA HISTÓRICA DE TODOS OS PAÍSES DEMOCRÁTICOS. DECLARAÇÕES FEITAS AO CORRESPONDENTE DE* RUDE PRAVO (6)

Rude Pravo *(de 1 de Outubro do ano em curso), órgão do Partido Comunista da Checoslováquia, publica as declarações do camarada Jorge Dimitrov, presidente do Conselho, em resposta às perguntas que o redactor de política externa do jornal* Rude Pravo *lhe tinha feito.*

*Pergunta:* Fala-se actualmente de uma política que poderia levar a um novo acordo de Munique. Existem, na sua opinião, tendências que levem a semelhante política? Em que aspectos é que elas se aproximam da política de Munique de 1938 e em que outros diferem?

*Resposta:* A História nunca se repete. É evidente que não se pode repetir um «Munique» de 1938. Existem no entanto situações análogas, como a actual conjuntura internacional, em relação à de 1938. Nessa ocasião, em Munique, Chamberlain e Daladier tentaram, em nome da Grã-Bretanha e da França, dirigir a agressão fascista contra a União Soviética dando o seu acordo à anexação da Áustria e traindo a República da Checoslováquia. Hitler aproveitou-se desta ignominiosa capitulação dos governantes ingleses e franceses para desencadear a guerra, esmagar a Polónia e a França, subjugar vários outros países, aplicar duros golpes à Grã-Breta-

nha e, em seguida, atacar perfidamente a União Soviética. A histórica traição de Munique, cuja pesada responsabilidade cabe aos governantes da Grã-Bretanha e da França, abriu o caminho à guerra total pelo domínio mundial, preparada pelo imperialismo alemão.

Após a derrota da Alemanha nazi, da qual o maior mérito cabe à U. R. S. S. e ao seu invencível exército, prepara-se uma vez mais, actualmente, uma guerra agressiva pelo domínio mundial.

A diferença reside contudo no facto de na época dos acordos de Munique a iniciativa ter vindo dos imperialistas alemães, enquanto hoje ela pertence aos imperialistas americanos. Nessa época, os governantes oficiais da Grã-Bretanha e da França auxiliaram Hitler, actualmente os governantes desses Estados estão dispostos a secundar Truman. Contrariamente a 1938, o lugar dos imperialistas é actualmente ocupado pelos imperialistas americanos. Ora o fim último é o mesmo, a saber, estabelecer o domínio mundial de uma grande potência sobre todos os povos do globo.

O anticomunismo era a cortina de fumo para a agressividade de Hitler, para a campanha dos imperialistas alemães que visava o domínio mundial. Como se sabe, durante a Segunda Guerra Mundial o anticomunismo sofreu uma derrota retumbante. Não só não conseguiram destruir o comunismo, como este deu provas, precisamente durante a guerra de libertação, da sua força popular vital e alargou muito a sua influência e a sua importância, enquanto os seus principais coveiros eram enterrados. Apesar disso, agora os imperialistas americanos e os seus representantes oficiais também se servem do anticomunismo como cortina de fumo. É evidente que não são capazes de inventar nada de mais novo do que a palavra de ordem dos hitlerianos, que falhou.

A Organização das Nações Unidas e o seu princípio fundamental — a unanimidade das quatros grandes potências para a solução dos problemas da paz e da segurança internacional — constitui um sério obstáculo para os novos pretendentes ao domínio mundial. Daí as tentativas dos imperialistas americanos para tentar minar os fundamentos dessa organização, utilizando os seus satélites na sua actual sessão geral que está reunida em Nova Iorque.



*Pergunta:* Em que é que a actual conjuntura difere da de «Munique» de 1938? Qual é a actual relação entre as forças pró-Munique e as anti-Munique?

*Resposta:* Existe uma diferença importante entre a situação na época dos acordos de Munique e a actual situação.

Em que é que consiste essa diferença? Apresenta-se sob os seguintes aspectos:

*a*) Em consequência do seu papel libertador, a União Soviética saiu vitoriosa da guerra anti-hitleriana com uma autoridade e uma influência internacional colossais, pois tinha adquirido uma grande experiência militar, e estava segura da união indefectível dos povos soviéticos;

*b*) Graças ao glorioso Exército Vermelho muitos países foram libertados do jugo fascista. Os povos desses países tornaram-se senhores do seu destino. Nos países da Europa de sudeste estabeleceu-se e reforçou-se a democracia popular. Estas democracias populares, com a União Soviética à frente, constituem um sério obstáculo à agressão imperialista e uma segura garantia da paz. Este facto é de uma importância histórica e mundial;

*c*) Os povos coloniais sublevaram-se para a luta nacional de libertação contra os dominadores imperialistas. Esta luta que toma cada vez maior amplitude é capaz de impedir a realização dos planos belicosos dos imperialistas;

*d*) O movimento operário e democrático nos países capitalistas, em consequência da amarga lição que os povos tiraram de cinco anos dessa terrível guerra, tomou um novo impulso e torna-se cada vez mais um factor importante para a defesa da paz;

*e*) Em muitos países, graças à sua luta heróica e cheia de abnegação contra o fascismo, os comunistas, fiéis servidores dos seus povos, não só foram reconhecidos como também tomam uma parte activa no governo dos seus países e por vezes mesmo estão à frente desse governo. De facto, reuniram as forças verdadeiramente democráticas e progressistas em frentes nacionais para

suprimir os vestígios do fascismo, para edificar sobre novas bases os seus Estados e para defender a sua independência nacional e a sua soberania. Combatentes experimentados e inabaláveis, os comunistas tomaram a chefia da luta pela paz e constituem um factor subjectivo poderoso nessa luta;

*f*) A última guerra agudizou muito especialmente as contradições do capitalismo. Os povos dão-se cada vez mais conta da falência do sistema capitalista, do seu carácter antipopular e da superioridade do regime socialista, brilhantemente confirmada durante a guerra pelo grande país das repúblicas socialistas soviéticas. Milhões de homens já só vêem a sua salvação no triunfo do socialismo.

Daí resulta que as forças da paz e da democracia no mundo são muito maiores do que na época dos acordos de Munique.

Além disso, estas forças continuam sempre a crescer, enquanto as da reacção imperialista e dos fautores de uma Terceira Guerra Mundial não só não aumentam, como estão condenadas à decadência.

O reforço e a aceleração deste processo histórico, chamado a garantir uma paz real às gerações futuras, dependem da luta dos povos pacíficos amantes da liberdade, da luta da classe operária, dos camponeses e dos intelectuais saídos do povo, bem como da actividade dos partidos comunistas enquanto factor que reúne as forças democráticas e progressistas.

Os imperialistas, sobretudo os imperialistas americanos, procuram uma saída para as dificuldades do pós-guerra e para a crise económica que os ameaça, na sujeição económica do maior número possível de países e na preparação de uma nova guerra agressiva sobretudo contra a União Soviética — o mais importante e poderoso guardião e combatente da paz. Os imperialistas americanos esperam poder comprar com os seus dólares os povos que têm governantes venais, e intimidar com a bomba atómica os povos que não estão dispostos a vender a sua independência. Os imperialistas americanos procuram por todos os meios abrir a via à sua campanha pelo domínio do mundo, o que, decerto, não podem conceber sem uma nova guerra mundial. Daí o apoio que dão aos regimes fascistas e reaccionários, a sua assistência moral e militar à Grécia e à Turquia, e a sua atitude hostil em relação às novas democracias na Europa de sudeste. Daí a furiosa campanha anti-soviética e a histeria anticomunista de que somos actualmente testemunhas nos Estados Unidos da América.



*Pergunta:* Qual é a posição da Bulgária na luta entre as forças pró-Munique e anti-Munique?

*Resposta:* Neste caso o povo búlgaro, como aliás todos os povos democráticos, coloca-se sem dúvida ao lado das forças da paz e da democracia, com a grande União Soviética à frente, contra a reacção imperialista e os fautores de uma Terceira Guerra Mundial, não só como um factor passivo, mas como um factor activo. Tudo isto é ditado, claro está, não por motivos ideológicos, mas pelos supremos interesses dos povos democráticos, pela necessidade de manter e de reforçar a sua independência política e económica e a sua soberania.

Actualmente, a grande tarefa histórica é realizar aquilo que não se conseguiu fazer nas vésperas da última guerra mundial, a saber — criar uma poderosa frente antimilitarista unida dos povos e dos Estados democráticos contra os fautores de novas guerras, assegurar a cooperação internacional, desorganizar e fazer ruir os planos de agressão dos imperialistas, e antes de mais dos monopolistas capitalistas americanos.

O principal meio para o conseguir é desmascarar constantemente perante as massas esses pérfidos planos, seja qual for a máscara sob a qual se apresentem, opor uma resistência decisiva à propaganda de uma nova guerra, mobilizar rapidamente todas as forças democráticas e progressistas para estabelecer uma paz democrática e duradoura que assente na igualdade entre os povos e na cooperação internacional.

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo,* n.° 238,
de 12 de Outubro de 1947.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 247-252.

# A UNIÃO GERAL DA JUVENTUDE DEMOCRÁTICA — VALENTE DESTACAMENTO DE COMBATE DO NOSSO POVO

*MENSAGEM DE SAUDAÇÃO AOS CONGRESSOS DA UNIÃO DA JUVENTUDE OPERÁRIA E DA UNIÃO DA JUVENTUDE CAMPONESA*

Saúdo cordialmente os delegados aos congressos da União da juventude operária e da União da juventude camponesa. Estou persuadido de que estão conscientes da grande importância das tarefas que actualmente cabem à juventude trabalhadora búlgara e que farão tudo para as cumprir como deve ser.

A nossa heróica juventude deu e continua a dar admiráveis exemplos de entusiasmo no trabalho, de dedicação à República popular e de grande consciência do dever patriótico, facto que lhe valeu o reconhecimento e a admiração dos outros povos democráticos e de todos os amigos da nova Bulgária no estrangeiro.

Mas a conjuntura interna e internacional, a luta por uma paz duradoura e pela democracia popular, contra a agressão imperialista e os fomentadores de uma nova guerra, exigem da juventude e de todo o povo búlgaro esforços ainda maiores e melhor organizados com vista à edificação da força económica, cultural e defensiva da nossa República popular, exigem uma mais estreita colaboração entre as forças do povo e a sua utilização racional na luta contra os inimigos do interior e pela consolidação definitiva das conquistas populares do 9 de Setembro para desenvolver essas conquistas históricas e levá-las ao seu fim lógico — o bem-estar do nosso povo, a liberdade, a independência e a soberania nacional do

país em cooperação fraterna com a grande União Soviética, com os povos eslavos e com outros povos democráticos.

Criada na luta contra o fascismo e contra a reacção capitalista, aguerrida, em grande medida, no trabalho heróico na frente da edificação económica, tendo enriquecido muito a sua experiência, a juventude operária e rural é chamada agora a dar, com uma energia e segurança ainda maiores, o seu precioso contributo para a nova etapa do desenvolvimento social do nosso país.

Neste aspecto, os êxitos dependerão de uma maior coesão, de um aumento da consciência e da actividade políticas da juventude e, sobretudo, do trabalho conjunto das duas mais importantes organizações — a União da juventude operária e a União da juventude camponesa. É a elas que compete, no momento presente, o principal papel na formação de uma união geral da juventude democrática na Bulgária com um programa comum, realmente democrático, antifascista e antimilitarista, com uma disciplina necessária, sólida e obrigatória para todos.

A experiência até agora adquirida com os comités da juventude democrática provou de maneira evidente a necessidade e a utilidade da juventude. As condições para isso já estão suficientemente maduras. Em vez de uma concorrência, como até agora sucedia, entre as diferentes organizações da juventude, a união de todas as forças permitir-lhes-á desenvolver muito mais a sua actividade, utilizar em comum e de modo muito mais racional as suas possibilidades e os seus quadros. Contribuirá para a mais rápida organização, para a instrução, para a educação e para a participação na luta e no trabalho activo desta fracção da juventude trabalhadora que ainda está atrasada.

É claro que para obter um bom êxito é necessário que a União geral da juventude democrática tenha tarefas e finalidades bem determinadas, bem como uma base de organização sólida. Lutar pela liquidação definitiva do fascismo, por domar e esmagar definitivamente a reacção capitalista, pela total consolidação da verdadeira democracia popular; lutar contra a agressão capitalista, contra os fautores de uma nova guerra mundial, e defender sem tréguas a independência nacional e a soberania da nossa República popular



enquanto factor activo na frente internacional democrática e anti-imperialista, encabeçada pela União Soviética e pelos povos democráticos, contra o campo antidemocrático e imperialista dirigido pelos imperialistas americanos — esses novos pretendentes ao domínio mundial; participar activamente na restauração e reconstrução da nossa economia nacional, economia que não trabalha para os lucros dos capitalistas nem para a acumulação de imensas riquezas privadas, mas sim para satisfazer as necessidades vitais do povo, para elevar o nível material e cultural dos trabalhadores das cidades e dos campos, para reforçar, tanto quanto possível, o poder económico e defensivo da República popular, e abrir a via à libertação dos trabalhadores de qualquer exploração; lutar constantemente para instruir e educar a juventude e sobretudo os seus quadros no espírito da verdadeira democracia, de acordo com os princípios da ciência progressista, no amor pelo trabalho fecundo e útil à sociedade, e na fidelidade à pátria — eis, na minha opinião, as principais finalidades e tarefas da União geral da juventude democrática.

Além disso, é necessário que a via seguida pelo nosso povo e por todos os povos democráticos tenha uma perspectiva clara. Essa via não significa um regresso ao capitalismo — principal fonte de todas as desgraças do povo e das guerras agressivas, mas conduz realmente ao socialismo enquanto obra histórica e salutar de todo um povo.

Antes de terminar, permitam-me que assinale que o trabalho conjunto da União da juventude operária e da União da juventude camponesa choca, entre outros, com um sério obstáculo, que reside em determinadas ideias falsas sobre a sua importância e o seu papel no movimento geral da juventude. Seria ingénuo negar determinadas vantagens importantes da União da juventude operária que são um fenómeno que está de acordo com as leis do nosso país e que determinam o seu papel de iniciativa e a sua influência predominante.

Todos sabem que a União da juventude operária engloba, além da juventude operária, jovens de todas as categorias do trabalho manual e intelectual, enquanto a União da juventude camponesa engloba apenas, ou sobretudo, a juventude rural.

Em segundo lugar, a União da juventude operária levou a cabo durante décadas e através dos mais sombrios períodos da reacção capitalista e monarco-fascista no nosso país, uma luta incansável e cheia de abnegação contra os inimigos do povo e sofreu inúmeras vítimas caídas pela liberdade do nosso povo. Nesta luta cruel e sangrenta, a União da juventude operária, dirigida pelo Partido Operário (Comunistas), cresceu como uma importante organização de massas da juventude, cerrou as suas fileiras, consolidou a sua disciplina de combate e formou numerosos quadros, dedicados e dispostos a todos os sacrifícios. Tudo isso constitui um capital extremamente precioso para o movimento geral da juventude e para o nosso povo, capital que, por razões evidentes, as outras organizações da juventude da Frente da Pátria não poderiam ter e continuam agora a não possuir na mesma medida.

Em terceiro lugar, contrariamente às outras organizações da juventude, a União da juventude operária tem, em toda a sua actividade, uma bússola segura e insubstituível, a teoria progressista confirmada pela experiência histórica, o marxismo, desenvolvido e completado pelo grande Lénine, teoria que lhe permite orientar-se mais facilmente nas tendências da evolução social e no curso dos actuais acontecimentos, definir mais correctamente as suas tarefas e a sua táctica em cada nova conjuntura, lutar com uma firmeza inabalável contra os inimigos do povo, seja qual for a sua máscara, e estar sempre na vanguarda das iniciativas da juventude no domínio da construção económica e cultural e na edificação da força defensiva da República popular.

Tudo isto, é claro, não significa que a União da juventude operária não tenha os seus defeitos e as suas fraquezas. Não. Ainda os tem e infelizmente não são poucos. A tarefa da União da juventude operária, ela própria consciente das suas fraquezas e defeitos, é vencê-los rápida e resolutamente.

Ora negar as qualidades acima mencionadas da União da juventude operária seria fazer o jogo dos inimigos do movimento da juventude democrática e da sua unidade. Em contrapartida, reconhecer sinceramente essas qualidades e conformar-se a elas seria, para a União da juventude camponesa e para outras organizações da juventude da Frente da Pátria, absolutamente natural e não só não tem para estas



nada de ofensivo nem de humilhante, como auxiliaria muito ao reforço de relações mútuas sólidas entre as organizações da juventude, sobretudo entre a União da juventude camponesa e a União da juventude operária, relações essas que deviam existir entre organizações fraternas de combate, chamadas a avançar sempre de mãos dadas para o bem comum e o progresso da nossa pátria. Que ninguém fique descontente se se disser que quanto mais depressa se puserem os pontos nos «ii» nesta questão, e se lhe ponha um ponto final, tanto melhor será para os membros da União da juventude operária, para a União da juventude camponesa e para o movimento democrático em geral no nosso país.

Desejo de todo o coração um acordo amigável completo entre os dirigentes e os delegados da União da juventude operária e da União da juventude camponesa, e os maiores êxitos para os seus congressos, em especial para a realização da grande obra — na actual conjuntura — da formação e consolidação da União geral da juventude democrática como poderoso factor da Frente da Pátria e valente destacamento de combate do nosso povo para a defesa da independência nacional e da soberania da República Popular da Bulgária e o seu desenvolvimento em todos os domínios.

30 de Outubro de 1947.

*J. Dimitrov*
Presidente da República Popular
da Bulgária

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo,* n.° 256,
de 2 de Novembro de 1947.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 271-276.

# A U.R.S.S. — APOIO SÓLIDO DA PAZ E DA DEMOCRACIA

O 30.° aniversário do primeiro Estado socialista soviético no mundo constitui muito naturalmente uma festa para toda a humanidade progressista. Durante os trinta anos decorridos desde a vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro, os povos soviéticos, sob a direcção do invencível Partido de Lénine, vencendo grandes dificuldades e à custa de enormes sacrifícios, resistiram a todos os seus inimigos e criaram num sexto do globo a poderosa União das Repúblicas Socialistas Soviéticas que está hoje na vanguarda de toda a humanidade.

Durante toda a sua existência, o Estado soviético provou pertinazmente que, ao mesmo tempo que realiza o socialismo e abre a via para o comunismo, não só trabalha para o bem dos seus povos, como também para o bem de todos os outros povos e sobretudo dos trabalhadores e da população dos países oprimidos pelo imperialismo.

Durante toda a sua experiência, o Estado soviético tem defendido firmemente a causa da paz, da liberdade e da independência nacional dos povos contra as feras imperialistas. Mas o papel libertador do país do socialismo revelou-se de uma maneira particularmente clara e evidente durante a Segunda Guerra Mundial, quando os seus heróicos povos e o seu glorioso exército salvaram a humanidade do hitlerismo bárbaro e canibal.

Com a derrota da Alemanha fascista, a União Soviética libertou vários povos eslavos e não eslavos assegurando-lhes a possibilidade de tomar o seu próprio destino nas mãos e de edificar o seu bem-estar e o seu futuro radioso com base na democracia popular.

Hoje, quando os imperialistas empreendem uma campanha contra a União Soviética e os países de democracia popular, contra as forças progressistas no mundo, quando os novos pretendentes ao domínio mundial exercem pressão sobre os povos ameaçando-os com uma nova guerra, o grande país socialista mantém-se firme à frente do campo democrático anti-imperialista inspirando-lhe confiança na superioridade das suas forças sobre as da expansão e da agressão imperialistas. Por isso todos os povos democráticos e todas as pessoas progressistas do mundo estão muito interessadas no ulterior reforço da União Soviética, no aumento do seu poder económico e defensivo, no êxito da sua política externa de paz, no seu progresso em todos os domínios.

É em vão que os imperialistas, os seus agentes socialistas de direita e outros pseudodemocratas se esforçam por cavar um abismo entre o mundo democrático e a União Soviética — o guia experimentado na luta pela democracia e pela cooperação internacional.

Os actos heróicos da União Soviética a favor da paz e da democracia, a sua poderosa voz, erguida a favor da justiça, que do alto da tribuna da Organização das Nações Unidas se repercute hoje por todo o mundo, dão um rude golpe na campanha de difamação desencadeada pelos imperialistas contra a União Soviética e os países de democracia popular.

Em torno da União Soviética, intrépido guarda da paz, da democracia e do progresso, unem-se cada vez mais estreitamente os novos países democráticos que rompem com o sistema imperialista e avançam ousadamente na via do desenvolvimento político e económico independente, libertando-se cada vez mais da influência da cultura burguesa reaccionária que, de ora avante, deixam de imitar cegamente, indo buscar forças vivas para o seu desenvolvimento cultural ao património da cultura socialista e progressista da União Soviética.

Em torno da União Soviética reúnem-se as forças realmente democráticas e progressistas de todos os países. Aprendem com a União Soviética como lutar e vencer, como edificar a nova e feliz vida dos seus povos. A amizade forjada no combate entre os povos dos novos Estados democráticos,



entre as forças sociais progressistas de todo o mundo e a União Soviética, assenta nos seus interesses comuns na luta por uma paz duradoura e pela defesa da sua liberdade, independência e soberania nacional.

Os povos eslavos, e entre eles o povo búlgaro, sentem uma especial alegria no dia do 30.° aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro. Sem o auxílio da União Soviética estes povos não teriam mantido a sua liberdade e a sua independência. Sem a União Soviética seriam devorados pelos lobos imperialistas. Sem o apoio da União Soviética a solidariedade eslava que hoje se consolida e serve a causa da paz e do progresso humano, seria impossível.

Neste dia memorável, a República Popular da Bulgária bem como todos os países da nova democracia, que devem a sua liberdade, a sua independência e o seu desenvolvimento antes de mais à União Soviética, experimentam um sentimento de profunda gratidão para com os seus povos e o seu exército, para com o Partido bolchevique.

Neste dia, o povo búlgaro, juntamente com milhões de homens de todo o mundo, presta um juramento de amizade e de fidelidade ao grande Estado socialista, apoio inabalável da paz e da democracia. Pronuncia e dirige, com toda a sinceridade, palavras cheias de estima, de amor e de admiração aos povos da União Soviética.

Glória eterna aos combatentes caídos na luta pela vitória da Revolução de Outubro, nos combates pela liberdade, pela independência e pelo progresso do primeiro país do socialismo!

Que viva e se consolide a União Soviética — esperança da humanidade trabalhadora progressista!

Glória ao Partido Comunista da União Soviética — os bolcheviques — exemplo para os comunistas de todos os países!

Glória eterna a Vladimir Ilitch Lénine!

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo,* n.° 260,
de 7 de Novembro de 1947.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 279-282.

# SOBRE A CONSTITUIÇÃO

*DISCURSO PRONUNCIADO*
*NA GRANDE ASSEMBLEIA NACIONAL*
*A 4 DE DEZEMBRO DE 1947*

*Jorge Dimitrov, presidente do Conselho:* Caros deputados! Parece-me que não tenho nada de especial a acrescentar àquilo que o nosso presidente (7) já disse. Hoje é na verdade uma data histórica para o nosso povo e para o nosso país.

A Constituição da República Popular da Bulgária, definitivamente adoptada, consolida as bases do nosso poder popular.

Esta magnífica Constituição foi escrita com o sangue do nosso heróico povo, amante da liberdade, vertido durante os longos anos de luta contra a tirania monarco-fascista e burguesa.

A Constituição consolida as heróicas conquistas do povo em 9 de Setembro de 1944 e ergue as necessárias barreiras constitucionais contra o regresso ao passado sombrio e vergonhoso.

A nova Constituição sanciona de uma vez por todas o princípio fundamental, a saber, que o poder pertence ao povo e que apenas está ao serviço do povo. Não há nem pode haver outro poder no nosso país. Acabam-se definitivamente com os privilégios do capital privado; a burguesia está para sempre privada de qualquer possibilidade de domínio.

No governo da República Popular, o papel dirigente cabe integralmente ao povo trabalhador, ou seja, aos operários, camponeses, artesãos e intelectuais laboriosos, aos homens,

às mulheres, à juventude do trabalho manual e intelectual útil à sociedade.

Sob o regime da nova Constituição não há lugar para o capital parasitário, para os espoliadores dos frutos do trabalho do povo. O princípio: «Aquele que não trabalha, que não se dedica a um trabalho útil à sociedade, não deve comer!», foi sancionado.

A nova Constituição, ao mesmo tempo que confirma os princípios da democracia popular, abre a via ao desenvolvimento social do nosso país, facto que levará à liquidação definitiva de todas as sequelas do sistema capitalista de exploradores, à libertação dos trabalhadores de qualquer exploração, isto é, à liquidação definitiva da exploração do homem pelo homem.

A nova Constituição não é formal, mas é uma constituição real, não é apenas uma constituição escrita. Exprime a firme vontade do nosso povo de viver livre e feliz, na paz e na fraternidade com os povos eslavos e os outros povos democráticos amantes da liberdade.

Todavia, é necessário que cada um de nós se dê bem conta de que a unidade indestrutível do povo, realizada pela Frente da Pátria, é a principal garantia da realização dessa magnífica Constituição popular.

A garantia é a vigilância do povo em relação aos seus inimigos e à luta sem tréguas contra o fascismo e a reacção com vista à sua erradicação definitiva da terra búlgara.

Queria, do alto desta tribuna da Grande Assembleia Nacional e em nome do governo búlgaro da Frente da Pátria, lançar um apelo a todos os trabalhadores no nosso país, a todos os patriotas búlgaros, e dizer-lhes:

Irmãos e irmãs! Com a Constituição popular avancemos para o bem-estar do povo, para o progresso e o desenvolvimento da nossa nação em todos os domínios!

Que viva e prospere para sempre a República Popular da Bulgária!

Prova estenografada da:
Grande Assembleia Nacional
124.ª sessão, 1947.
Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo,* n.° 284,
de 5 de Dezembro de 1947.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 297-299.



# TEMOS O DIREITO DE FAZER ABORTAR OS PLANOS IMPERIALISTAS NOS BALCÃS

*DISCURSO PRONUNCIADO NO ALMOÇO OFERECIDO APÓS A ASSINATURA DO TRATADO DE ALIANÇA ENTRE A R. P. DA BULGÁRIA E DA R. P. DA ALBÂNIA A 16 DE DEZEMBRO DE 1947*

*No almoço oferecido por ocasião da assinatura do tratado de amizade, de cooperação e de auxílio mútuo, da convenção cultural e de um protocolo respeitante às relações económicas e comerciais entre a Bulgária e a Albânia, o presidente do Conselho de Ministros da Bulgária, Jorge Dimitrov, pronunciou o seguinte discurso:*

Assinalámos hoje aqui um tratado de aliança, de amizade, de cooperação e de auxílio mútuo entre a República Popular da Bulgária e a República Popular da Albânia. Também assinámos uma convenção cultural e um protocolo especial respeitante às relações económicas e comerciais entre os nossos países. Este tratado de aliança, bem como as outras convenções, constituem acordos para a paz e não para a agressão contra os outros países e povos. É um tratado de aliança assinado a favor da paz nos Balcãs, para contribuir para o estabelecimento de uma paz duradoura e democrática na Europa e em todo o mundo. Um tratado que não tem nada de secreto porque não é próprio das democracias populares concluir acordos e tomar ao mesmo tempo compro-

missos secretos, sem que os seus povos o saibam. O nosso tratado de aliança é assinado no momento em que, como o sabem, as forças imperialistas fazem todos os possíveis para impedir o estabelecimento e a edificação de uma paz duradoura de pós-guerra. Para isso procuram minar as bases da Organização das Nações Unidas que devia ser o instrumento que garantisse a paz: procuram transformar esta organização internacional num instrumento dos seus objectivos de conquista, da sua campanha pelo domínio mundial.

Para este mesmo fim, os imperialistas, guiados pelos imperialistas americanos, fazem, como se sabe, grandes esforços para apoiar regimes antipopulares, perigosos para a paz nos Balcãs e na Europa.

Os nossos povos, os povos da democracia popular, estão directamente interessados e têm a obrigação de fazer abortar, com esforços comuns, os planos imperialistas nos Balcãs, e estabelecer e garantir uma paz duradoura e democrática para os nossos países. A base da paz, da democracia e da estabilidade na Península balcânica, que lhe permitirá tornar-se de uma barrica de pólvora numa base da paz, do trabalho criador e pacífico dos nossos povos, é antes de mais a aliança indestrutível e inabalável entre os povos irmãos da Jugoslávia, o povo búlgaro e o povo albanês. Juntamente com a Jugoslávia fraterna, a República Popular da Albânia, o heróico povo grego, a Roménia e a Hungria democráticas, juntamente com a Polónia eslava democrática, a Checoslováquia eslava democrática e as forças democráticas nos países do Ocidente, somos e seremos capazes, com a União Soviética à frente, de fazer abortar os planos pérfidos, belicosos e de conquista dos imperialistas nos Balcãs e de estabelecer a paz e a fraternidade entre os povos balcânicos, factor da paz geral e da democracia no mundo.

No espírito do tratado que acaba de ser assinado, prometemos mutuamente trabalhar de mãos dadas com os nossos amigos contra os nossos inimigos comuns, porque os nossos amigos são comuns, os nossos inimigos são comuns, e o nosso destino e o nosso futuro são comuns.

Estamos dispostos a cumprir aquilo que assinámos, cumpri-lo-emos, e a garantia disso são os nossos povos combatentes, o seu trabalho, a sua vontade, o seu heroísmo e a



sua unidade. Também são garantia disso a Frente da Pátria búlgara, a Frente Popular albanesa e os nossos Partidos comunistas, cuja actividade e luta são animados por um único objectivo comum — a prosperidade e a felicidade dos nossos povos. Deixamos esta conferência fraterna com a firme decisão de trabalhar ainda mais e com mais êxito para o reforço para a consolidação da nossa fecunda aliança de combate. Não existe nem pode existir força que consiga separar-nos. No passado estávamos ligados pela nossa luta conjunta contra os nossos inimigos comuns. Hoje estamos unidos por elos afectivos e espirituais, por interesses ainda mais sólidos e mais profundos, com objectivos idênticos, como irmãos nos momentos difíceis e nos dias felizes, na alegria e na desgraça. A nossa causa é justa e triunfará apesar de tudo.

Viva a aliança sólida, indefectível e de combate entre o povo albanês e o povo búlgaro!

Viva a grande União Soviética!

| | |
|---|---|
| Publicado em:<br>*Rabotnitcheski Délo*, n.° 296,<br>de 18 de Dezembro de 1947. | Tradução ligeiramente<br>abreviada do texto de:<br>J. Dimitrov, *Obras*, t. XIII.<br>Edições do P. C. B.,<br>1955, pp. 321-324. |

# AS DUAS PRINCIPAIS TAREFAS QUE IMPÕEM A UNIFICAÇÃO DA JUVENTUDE BÚLGARA

*DISCURSO PRONUNCIADO PERANTE OS DELEGADOS AO CONGRESSO CONSTITUINTE DA UNIÃO DA JUVENTUDE POPULAR A 22 DE DEZEMBRO DE 1947*

Caros delegados, jovens de ambos os sexos!

Permitam-me que, em nome do governo da Frente da Pátria, felicite muito cordialmente o vosso Congresso constituinte por ter tomado decisões judiciosas e oportunas, e que exprima a nossa certeza profunda de que essas decisões, apesar das eventuais dificuldades, serão realizadas para o bem da nossa Pátria.

A imperiosa necessidade de uma sólida união da juventude popular búlgara, de uma organização unificada da juventude, provém das duas principais tarefas que competem ao nosso povo.

*A primeira tarefa* provém do facto de o nosso país se ter mantido atrasado do ponto de vista económico por culpa da burguesia exploradora e venal. O nosso povo, que a 9 de Setembro de 1944 se tornou o único senhor dos seus destinos, começou a recuperar o que lhe faltava no passado e presentemente deve continuar a trabalhar nessa via, com mais energia. Cabe ao nosso povo a grande tarefa de orgazar de modo planificado e em ritmo acelerado e de desenvolver ao máximo a nossa indústria nacional e a nossa agricultura, de assegurar e de acelerar a industrialização e a

electrificação do nosso país. Não devemos esquecer que os países economicamente subdesenvolvidos estão sempre ameaçados pelo perigo de perder a sua independência nacional e política e de ser subjugados pelas forças imperialistas. Devemos ser economicamente fortes e decerto que o viremos a ser! Vamos edificar o nosso poder económico a ponto de nos desembaraçarmos para sempre da dependência do capital estrangeiro, da influência e da pressão do dólar americano. Mas para sermos fortes, para adquirirmos o poder económico indispensável, é-nos necessário mobilizar todas as forças sãs e criadoras da nossa nação e aproveitar todas as nossas reservas naturais, morais e outras. E também a este propósito, a juventude popular e sobretudo o seu excelente movimento das brigadas de trabalho voluntário desempenharão um papel muito importante.

A unificação da juventude popular búlgara contribuirá muito para que todas as suas forças e o seu grande entusiasmo, de que deu brilhantes provas por ocasião do congresso, constituam um contributo para a edificação da nossa amada República popular. A unificação da juventude popular também auxiliará o governo da Frente da Pátria a liquidar definitivamente sob o nosso céu todas as sequelas do sistema capitalista de exploração; essa mesma juventude auxiliar-nos-á a abrir o caminho para a libertação definitiva dos trabalhadores de toda a exploração, para a liquidação da exploração do homem pelo homem.

*A segunda tarefa* provém do facto de a nossa República popular ser obrigada a consolidar para sempre a sua independência nacional e a sua soberania contra qualquer golpe, venha este de onde vier. Também nesta frente, a juventude popular desempenha e desempenhará um papel muito importante. É ela que está sobretudo nas fileiras das forças armadas da República popular. A juventude popular, juntamente com o exército popular e os nossos guardas fronteiriços, defende e defenderá no futuro ainda mais firmemente a nossa República popular, o seu território, as suas fronteiras, os frutos do trabalho do povo. A unificação da juventude popular entre nós contribuirá sem dúvida muito para a sua formação política e espiritual com vista à defesa da nossa pátria. A decisão da União da juventude popular de se responsabilizar pelos



guardas fronteiriços e pelos blindados do nosso exército popular é uma incontestável prova disso.

A unificação da juventude popular suprime o inútil desperdício de forças e de meios pelas diversas organizações da juventude, põe fim à mal organizada e irracional utilização dos seus quadros e dos esforços dos seus membros, põe fim às discussões e aos mal-entendidos frequentes que dizem respeito ao reforço da sua organização, nomeadamente: discussões sobre clubes, diversas campanhas, a difusão de jornais e revistas — divergências inevitáveis em presença de diferentes organizações da juventude. Hoje, no vosso Congresso constituinte, acabaram com tudo isso.

Agora, com esforços comuns, de mãos dadas, sem olhar a filiação neste ou naquele partido político, fiel à nossa grande obra, a obra do 9 de Setembro, a nossa juventude popular avançará para a eficaz realização das grandes tarefas que competem ao nosso povo e à juventude e, antes de mais, para que se realize com êxito o nosso plano económico de Estado, facto que é impossível sem o trabalho heróico da juventude.

A unificação da juventude popular cria uma cobiça impenetrável de milhões de jovens combatentes contra a reacção interna e os inimigos do estrangeiro, contra insidiosos planos dirigidos contra a liberdade e a independência do nosso país. É ao mesmo tempo uma indicação para os nossos inimigos no estrangeiro que ficarão a saber que a juventude popular búlgara está unida e que representa um poderoso destacamento do nosso povo, sempre pronto, se tal for necessário, a oferecer o seu trabalho, as suas forças, a sua energia, a dedicar o seu tempo, a sua alegria e a sua felicidade ao bem-estar da pátria, não só nas fábricas e nas oficinas, no campo e nos escritórios, nos estabelecimentos escolares e por toda a parte, como também pronto a lutar por outros meios contra os invasores ou contra aqueles que quiserem atentar contra a nossa liberdade e independência nacional.

Sabem que os nossos inimigos no interior, derrotados e enraivecidos, com a cabeça perdida, só contam agora com a guerra — uma nova guerra mundial que levaria à destruição da Frente da Pátria, da República Popular da Bulgária, e que restauraria o domínio da burguesia, do capitalismo, da reacção.

*Um delegado*: Morte aos fomentadores de uma nova guerra!

*Um outro delegado*: Viva a poderosa frente da paz!

*Jorge Dimitrov:* Como sabem, os nossos inimigos no interior murmuram que está iminente uma nova guerra mundial, e é sobretudo nela que, no seu desespero e na sua confusão, na sua desonra aos olhos do povo búlgaro, põem todas as suas esperanças. Mas as suas esperanças são vãs.

Se tudo dependesse dos imperialistas e muito especialmente dos imperialistas americanos, é claro que se decidiriam a essa aventura que, aliás, lhes queimaria as mãos e os faria ter a mesma sorte que a clique imperialista hitleriana. Ora nem tudo depende dos imperialistas americanos. Podem preparar a guerra, dedicar-se a uma propaganda belicista, permitir-se, como sabem, uma quantidade de provocações à Organização das Nações Unidas e durante as últimas sessões dos ministros dos Negócios Estrangeiros em Londres, mas não é deles que depende a declaração de uma nova guerra mundial.

É de notar que as forças da democracia e da paz são incomparavelmente maiores que as da reacção imperialista e dos fomentadores de uma nova guerra. E essas forças da democracia mundial aumentam todos os dias, enquanto que as da agressão e da expansão imperialista diminuem sem cessar porque os povos aspiram à paz, a uma paz duradoura, democrática e não a uma guerra imperialista. Estão demasiado fartos da guerra mundial recentemente terminada para pensar numa nova guerra muito mais horrorosa e destruidora do que a última. Todos os povos são contra a guerra. Do alto desta tribuna devo revelar que não são apenas os povos da nova democracia, da grande União Soviética e de muitos outros países, mas que o próprio povo americano se declara contra uma nova guerra mundial.

De facto, porque é que o povo americano — os operários, os fazendeiros, os trabalhadores intelectuais americanos — haviam de fazer a guerra? Com que fins? Porque é que haviam de voltar à Europa e que interesse podia ter para eles as aspirações de domínio mundial dos imperialistas americanos que já se comportam como senhores nos outros países? Os Estados Unidos da América são suficientemente grandes e ricos para assegurar ao povo trabalhador americano o bem-estar, a abundância e a prosperidade se não existisse o domínio imperialista. Não há dúvidas de que os trabalhadores americanos achariam muito mais razoável ajustarem as suas contas com os seus cartéis e consórcios imperialistas do que verter o seu sangue nos Balcãs e noutras frentes.



Uma análise marxista, estritamente científica, da actual conjuntura internacional concreta, da relação das forças — sociais e militares — à escala mundial, provaria sem dúvida que não está iminente uma nova guerra mundial, que os rumores alarmistas a respeito dessa guerra não passam de uma chantagem por meio da qual os imperialistas americanos e as outras forças reaccionárias em todos os países capitalistas procuram semear o terror, perturbar o trabalho criador e pacífico dos povos que lutam contra a agressão e a expansão dos imperialistas.

No que diz respeito ao nosso povo, com o vosso auxílio e a vossa heróica participação no trabalho e na luta, este continuará a edificar a sua República popular ainda com mais energia, segurança e firmeza, sempre pronto a esmagar com todas as suas forças qualquer provocação local, qualquer eventual invasão proveniente do sul.

Para isso contamos sobretudo com as nossas próprias forças, que aumentaremos todos os dias. Mas também concluiremos tratados de fraternidade com outros países com interesses iguais aos nossos, segundo a via de que também é a nossa — a da liberdade, da independência e da destruição definitiva do sistema imperialista no mundo... Como sabem, concluímos um tratado com a Jugoslávia. Há alguns dias concluímos um tratado idêntico com o heróico povo albanês. Serão concluídos dentro em breve tratados de aliança entre a nossa República popular e a Roménia democrática, a Hungria democrática, a Checoslováquia democrática, a Polónia democrática e o nosso grande protector — a União Soviética.

É claro que também estaremos prontos a assinar idênticos tratados de paz, contra a agressão imperialista, com todos os outros países que sincera e realmente o desejarem.

Como já o disse, ao assinar estes tratados e ao consolidar todo este sistema de defesa, concentraremos a nossa atenção sobretudo nas iniciativas que visam elevar ao mais alto nível a nossa própria economia, a nossa força nacional e defensiva.

Queria terminar com um aviso, citando o velho provérbio búlgaro, cheio de sabedoria: «As vinhas não têm necessidade de orações, mas sim de enxada.» Tomais excelentes decisões com um vivo entusiasmo e muito boa vontade, mas sem esforço o trabalho não pode ser coroado de êxito.

Viva a juventude popular búlgara, unida no trabalho e na luta!

Viva a inabalável Frente da Pátria — a organização social e política do nosso povo!

*Um delegado*: E o seu fundador — Jorge Dimitrov!

*J. Dimitrov*: Que viva, prospere e se consolide a República Popular da Bulgária!

Calorosas e fraternas saudações aos valorosos jovens das cidades e dos campos de todo o país!

Para a frente com a enxada, a foice e o martelo, com a máquina e o tractor, com a caneta e a arma na mão — ao trabalho e à luta!

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo,* n.° 301,
de 24 de Dezembro de 1947.

Tradução ligeiramente resumida do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 327-335.



# OS PROBLEMAS FUNDAMENTAIS DA POLÍTICA E DA TÁCTICA DA UNIÃO POPULAR AGRÁRIA BÚLGARA

*DISCURSO PRONUNCIADO NO XXVII CONGRESSO ORDINÁRIO DA U. P. A. B., A 29 DE DEZEMBRO DE 1947*

Caros delegados!
Irmãos e irmãs!

É com especial prazer que saúdo o vosso Congresso (*) porque considero que é de uma importância histórica não só para os membros da União Agrária Búlgara, como também para todo o povo búlgaro. Há uma profunda diferença entre o actual Congresso e os numerosos congressos da União Popular Agrária Búlgara que o precederam. Pode-se dizer que pelas suas decisões o vosso actual congresso cava um fosso *profundo* entre o passado e o presente. Hoje, depois de muita desorientação e de muitos erros nefastos durante certos períodos da vida da U. P. A. B., põem os pontos nos «ii», têm uma visão justa dos vários problemas fundamentais do nosso desenvolvimento social, da política e da táctica da vossa própria União. A resolução que acabam de adoptar por unanimidade e com um vivo entusiasmo é uma incontestável prova disso.

*Quais são esses problemas fundamentais* que geraram tantos mal-entendidos e aborrecimentos e causaram mesmo tantas desgraças aos membros da União Agrária, à classe operária búlgara, e a todo o povo?

*O primeiro problema fundamental,* já solucionado pela nossa experiência histórica, e sobre a qual ainda especulam

determinados políticos e ambiciosos mesquinhos no seio do nosso povo, é o problema da eventual existência de um poder camponês independente na Bulgária, sem, e até mesmo contra, a classe operária. Hoje, este problema está completamente solucionado. Passou para os arquivos da história! A derrota de 9 de Junho de 1923 deu-lhe, de uma vez por todas, uma resposta clara, categórica! O estabelecimento desse poder camponês é impossível.

*O segundo problema fundamental* reside na concepção segundo a qual existiriam contradições insuperáveis entre os interesses vitais dos camponeses, dos produtores agrícolas e os da classe operária. Desastrosa e trágica concepção esta que pretende opor o campo à cidade e a cidade ao campo, os trabalhadores da cidade aos agricultores, e os operários aos camponeses! Se ela não tivesse existido, a grande desgraça que se abateu sobre a Bulgária, no dia 9 de Junho de 1923, não teria sucedido. Também esta concepção errónea passou como experiência infeliz, para os arquivos da história.

*O terceiro problema fundamental,* que existe sem dúvida ainda hoje em determinados meios, reside na opinião segundo a qual a União Agrária tem a obrigação de defender os interesses do campo, de todos os camponeses, enquanto o Partido Operário, os comunistas, devem defender os interesses dos operários, dos trabalhadores da cidade.

No entanto, na véspera do 9 de Setembro, e mesmo antes do 9 de Setembro, enveredámos, em certa medida, por uma via muito diferente. A nossa própria experiência provou-nos que nem o Partido Operário, sozinho, conseguiria defender os interesses dos operários e dos trabalhadores da cidade, nem a União Agrária, sozinha, poderia defender os interesses dos camponeses, dos produtores agrícolas.

A defesa dos interesses destas duas principais classes produtoras da nossa sociedade constitui uma causa comum.

*O quarto problema fundamental* era, e ainda o é em determinados meios, o problema da atitude em relação ao socialismo. Dantes os inimigos do povo, os demagogos venais, inculcavam aos nossos irmãos camponeses e produtores agrícolas, e alguns deles ainda continuam a inculcar, a ideia de que a realização do socialismo só traria, pressupostamente, desgraças para o campo e para os produtores agrícolas.



Sabem muito bem que o socialismo já foi edificado num grande país e que esse grande país avança presentemente na via de uma frase mais elevada do desenvolvimento social, para o comunismo. Nesse país, sob o regime do socialismo, os camponeses não só não se tornaram criados de lavoura ou escravos como, por esforços comuns sob a direcção da classe operária, se tornaram verdadeiros senhores da sua terra, dos frutos do seu trabalho, criadores da sua felicidade e do seu futuro.

E pensem um pouco nisso — quem é que, na Bulgária, tem medo da realização do socialismo? Realmente, quem? São os grupos de exploradores que vivem e que procuram viver à custa dos outros sem trabalhar. São os parasitas. São também os esfoladores e os usurários nos campos. A realização do socialismo só aproveitará ao povo búlgaro, à sua classe operária, aos produtores agrícolas.

*O quinto problema fundamental* consiste no seguinte: quando nós, os operários e os camponeses, os camponeses e os operários, avançamos de mãos dadas e temos uma causa comum a defender, a quem é que vai caber *o papel dirigente* no seio deste povo de vários milhões de cidadãos? E que alguém em que assumir o papel dirigente, isto é absolutamente indispensável a qualquer colectividade, a qualquer organização, a qualquer exército militar ou político, a qualquer Estado. De um modo geral, afirma-se que os camponeses, uma vez que são mais numerosos do que os operários deviam assumir o papel dirigente.

Na verdade, como é que se põe o problema? Porque é que a classe operária, o seu Partido, os comunistas, já assumem o papel dirigente, reconhecido por todo o povo búlgaro? É apenas o mérito pessoal de determinadas pessoas, ou é um facto histórico fundamentado na nossa vida económica e social? Qual é o quadro das relações sociais no nosso país?

A classe operária, concebida na mais larga acepção do termo, tanto inclui os serventes como os operários especializados, os engenheiros e os técnicos, determinados empregados e outros assalariados que participam no trabalho comum. Devido ao próprio processo da produção, ela está concentrada nos mais importantes centros e ramos da indústria.

Os operários estão nas minas, nos transportes ferroviários e outros, na indústria metalúrgica, têxtil e outras. São eles que detêm as bases da nossa indústria nacional. Reunidos deste modo, podem organizar-se mais facilmente, instruir-se melhor, tornar-se uma vanguarda da outra fracção dos trabalhadores.

A classe operária também assume o papel dirigente por uma outra razão — é que possui uma arma teórica forte, nomeadamente a ciência marxista, que lhe permite orientar-se correctamente e na devida altura tanto na situação interna do país como na conjuntura internacional, captar no momento preciso as tendências progressistas fundamentais do desenvolvimento social, e dirigir a atenção, as forças e as lutas do povo na direcção necessária. Nenhuma das outras classes é capaz de realizar tudo isto, tanto devido aos seus interesses limitados, como devido à impossibilidade de discernir correctamente e de optar pelas tendências do desenvolvimento social progressista.

Quanto aos camponeses — não é por sua culpa, mas é evidentemente uma desvantagem — estão dispersos por milhares de vilas e localidades. Os camponeses, sobretudo os das aldeias longínquas nas montanhas e noutros sítios, não têm por conseguinte a possibilidade de se reunirem com frequência e não se podem dar facilmente conta dos seus interesses comuns. Por isso não se podem organizar como devem; nunca até agora se souberam organizar como os operários para poderem assumir a tão complicada e difícil função de vanguarda.

Será por exemplo devido ao acaso que depois de 9 de Junho de 1923, depois da derrota da Insurreição de Setembro, o Partido Comunista, apesar do terror que tinha suportado, não deixou de existir na clandestinidade até ao 9 de Setembro e de prosseguir a sua actividade e a sua luta contra os inimigos dos operários e camponeses? Durante este período, o Partido teve a lamentar muitas vítimas, mas manteve-se firme até ao fim. Quanto à União Agrária, durante este período vicenal, apesar da sua longa história, apesar do prestígio do seu guia imortal nessa ocasião, Alexandre Stamboliiski, não conseguiu manter a integridade da sua organização. Desagregou-se em vários grupos e grupúsculos, desagregação essa que só beneficiou aos oportunistas e aventureiros políticos que conseguiram lugares no Estado e introduziram a desmoralização e a corrupção nas fileiras desta organização militante irmã.



Será por acaso? É claro que não.

Será casual, por exemplo, que até 9 de Setembro só combatentes da classe operária e combatentes saídos da juventude operária — comunistas e membros da União da Juventude Operária — tenham tomado parte activa na luta dos guerrilheiros contra os ocupantes nazis e contra a ditadura monarco-fascista na Bulgária? Os membros da União Agrária mantinham-se afastados do movimento de resistência: prestavam assistência aos combatentes como agentes de rede e fornecedores de víveres, mas apenas desempenhavam neste movimento o papel de auxiliares.

Decerto que não é por acaso.

Devo fazer notar que devido às numerosas circunstâncias e condições em que a União Popular Agrária Búlgara se desenvolvia no passado, a essência positiva da ideologia populista de Alexandre Stamboliiski foi sufocada pelos espinhos e pelo joio burgueses, de que se está agora a desembaraçar definitivamente.

Conheci muito bem o inesquecível Stamboliiski. Durante a Primeira Guerra Mundial estivemos muito tempo na Prisão Central para onde o governo nos tinha lançado; ele — com outros militantes agrários, e eu — com os meus companheiros de luta política, socialistas de esquerda, porque nos declarávamos contra a política antipopular de Fernando. Uma vez que conheci de perto Stamboliiski, estou profundamente convencido, e do alto desta tribuna vos posso assegurar melhor do que qualquer outra pessoa, que se tivesse tido a felicidade de estar hoje vivo, se tivesse tido a possibilidade de tirar ensinamentos do desenvolvimento social a partir do ano de 1923 e, sobretudo, de conhecer as lições da grande guerra mundial de libertação, seria o primeiro de entre vós a lançar-se ousadamente ao trabalho, como o sabia fazer, para extirpar, com a caneta e a palavra ardente, esses nocivos males burgueses, para liquidar tudo o que se designava pelo execrando termo «drujbachtina».

É na verdade motivo de regozijo que vocês, os adeptos de Stamboliiski, corrijam com ousadia e firmeza, tal como também o indicaram na vossa resolução, muitos erros do passado,

que faziam parte dos problemas fundamentais de que vos falei. Esta vossa atitude é um contributo precioso para a consolidação da unidade moral e política do nosso povo e para a edificação da Frente da Pátria enquanto única organização de massas do nosso povo, de todos os elementos honestos, patrióticos, progressistas e realmente ligados ao povo.

Camaradas:

No dia 9 de Setembro de 1944, aproveitando o auxílio do glorioso exército soviético irmão, que perseguia e esmagava as hordas nazis, e avançava para as nossas fronteiras, o nosso povo soube, graças à insurreição popular, afastar a burguesia búlgara venal e corrompida da direcção do Estado. O povo tomou o poder nas suas mãos. De ora avante, podia dispor de si mesmo. O nosso desenvolvimento democrático e a edificação da nossa República popular progridem passo a passo. Estamos em vias de introduzir a mais importante, a mais profunda, a mais séria reforma — a nacionalização das empresas industriais e mineiras e dos bancos privados, este acto é motivo de regozijo tanto para o nosso povo como para os nossos amigos e aliados fiéis. No dia 9 de Setembro, a burguesia foi afastada da direcção do Estado, do governo do país. Actualmente, graças à nacionalização, ela foi afastada, de uma vez por todas, da vida económica. Deste modo somos capazes de abrir o caminho para a edificação acelerada do poder económico, nacional e definitivo da nossa nação, de abrir o caminho para uma elevação acelerada do nível material e cultural dos trabalhadores e muito especialmente dos camponeses, dos produtores agrícolas. Através da industrialização acelerada do país, da electrificação e das barragens que construímos, conseguiremos reconstruir a agricultura, elevar a sua produtividade a um nível sem precedentes e contribuir para aliviar o trabalho frutuoso mas ainda difícil dos agricultores.

Avançamos numa via de desenvolvimento que conduz à eliminação da diferença entre a cidade e o campo, entre a cultura e o bem-estar da cidade e do campo. Viver e trabalhar no campo já não será, tal como a burguesia o considerava, uma obrigação enfadonha e humilhante. Pelo contrário, será uma obra de valor, digna de respeito. O estado de coisas próprio do regime burguês, do domínio burguês segundo o



qual o trabalho intelectual era apenas um apanágio de aristocratas, de eleitos, sobretudo dos meios burgueses, das camadas dos ricaços, sendo o trabalho físico nas fábricas e sobretudo no campo reservado apenas às pessoas simples, esse estado de coisas será liquidado.

É sobre estas bases, criadas pelo 9 de Setembro e reforçadas pela nacionalização da indústria e dos bancos privados, que a Frente da Pátria continuará a edificar o novo Estado popular, a edificar o novo regime social que assenta nas duas principais classes da sociedade — a classe operária e os camponeses trabalhadores. O verdadeiro patrão da nossa economia nacional e supremo senhor dos destinos do povo búlgaro, é a classe operária, os camponeses trabalhadores, a que se devem acrescentar os artesãos e os intelectuais saídos do povo, todos unidos à Frente da Pátria. É da unidade destas duas classes produtoras, dos operários e dos camponeses, em cooperação com as outras forças democráticas no âmbito da invencível Frente da Pátria, que depende o futuro do nosso povo e a felicidade dos seus filhos.

Através dos esforços comuns, vencendo os obstáculos e as dificuldades, desafiando todas as ameaças, venham elas de onde vierem, devemos transformar o nosso pequeno país, e fá-lo-emos, num jardim florescente e num bastião inexpugnável contra as veleidades de conquistas estrangeiras. Seja quem for que tente destruir a nossa unidade, será esmagado pela roda da história. Todos os politiqueiros e agentes estrangeiros que ousarem minar as bases da união popular serão implacavelmente esmagados. Quanto àqueles que quiserem comer a dois carrinhos — as pessoas desta laia existiam e existem ainda entre nós, que, à semelhança do burro de Buridan, hesitam entre duas medas de feno — a esses a roda pô-los-á de lado como um objecto inútil e vetusto.

Agora só tenho um voto sincero e profundo a fazer-vos: que as excelentes decisões, adoptadas pelo Congresso, sejam realizadas, que se tornem carne da carne da União Popular Agrária, regenerada e vital. Tal como um carvalho, a vossa União resistiu a várias tempestades a que sobreviveu. No entanto, o tronco e a casca desse carvalho tinham sido atacados por numerosos parasitas, que sugavam as seivas vitais, entra-

vavam o seu desenvolvimento normal e quase o secaram completamente. Livrai o vosso carvalho desses parasitas.

Avancemos com esforços comuns, sempre em frente pelo bem-estar do nosso povo, pelo triunfo do seu grande ideal, pelo triunfo da justa causa da nossa amada República Popular da Bulgária.

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo,*
de 3 de Janeiro de 1948.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1966, pp. 341-350.



# EM FRENTE POR NOVOS ÊXITOS E VITÓRIAS PELO BEM-ESTAR DA NOSSA PÁTRIA!

## *APELO POR OCASIÃO DO ANO NOVO*

Caros compatriotas!

O governo da República Popular da Bulgária apresenta-vos as suas calorosas saudações e os seus melhores votos por ocasião do Ano Novo de 1948.

O ano passado não foi fácil para o nosso povo, sobretudo devido à fraca colheita depois de dois anos consecutivos de seca.

Mas apesar de todas as dificuldades, das privações inevitáveis e dos inconvenientes, é com uma grande satisfação que vemos passado o ano durante o qual o nosso povo realizou conquistas e êxitos notáveis no domínio da estabilização interior e do desenvolvimento da economia nacional, e relativamente à normalização e consolidação da situação internacional do nosso país.

Graças à política externa da Frente da Pátria, a única justa, graças à fé firme e inabalável do povo búlgaro nas suas próprias forças e na sua justa causa, graças também ao auxílio fraterno e inestimável do nosso duplo libertador e protector desinteressado — a grande União Soviética — bem como ao auxílio dos povos irmãos da Jugoslávia e dos outros povos democráticos, eslavos ou não, os pérfidos planos dos imperialistas, que queriam impor à Bulgária um Tratado de Paz com condições insuportáveis e espoliadoras, que prejudicavam a sua integridade territorial e esmagavam a sua liberdade económica e política e a sua independência, foram aniquilados. A Bulgária conseguiu assinar um Tratado de Paz, o

mais aceitável possível nas condições internacionais existentes, e, além disso, o governo búlgaro pôde formular a tempo as suas objecções contra as iniquidades que este continha.

Depois da assinatura e da ratificação do Tratado de Paz, o governo da Frente da Pátria pôde normalizar as relações diplomáticas do país com a maior parte dos Estados europeus e não europeus, com os quais a Bulgária tinha mantido relações antes da guerra. Concluíram-se acordos políticos, económicos e culturais com um grande número de países, facto que facilita o desenvolvimento pacífico da Bulgária e assinala o seu prestígio aos olhos da opinião pública democrática mundial.

Pelo histórico acordo de Bled e pelo tratado de amizade, de colaboração e de cooperação assinado entre a República Popular da Bulgária e a República Popular Federativa da Jugoslávia, a história dos dois povos irmãos entra num período novo e claro. Concluiu-se um tratado de aliança com a República Popular da Albânia. Estes factos constituem bases sólidas para a edificação de uma poderosa frente de defesa da paz e da democracia, da liberdade e da independência dos povos balcânicos, contra as manobras rapaces, dos imperialistas e dos fautores de uma nova guerra mundial.

A próxima conclusão de tratados de aliança com a Roménia, a Checoslováquia, a Polónia, a Hungria, e sobretudo com a União Soviética, bem como com outros países, que teriam desejado lutar connosco pela sua liberdade e independência contra a agressão imperialista, consolidará ainda mais a nossa independência e a nossa segurança e garantirá condições ainda mais favoráveis ao desenvolvimento acelerado da República Popular da Bulgária.

O ano passado, 1947, foi marcado por consideráveis conquistas no domínio da política interna e especialmente no da economia nacional. Criou-se, pela primeira vez na nossa história, um plano bienal de Estado da economia nacional, prevendo o restabelecimento e o desenvolvimento da nossa economia, a industrialização e a electrificação do nosso país e a modernização da sua agricultura. O plano económico foi acolhido com um enorme entusiasmo pelo povo búlgaro, que mobilizou as suas forças materiais e morais para a sua execução. A classe operária, os camponeses trabalhadores e a



«intelligentsia» popular realizou grandes feitos no trabalho. As nossas mulheres e sobretudo a nossa heróica juventude tomaram uma parte activa na realização desse plano. O famoso movimento das brigadas da juventude estendeu-se por todo o nosso país e forneceu mais de 80 000 jovens de ambos os sexos, entusiastas construtores, para a República popular. O perigo de uma inflação foi afastado pela troca das notas e das ordens de pagamento do Tesouro, executada com êxito. A criação do monopólio de Estado dos tabacos pôs fim à cruel exploração que oprimia os nossos produtores e os nossos operários das manufacturas de tabacos, e o povo tornou-se o efectivo dono das suas maiores riquezas. O monopólio de Estado dos licores espirituosos regula a circulação do álcool. O nosso comércio externo foi reorganizado a fundo, e criaram-se empresas de Estado de importação e de exportação. A criação de empresas comerciais cooperativas como Narmag, Horemag e outras, melhorou substancialmente as trocas internas. As organizações de trabalhadores melhoraram o seu abastecimento em relação ao ano de 1946.

A maioria das explorações agrícolas cooperativas foram mais uma vez reforçadas, abrindo um caminho ao desenvolvimento ulterior das cooperativas agrícolas sobre o princípio da participação voluntária.

Graças às medidas tomadas para a colheita dos cereais e aos nossos produtores agrícolas que cumpriram o seu dever patriótico, graças também ao auxílio da União Soviética, o nosso povo e os seus filhos foram salvos da fome, enquanto milhões de trabalhadores de países muito maiores e mais ricos a sofrem literalmente.

A resolução governamental autorizando a venda livre dos géneros alimentares depois do fornecimento das quantidades devidas ao Estado deu e dará um novo impulso aos produtores agrícolas, que aumentarão a produção agrícola e melhorarão a sua situação.

A Constituição da República Popular da Bulgária, adoptada por unanimidade pela Grande Assembleia Nacional, consolidou as conquistas da insurreição popular do nove de Setembro e consolidou os princípios democráticos do poder proveniente do povo e pertencente ao povo, em virtude dos quais aquele que não trabalha não deve comer, e segundo os quais

o trabalho é um factor social fundamental; abre perspectivas de desenvolvimento acelerado do nosso país, de elevação do nível material e cultural dos trabalhadores das cidades e das aldeias, e de transição do país para o socialismo.

Com base na Constituição popular, empreendeu-se uma reorganização fundamental da administração e do aparelho do Estado, a qual permite suprimir os serviços supérfluos ou em duplicado e as despesas improdutivas, e utilizar um grande número dos nossos antigos empregados e funcionários para trabalhos produtivos. Ao mesmo tempo, esta reorganização aproxima os órgãos do Estado das populações locais e põe-nos ao serviço dos interesses e das necessidades do povo.

A nacionalização das empresas privadas — industriais e mineiras, e dos bancos (9) —, durante o ano passado, foi um grande acto histórico da Frente da Pátria e do seu governo. A nacionalização mina pelas suas bases as posições do sistema de exploração capitalista no nosso país, consolida sob todos os pontos de vista o poder popular e dá um forte impulso ao desenvolvimento industrial do nosso país criando condições reais de reforço do seu poder económico, nacional e de defesa, de melhoramento da situação material dos trabalhadores e de rápida liquidação da exploração do homem pelo homem. É precisamente por isso que a nacionalização foi acolhida em todo o país com um entusiasmo excepcional e com total aprovação.

Estas realizações que nos regozijam foram possíveis devido a uma coesão ainda mais estreita das forças do povo búlgaro em torno do estandarte da Frente da Pátria, enquanto que os antros imperialistas existentes no nosso país, que tentavam impedir a unidade das forças populares, foram desmascarados e desmantelados.

Por isso o nosso povo se separa do ano que passou tendo consolidado definitivamente a situação interna e internacional da sua pátria. Ergueram-se barreiras de granito contra qualquer recuo.

*Homens, mulheres e jovens! Trabalhadores das cidades e das vilas!*

*Soldados, suboficiais, oficiais e generais!*

*Guardas fronteiriços e milícias do povo!*



Entramos no novo ano de 1948 firme e resolutamente ao lado das forças crescentes e invencíveis do poderoso campo democrático, anti-imperialista, com a União Soviética à frente, ao lado das forças que lutam por uma paz duradoura, pela democracia e pela colaboração internacional — contra os imperialistas e os fautores de uma nova guerra mundial. O povo búlgaro está mais do que nunca imbuído da firme resolução de defender as suas grandes conquistas democráticas, a sua independência nacional e a sua soberania de Estado, contra todos os atentados possíveis, venham estes de onde vierem. Com uma fé firme e sempre crescente nas suas próprias forças, na amizade dos seus aliados fiéis e desinteressados, cerra as suas fileiras e trabalha sem descanso pelo bem-estar e pelo desenvolvimento do seu amado país natal.

Entramos no novo ano cumprindo as tarefas estipuladas pela declaração histórica do Comité Nacional da Frente da Pátria de 26 de Outubro de 1947 (10). Esta declaração é a expressão mais profunda, completa e fiel da vontade inabalável e da resolução incontestável do povo democrático búlgaro para levar a bom termo a sua obra justa de democracia popular — torna-se senhor absoluto no seu país.

A criação de uma única União da Juventude popular e a próxima transformação da Frente da Pátria em única organização social e política, reforçarão sob todos os pontos de vista a unidade do povo, garantia de todos os nossos êxitos futuros. A roda da história esmagará implacavelmente todos os adversários que ousem tentar destruir esta unidade, enquanto que aqueles que se obstinam a continuar a comer a dois carrinhos serão rejeitados como refugo.

Temos de construir com prudência e persistentemente a nossa jovem República popular, aproveitando as conquistas e ultrapassando as deficiências, tirando os ensinamentos que se impõem dos erros cometidos. Temos de nos dedicar com todas as nossas forças à execução com êxito do plano económico bienal do Estado. Aproveitando a considerável experiência acumulada no plano económico durante o trabalho planificado do ano passado, e graças ao precioso auxílio que continuamos a receber da União Soviética, à íntima colaboração com os nossos irmãos da Jugoslávia ou de outros países amigos, e mobilizando todos os recursos materiais e as forças

de trabalho do nosso país, trabalharemos com uma segurança ainda maior para o desenvolvimento da nossa economia nacional.

Os governos reaccionários de outrora contraíram mais de um empréstimo pressupostamente para a salvação do país. O povo búlgaro conhece bem o resultado desses empréstimos — a submissão do país, que foi arrastado para uma guerra que servia interesses estranhos ao povo. Ainda hoje se vê quais foram os deploráveis resultados desses «empréstimos» e «auxílios» dados por determinados países da Europa e de além-mar. Por isso não recorreremos aos empréstimos dos imperialistas para o restabelecimento da nossa economia. Contamos antes de mais com as nossas próprias forças e recursos, com o nosso trabalho criador, com a nossa disciplina de ferro e com a nossa dedicação sem limites à Pátria.

Temos de levar a bom termo a tarefa que consiste em consolidar definitivamente a nossa independência nacional e a soberania da nossa República popular. Os meios imperialistas queriam, e sabemos que ainda querem, impedir o desenvolvimento pacífico e a edificação num espírito criador do nosso país. Para esse fim utilizam a pressão diplomática, as intrigas, as ameaças, a chantagem e toda a espécie de manobras, mantêm no nosso país agentes recrutados entre os restos dos exploradores. Também é para esse fim que criaram ilegalmente a chamada Comissão dos Balcãs ([11]), que pretende ditar a sua vontade nos Balcãs e no nosso país. Mas em nome da nossa independência e do acordo com os nossos aliados — a Jugoslávia e a Albânia — não admitimos nem admitiremos essa Comissão no nosso território.

O povo búlgaro que está profundamente interessado numa paz duradoura para poder continuar o seu trabalho criador, está decidido a velar pela sua independência como pela menina dos seus olhos, a ser um elemento firme e activo da democracia e da paz nos Balcãs. Vê na luta pela justa causa da sua vizinha do sul um precioso contributo para o estabelecimento de relações de boa vizinhança entre todos os povos nos Balcãs.

*Irmãos e irmãs!*

Ao mencionarmos os êxitos do nosso povo durante o ano que passou, nenhum de nós poderá permitir-se adormecer à sombra dos louros conquistados. Não temos ilusões. Durante



o novo ano teremos ainda de vencer muitas dificuldades, teremos de nos privar de coisas indispensáveis à nossa existência individual ou familiar, teremos de consentir novos sacrifícios perante o altar da nossa pátria amada. Mas graças aos esforços comuns e à assistência dos nossos numerosos amigos dos países vizinhos ou mais afastados, saberemos vencer todas as dificuldades e as adversidades, para avançar com segurança, desenvolvendo cada vez mais o nosso país e assegurando o bem-estar do nosso povo e das gerações futuras.

Os dias mais duros e sombrios já pertencem ao passado. Abrem-se-nos perspectivas luminosas. Somos hoje os construtores do nosso próprio destino enquanto povo e enquanto Estado pertencente ao povo.

Animados de uma fé profunda nas nossas próprias forças, na justeza da nossa grande causa popular e na amizade dos povos irmãos — em frente por novos êxitos e por novas vitórias, pelo bem-estar da nossa pátria, pela paz e pela colaboração fraterna entre todos os povos democráticos, eslavos ou não, amantes da paz!

Bom ano novo de 1948! Ano de infatigável trabalho criador, de ainda maior disciplina no trabalho, de esforços incessantes pelo desenvolvimento da nossa indústria nacional e da nossa economia agrícola, ano de rigorosa economia dos recursos e dos bens do povo, ano de severa vigilância contra os inimigos do povo, tanto no interior com no exterior do país!

Estejamos sempre prontos a trabalhar com abnegação, a lutar resolutamente contra a reacção imperialista e contra a agressão, para defender inabalavelmente a República Popular da Bulgária.

E a nossa causa justa e sagrada vencerá!

Sófia, 31 de Dezembro de 1947.

*Jorge Dimitrov*
Presidente do Conselho de Ministros
da República Popular da Bulgária

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo,* n.º 1,
de 1 de Janeiro de 1948.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 354-362.

# O TRABALHO E O AMOR PELA PÁTRIA

## *FRAGMENTOS DE UMA CONVERSA COM UM GRUPO DE PIONEIROS, MEMBROS DA ORGANIZAÇÃO DAS CRIANÇAS «SEPTEMVRIITCHE», NO DIA 1 DE JANEIRO DE 1948*

*J. Dimitrov*: Que êxitos obtiveram? Há entre vós alunos com a menção muito bom, bom, suficiente, sofrível e insuficiente?

*Um pioneiro*: Entre nós não há menções sofrível e insuficiente, mas apenas menções muito bom, bom, suficiente.

*J. Dimitrov*: Uma das vossas palavras de ordem mais importantes deve ser «Façamos a guerra às notas más». Os êxitos do vosso grupo devem ser atingidos pelos pioneiros de todo o país. A vossa organização deve fazer face a grandes tarefas. Deve iniciar uma luta tenaz contra os «um», os «dois» e os «três» (*). É preciso que não haja «três», e se possível nem mesmo «quatro». Os vossos êxitos de hoje constituem uma conquista em relação à situação anterior ao 9 de Setembro. Antes do 9 de Setembro havia nas nossas escolas «dois» e «três». Depois do 9 de Setembro conseguiu-se nesse aspecto um grande progresso. A nossa República popular exige de vós estudos que mereçam «cincos», e «seis» e uma guerra aos «três» e aos «dois».

---

(*) O sistema de notação búlgara é: 1 e 2 — insuficiente; 3 — sofrível; 4 — suficiente; 5 — bom; 6 — muito bom.

E quais são as vossas notas de comportamento?

*Um pioneiro:* Temos todos um comportamento exemplar.

*J. Dimitrov:* Os alunos e os pioneiros que têm más notas de comportamento devem ser considerados como uma vergonha para os alunos da nossa República popular.

*Um pioneiro:* Camarada Dimitrov, também seria ofender a memória dos combatentes que caíram por nós.

*J. Dimitrov:* Quantos alunos têm as nossas escolas elementares e quantos de entre eles são membros do «Septemvriitche»?

*Uma monitora:* Todos os alunos matriculados nas escolas elementares perfazem mais de um milhão, dos quais 600 000 são membros da organização «Septemvriitche».

*J. Dimitrov:* Compete-vos a tarefa de fazer aderir a esta organização ainda muitos alunos. Ainda há mais de 300 000 crianças que se devem tornar membros do «Septemvriitche».

Cabem ao nosso país grandes tarefas que o nosso povo conseguirá realizar. O nosso país tornar-se-á ainda mais belo, e as cidades melhor ordenadas. Actualmente, a vida no campo é difícil — será necessário trabalharmos muito no campo para a tornar bela. Os governantes do passado não testemunhavam nenhuma solicitude em relação aos nossos campos. Mas nós agora trabalhamos pelo melhoramento da vida nas aldeias. Dentro em breve não haverá uma única cidade búlgara que não esteja electrificada. Os campos serão dotados de máquinas para os trabalhos agrícolas: a lavra, a ceifa, etc. O trabalho tornar-se-á mais fácil e agradável. Então a vida no campo aproximar-se-á da da cidade.

Mas tudo isto se vai realizar na vossa época e, naturalmente, terá a vossa participação. Por isso se devem preparar para isso desde já, enquanto pioneiros, crescer e estudar para se tornarem construtores da nossa República popular, capazes de acelerar a supressão das diferenças no domínio cultural entre a cidade e o campo. Seria uma das maiores realizações da nossa República popular. As aldeias serão dotadas de belas habitações, de hospitais, de maternidades. Então os filhos dos camponeses beneficiarão das mesmas condições materiais e culturais que as crianças da cidade, os professores primários não procurarão abandonar as aldeias. E isto tudo será definitivamente realizado com o vosso auxílio,



com a vossa participação. Mas para isso é preciso que estudem com afinco. Também é preciso ler fora da escola. É preciso que tenham os olhos abertos para verem tudo o que se passa na vida e bons ouvidos para escutarem e sentirem as pulsações do povo, da vida. Não devem estudar isolados do povo como sucede em determinadas escolas. É preciso saber distinguir o bem do mal, o antigo do novo, rejeitar o que está podre.

Os pioneiros devem temperar a sua saúde, a sua vontade e o seu carácter para não serem fracos, nem cobardes. Não devem sucumbir às tentações nem às predilecções nocivas, mas adoptar o que é são e útil.

É um costume muito antigo entre nós e nos outros países festejar o Ano Novo. As pessoas festejam-no de maneiras diferentes nos diversos países. Ora há uma coisa comum: no momento em que o ano velho acaba e o novo ano começa, todos — pequenos ou grandes, sábios ou profanos — devem fazer um balanço, avaliar o que aprenderam e o que realizaram durante o ano que passou, os seus progressos ou o seu atraso, fazer o seu balanço pessoal e daí tirar ensinamentos para o novo ano. Isto deve ser feito por todos sem distinções: desde o governo até ao último lar camponês. Todos devem fazer esse balanço e assumir o compromisso perante si mesmos de trabalhar melhor durante o novo ano, de ser honestos e dedicados à pátria, de obter melhores resultados nos seus estudos, de se preparar para novos feitos e actos heróicos cada vez mais numerosos.

Aquele de entre vós que não avaliou como decorreu o ano passado e como recebe o novo ano, deveria fazê-lo hoje ou amanhã. Isto também é válido para os pioneiros, para os monitores, para todo o povo búlgaro. Quanto melhor fizermos esse balanço, essa autocrítica, tanto melhor poderemos tirar lições da nossa experiência, tanto melhor será para nós o novo ano, tanto mais rapidamente avançaremos na via que conduz à sociedade nova que se chama, como sabem, socialista. Nesta sociedade não haverá tirania, nem exploração, nem miséria moral e espiritual. Todas as forças e capacidades do povo se poderão desenvolver plenamente. Então as crianças e a juventude terão maiores possibilidades de crescer, de se desenvolver e de se tornarem bons cidadãos.

*Um pioneiro:* Camarada Dimitrov, pedimos-lhe que nos conte alguma coisa da sua vida e da sua infância.

*J. Dimitrov:* Não tive as condições que vocês têm hoje. Na minha infância as condições eram muito diferentes. Não havia República popular, não havia organização «Septemvriitche» para cuidar das crianças. Não havia nada disso. As crianças eram abandonadas à sua sorte, postas nas mais difíceis condições.

Hoje, vocês têm a possibilidade de estudar na escola elementar, no liceu, de continuar, em seguida, os cursos das Escolas superiores. E nós, que fazíamos nós durante a nossa infância? Estudávamos sozinhos. Eu abandonei a escola com 12-13 anos, exactamente com a vossa idade, no segundo ano do liceu, porque o meu pai tinha adoecido.

Com a vossa idade tive de começar a trabalhar numa tipografia com a esperança de poder retomar, alguns anos mais tarde, os meus estudos na escola. Ora essa oportunidade nunca surgiu. Então embora continuasse a trabalhar na tipografia, continuei os meus estudos. Trabalhava na tipografia 10 a 12 horas por dia e à noite quando voltava a casa, embora cansado, punha-me sempre a estudar sozinho. Lia sem escolha, sem programa, sem professor — não havia ninguém que fosse capaz de me aconselhar o que devia ler. Muitas vezes ficava debruçado sobre os livros até de madrugada. Trabalhei assim vários anos. É claro que sem este trabalho não teria adquirido os meus conhecimentos.

Não foi a Universidade que me concedeu um diploma, mas sim a própria vida. Todavia, é desejável que todos vocês tenham uma instrução superior.

Quero contar-vos agora como gostei do romance *Que Fazer?* do grande escritor russo Tchernichevski, e dos heróis desse romance.

Rakhmetov, um dos seus heróis principais, causou-me uma impressão muito grande. Quis temperar a sua vontade para poder vencer todas as dificuldades na vida e suportar, na luta, os mais terríveis sofrimentos. Assim começou a treinar a sua resistência física, tomando duches frios, rebolando-se, seminu, na neve no Inverno, esfregando-se com neve, etc. Chegava mesmo a privar-se do mais pequeno prazer na vida para deste modo fortificar o seu carácter e a sua



vontade combativa. Acabou por pegar numa tábua cheia de pregos e deitar-se em cima. Apesar do sangue que começava a correr, resistiu a esta prova para fortificar a sua vontade como o ferro ou o aço, para poder suportar o mais rigoroso castigo.

Este romance e esta personagem de Tchernichevski tiveram uma grande influência sobre mim. Eu próprio queria tornar-me um Rakhmetov. O que fez com que me pusesse a imitá-lo sistematicamente. Estive sob a influência de Rakhmetov durante seis meses ou talvez mais. Só houve uma coisa a que não me decidi porque a considerava inútil — a tábua com pregos, apesar de já a ter preparado. Estes treinos tiveram efeitos em mim, sobretudo durante o processo de Leipzig quando tinha de suportar os mais terríveis sofrimentos e em especial na prisão de Moabit em Berlim.

Se querem tirar uma lição de tudo isto, esta reside nos seguintes pontos:

Primeiro. Todos os dias exercícios de ginástica, fazer movimentos, tornar-se aguerrido.

Segundo. Não se levantar tarde — uma tentação que nos assalta muitas vezes. Depois de termos acordado, levantamo-nos vivamente e depois de alguns exercícios de ginástica — ao trabalho.

Terceiro. Lutar contra a preguiça e se, apesar de tudo, esta se apoderar de nós, é preciso combatê-la sem demoras, vencê-la.

Quarto. Não nos devemos entregar a prazeres superficiais, momentâneos, e muitas vezes nocivos. Sou fumador e até mesmo um fumador impenitente. Tornei-me fumador nestes últimos anos. Mas antes de 1927 não fumava. Os pioneiros não devem fumar — isto deve ser para eles uma lei. Podem imitar-me em tudo — mas não na paixão de fumar. Devem orientar-se para prazeres sãos que desenvolverão as vossas forças físicas e morais e renunciar aos que podem prejudicar a vossa saúde, aos que podem amolecer a vossa vontade.

Devem ser tenazes e ter uma vontade firme. Terminem sempre o trabalho começado porque é uma fraqueza habitual na sociedade e na vida pessoal começar muitas coisas e só fazer um quarto ou até mesmo abandoná-las completa-

mente. E o trabalho deve ser feito até ao fim. Quando se começa a fazer qualquer coisa, não se deve abandoná-la, mas sim fazê-la até ao fim. Para isso é necessário que se esforcem, que façam alguns sacrifícios, que sejam tenazes. Isto dá resultados e é o único meio para poder realizar a obra até ao fim.

Não deixem para amanhã o trabalho de hoje. Aquilo que podem e devem fazer hoje não o deixem para amanhã, embora o trabalho em questão não seja muito árduo. Todo o trabalho deixado para o dia seguinte sofre com isso. O tempo é um factor muito importante.

Não devem aprender as vossas lições de cor, no que diz respeito à forma, e repeti-las depois ao professor como papagaios. É preciso ir ao fundo das coisas, reflectir sobre a matéria que estudam. Os conhecimentos obtidos devem ser profundamente assimilados por vocês, devem tornar-se parte integrante do estudante. Muitas das coisas que se estudam na escola, são esquecidas no fim dos estudos. Devem estudar com afinco, com muita tenacidade. É necessário associar sempre o estudo à vida prática, a tudo o que se passa na vida. Então os conhecimentos serão profundamente assimilados e tornar-se-ão a segunda natureza do homem, caso contrário não passam de um aluvião que desaparece rapidamente.

Tanto no estudo como na vida devem contar sempre e antes de mais com as vossas próprias forças. Há aqueles que copiam dos seus camaradas ou então que procuram sempre o auxílio de um outro para aprender as lições ou para resolver os problemas sem eles próprios fazerem esforços. Não se deve copiar, nem contar com os conhecimentos dos outros. Tudo aquilo que deve ser aprendido, os pioneiros devem aprendê-lo sem copiar, por um trabalho pessoal, com o auxílio, claro está, do monitor, do professor. Os pioneiros devem resolver todos os problemas pelo seu próprio trabalho e esforços.

Não devem ter medo de nada. Os poltrões não podem ter êxitos nem nos estudos, nem na vida pessoal, nem na vida social. Estão condenados à extinção ou então a serem rejeitados como um objecto inútil.



Não se deve recuar perante as dificuldades. Se não conseguirem à primeira, tentem mais uma vez. Se recuarem às primeiras dificuldades, perante os primeiros obstáculos, é claro que não obterão nenhum êxito.

Devem ter um ideal porque não se pode viver sem ideal. Há pessoas que acreditam em Deus e que esperam pela morte para irem para o paraíso. São pessoas induzidas em erro mas que, também elas, têm um ideal. No entanto, é necessário ter um ideal são, um ideal que tenha raízes profundas no seio do nosso povo. Graças a esta fé na justiça, nas forças do povo, nas forças e no futuro do socialismo e do comunismo, mantive-me são e salvo durante os períodos mais duros e os momentos mais difíceis da minha vida embora tenha estado muitas vezes a dois dedos da morte. Quando me lançaram nos calabouços berlinenses de Moabit — uma das piores prisões políticas da Alemanha — colocaram-me numa cela que fechavam com três voltas e que era reservada aos mais perigosos criminosos. Na porta da cela estava escrito: «Todo aquele que transpuser este umbral, deve perder toda a esperança.» Sorri para mim mesmo e pensei: «Isto não se me aplica.» Porquê? Porque estava profundamente convencido que fosse o que fosse que viesse a acontecer-me, mesmo que me matassem, a ideia pela qual lutava não podia ser vencida. O povo triunfará. Devem cultivar em vós próprios uma fé na justa causa, nas vossas próprias forças e nas forças do nosso povo. É assim que é possível vencer todas as dificuldades que se encontram no caminho.

Finalmente devo dizer-vos que devem amar infinitamente a vossa pátria, o vosso povo. Há intelectuais a comer a dois carrinhos, que detestam o seu povo e o descrevem muitas vezes como um povo rústico, bárbaro. Não é justo. Devemos amar o nosso povo tal qual é, porque estamos profundamente convencidos de que esse mesmo povo tem uma alma, um coração e um carácter excelentes, embora se tenha mantido atrasado no seu desenvolvimento cultural e económico. Não é culpa sua, mas é a sua desgraça. O erro cabe aos seus antigos governantes, aos imperialistas estrangeiros e outros. O amor pela pátria, pelo povo, é um factor moral muito poderoso na luta contra todas as dificuldades, os sofrimentos e as desgraças que podem abater-se sobre uma pessoa.

Ao mesmo tempo, devem alimentar um ódio sem limites contra os inimigos do povo, contra o fascismo, contra a reacção, contra o imperialismo etc. Não se deve ficar impassível, indiferente, mas sim tomar parte na luta contra os inimigos do povo.

É neste espírito que devem ser educados os pioneiros. Na minha vida há tantos acontecimentos trágicos que poderiam ser descritos em vários romances. Foi assim que procurei trabalhar, viver, estudar. Até ao presente, apesar dos numerosos perigos a que me expunha, todos os que me queriam destruir foram enterrados, como também sucedeu na Alemanha, enquanto eu aqui estou entre vós são e salvo e pronto para uma longa luta.

Também desejo que vós, pioneiros e monitores, não vos esqueçais destas coisas.

Beneficiam de condições muito propícias que ainda se tornarão melhores. Quem não quiser aproveitar plenamente estas condições propícias para o seu estudo, durante o seu desenvolvimento sob todos os aspectos e em benefício da nossa pátria, cometeria um verdadeiro crime.

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo,* n.° 2, de 3 de Janeiro de 1948.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIII. Edições do P. C. B., 1955, pp. 363-371.



# O DESENVOLVIMENTO SOCIAL DO NOSSO PAÍS LEVA À DESTRUIÇÃO DO SISTEMA CAPITALISTA DE EXPLORAÇÃO E À LIBERTAÇÃO DE TODA A DEPENDÊNCIA IMPERIALISTA

*DISCURSO PRONUNCIADO NA CONFERÊNCIA NACIONAL DA UNIÃO POPULAR ZVENO, NO DIA 3 DE JANEIRO DE 1948*

Caros delegados:

Permitam-me que, em nome do Partido Operário Búlgaro (Comunistas) e no meu próprio, saúde muito cordialmente a vossa Conferência nacional a propósito das decisões que toma e do espírito são e patriótico, do espírito da Frente da Pátria que nela reina.

Como todos sabem, as profundas reorganizações, ocorridas na nossa vida social, política, económica e cultural graças à obra histórica do Nove de Setembro, não foram de imediato compreendidas nem como deveriam por determinados meios e activistas, enquanto outros, cuja posição material e privilegiada foi lesada, se opuseram mesmo a essas reformas.

Em que consiste a importância duradoura dessas reformas no nosso país?

Consiste, antes de mais, no facto de, graças e em consequência da insurreição popular do Nove de Setembro, a burguesia capitalista entre nós ter sido afastada do poder de Estado. O governo do país passou para as mãos do povo, na pessoa da Frente da Pátria e da sua principal força dirigente — a classe operária —, para as mãos dos trabalhadores manuais e intelectuais cuja actividade é de utilidade pública.

Actualmente, em consequência da aplicação do princípio de planificação na nossa economia nacional e sobretudo da nacionalização das empresas industriais e mineiras privadas e dos bancos, a burguesia espoliadora viu-se definitivamente afastada da direcção da nossa economia nacional e muito especialmente da nossa indústria nacional.

Deste modo o desenvolvimento social do nosso país enveredou pela via da destruição do sistema capitalista de exploração e da libertação de qualquer dependência imperialista com vista a garantir o bem-estar e a liberdade do povo, a independência e a prosperidade da nossa pátria.

Por motivos bem conhecidos, este estado de coisas não agradava, e continua actualmente a não agradar a esses meios que entre nós viviam e se enriqueciam pela exploração dos trabalhadores, pela espoliação dos bens do povo e sobretudo dos frutos do trabalho agrícola. Também não agrada aos imperialistas fora da Bulgária, que já não têm nem nunca mais virão a ter a possibilidade de governar o nosso país nem de dispor das suas riquezas como se fossem propriedade sua. Era daí que vinham as numerosas tentativas de regresso ao passado, tentativas provenientes tanto do interior como do exterior, com vista à restauração do antigo regime antipopular. Foi daí que veio a sabotagem política no domínio da economia, a subversão, a preparação de um golpe de Estado armado, auxiliado por uma intervenção estrangeira.

Ora graças à sua unidade, à sua vigilância e à sua firmeza, o nosso povo conseguiu resistir com êxito a todos os ataques vindos do exterior e vencer as forças tenebrosas da reacção interna. Hoje podemos beneficiar da posição interna e internacional estabilizada do nosso país, facto que nos permite avançar, criar e edificar, enquanto muitos países de bloco imperialista são, como o sabem, perturbados por conflitos intestinos, por lutas violentas, por greves de massa e pela guerra civil.

Caros delegados, é com um grande prazer que devo assinalar, do alto desta tribuna, o grande mérito, nas notáveis realizações do nosso povo, da vossa União Popular Zveno e sobretudo do seu dirigente e nosso companheiro de luta na edificação da nova vida no nosso país, Kimon Guéorguiev.



O seu mérito é tanto maior quanto temos em conta a oposição de vários espíritos conservadores e elementos cobardes no seio da vossa própria união.

Há entre nós pessoas de vistas curtas que consideram que Zveno já desempenhou o seu papel e que se torna, de ora avante, inútil para a Frente da Pátria, para a nossa vida social e política, para a nossa edificação no domínio económico. Considero essa concepção errónea. Pelo contrário, a União Popular Zveno é necessária. Também no futuro terá um papel útil a desempenhar no âmbito da Frente da Pátria. Quanto mais firme e consequentemente defender as posições da Frente da Pátria, tanto menos tolerará nas suas fileiras pessoas parecidas com o burro de Buridan, que não sabia de que meda de feno comer e que acabou por morrer, tanto menos tolerará nas suas fileiras pessoas que preferem comer a dois carrinhos em vez de definirem claramente as suas ideias políticas, tanto mais contribuirá zelosamente para o desenvolvimento social e progressista do nosso país, que leva à edificação de uma nova sociedade socialista entre nós, e tanto mais útil será o papel futuro da vossa união nas fileiras da Frente da Pátria.

Caros delegados:

Falemos francamente, como se deve fazer entre companheiros de luta. O socialismo enquanto sistema social e de produção, equitativo e superior, correspondendo aos interesses populares vitais, é uma necessidade histórica para todos os povos. E o socialismo será realizado pelo nosso povo apesar de todos os obstáculos, venham estes de onde vierem. É claro que se pode contribuir para o processo de realização do socialismo. Mas também se pode sabotá-lo. Este processo histórico necessário pode ser acelerado. Também pode ser atrasado. Mas nunca se conseguirá detê-lo, nem liquidá-lo. Desenvolver-se-á até ao seu triunfo final.

Por isso, e é natural, todos os verdadeiros patriotas no nosso país consideram hoje como razoável e como seu dever patriótico a obrigação de contribuir, de acordo com as suas forças e possibilidades, para esse desenvolvimento são do nosso país, o único desenvolvimento social regular, progressista e útil para o povo.

Também há pessoas superficiais que consideram que a transformação da Frente da Pátria numa organização social e política unificada do povo, significaria a liquidação dos diversos partidos que engloba. É um erro nocivo. A existência de diversos partidos na Frente da Pátria também é absolutamente justificável no quadro da organização social e política unificada do povo. A esses partidos compete fazer aderir à Frente da Pátria muitos elementos novos dos meios a que estão directamente ligados e sobre os quais têm influência, com vista à mais rápida realização da unidade moral e política do nosso povo trabalhador, garantia de todos os nossos êxitos futuros.

Devo dizer que sob este aspecto também cabe à Zveno um papel importante e responsável. Pela sua origem e pelo seu carácter, a União Popular Zveno tem grandes possibilidades para auxiliar determinados elementos sãos da burguesia derrubada do poder e dos intelectuais burgueses a tomarem uma nova orientação e a juntarem os seus esforços à obra popular comum. Não se deve deixar atolar esses elementos sãos no pântano da reacção e das intrigas imperialistas, é preciso dar-lhes a possibilidade de serem úteis ao nosso povo.

É verdade que o nosso desenvolvimento social terá como resultado — ainda que ninguém saiba exactamente quando — a criação de um partido político unificado. Mas isso sucederá sempre no âmbito da Frente da Pátria, e esse processo exigirá ainda muito trabalho, reeducação e reformas radicais de utilidade nacional. Isso só sucederá quando a divisão de classes na nossa sociedade for liquidada na sua base e quando a nossa sociedade for constituída antes de mais por trabalhadores manuais e intelectuais que se dediquem a uma actividade de utilidade pública. Depois do congresso da Frente da Pátria os seus partidos reorganizar-se-ão e dirigirão a sua actividade criadora no âmbito da organização social e política unificada. Submetidos a uma disciplina comum, não abandonarão as suas tarefas específicas nos respectivos meios, para que, com esforços comuns, possamos transformar a Frente da Pátria num rochedo de granito e avançar sempre ousadamente como um exército unido de vários milhões de cidadãos.



Permito-me exprimir perante vós a minha firme convicção de que avançaremos juntamente com os membros resolutos e consequentes de Zveno, com a União Popular Zveno renovada, ombro a ombro, de mãos dadas, como amigos fiéis no trabalho e na luta, como irmãos na felicidade e na desgraça, sempre na luta pelo bem-estar do povo.

Avançaremos sempre para a edificação definitiva da República Popular da Bulgária — república nacional, búlgara pela sua forma e socialista pelo seu conteúdo e carácter — pelo bem-estar do nosso povo, pela felicidade dos seus filhos, a favor da paz e da cooperação fraterna com os povos vizinhos e longínquos amantes da liberdade, com a grande União Soviética à frente, duas vezes libertadora do povo búlgaro.

Viva a União Popular Zveno renovada no seio da Frente da Pátria!

Que a República Popular da Bulgária viva e se desenvolva!

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo*, n.° 4,
de 6 de Janeiro de 1948.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 376-382.

# OS POVOS ROMENO E BÚLGARO AVANÇAM PARA HORIZONTES RADIOSOS

*DISCURSO PRONUNCIADO NO JANTAR OFERECIDO PELO GOVERNO ROMENO EM HONRA DA DELEGAÇÃO GOVERNAMENTAL BÚLGARA, NO DIA 15 DE JANEIRO DE 1948*

Desejo antes de mais agradecer-vos cordialmente as amáveis palavras a nosso respeito, a respeito do povo búlgaro, da República Popular da Bulgária, e a benéfica actividade da Associação romeno-búlgara.

Realça-se com muita razão a tradicional amizade dos nossos povos que remonta ao passado — a luta contra o jugo comum, contra o jugo otomano, a luta pela libertação nacional dos nossos povos subjugados, a nossa comum cooperação no passado com o grande povo russo, ao qual ambos devemos a nossa liberdade nacional.

Mas queria perguntar: quantos são os romenos e os búlgaros que disso se dão conta? Infelizmente podemos constatar que até há homens de Estado búlgaros e romenos que não conhecem bem esta obra histórica, que não tiraram dela as lições que se impunham. Passemos a um outro exemplo: o precioso auxílio histórico que o povo romeno nos prestou durante a nossa libertação nacional do jugo turco. Quantos são os búlgaros e os romenos que conhecem bem a gloriosa epopeia de Grivitsa? Que sabem eles deste passado, desta amizade tradicional?

Este passado, esta tradicional amizade, constituem um importante capital nacional para os povos búlgaros e romeno por ocasião da edificação das actuais bases duráveis e sólidas

de uma fraternidade eterna. É um tesouro escondido, camaradas, são brilhantes e diamantes preciosos legados pela história.

A clique burguesa e dos latifundiários da Roménia, bem como a burguesia venal da Bulgária, escondiam conscientemente, esse tesouro aos seus povos, porque se davam perfeitamente conta de que se revelassem os valores históricos escondidos dariam aos povos búlgaro e romeno uma poderosa e perigosa arma contra a sua posição dominante. Procuravam conservar o seu domínio de classe, os seus regimes de espoliação, de exploração e, entre outras coisas, de grosseira falsificação da história dos nossos povos.

Presentemente, como sabem, os nossos povos tornaram-se senhores dos seus destinos; instauraram os seus próprios governos populares. Empreenderam reformas profundas na vida social, política, económica e cultural do seu país. E agora estes povos lançam livremente um olhar retrospectivo para o seu passado, para a sua verdadeira história, para dela retirarem lições para o seu presente e para o seu futuro. Auxiliados pelos seus governos, procuram reorganizar as suas Academias de Ciências, as suas Universidades, fazer mudar de opinião os seus cientistas e professores com vista a corrigir a história falsificada dos nossos povos a uma luz verdadeiramente científica, para o seu bem comum. Fazem todos os esforços para pôr a ciência ao serviço do povo, para o progresso sob todos os aspectos das nossas duas nações, tal como sucede nas outras democracias populares, tal como é, já há muito tempo, uma realidade na grande União Soviética. Destroem todas as barreiras que separavam os nossos povos no passado, rejeitam todas as intrigas imperialistas para se estenderem uma mão fraterna e estabelecer uma aliança duradoura, sólida e inabalável entre a República Popular da Bulgária e a República Popular Romena, tal como sucede entre a Roménia e a Jugoslávia, entre a Bulgária e a Jugoslávia, entre a Jugoslávia e a Albânia, entre a Bulgária e Albânia, etc., etc.

Eis que, depois do nosso primeiro encontro no nosso país, em Bistritsa, com a delegação governamental romena, chefiada pelo Dr. Petru Groza, nós, os representantes dos dois governos, nos voltamos a reunir. O facto de termos



chegado a Bucareste quando a República Popular já estava instaurada e já não havia nem rei nem monarquia, constitui uma circunstância feliz.

Hoje examinámos a questão do reforço e da confirmação das nossas relações mútuas e fraternas enquanto relações entre povos, entre Estados, e em apenas pouco mais de uma hora conseguimos chegar a um acordo total sobre todas as questões. E isto realizou-se tão facilmente graças à tradicional amizade dos nossos povos, à nossa linguagem comum — a da democracia popular —, ainda que nós falassemos búlgaro e Groza e os seus amigos, o romeno. É a linguagem das nossas almas e dos nossos corações que batem em uníssono, dos sentimentos profundos dos nossos dois povos, da sua aspiração de avançar sempre ousadamente na via da edificação das suas Repúblicas Populares — búlgara e romena —, nacionais pela sua forma e socialistas pela sua essência e pelo seu carácter.

Amanhã terá lugar a assinatura do nosso tratado, que será de uma grande importância histórica para os dois povos. Mas pode-se dizer que isso é suficiente? Pode-se assinar um tratado muito bom pelo seu conteúdo e no entanto só executar as suas cláusulas em 25 ou 50 por cento. A observação das obrigações nos termos desse tratado depende antes de mais dos governos dos dois países que o assinaram e que assumem o compromisso de as realizar. Mas também não depende menos dos próprios povos, sobretudo da classe operária, dos camponeses trabalhadores, dos intelectuais honestos e progressistas, das vastas massas populares das cidades e do campo, em vias de edificar o bem-estar dos seus países. Isso significa que os povos e as massas trabalhadoras dos dois países têm a obrigação de tomar parte activa na execução das cláusulas do tratado. Deste modo os nossos povos procurarão desembaraçar-se dos dois principais males que entravam o seu progresso.

O primeiro mal é a dependência económica das forças imperialistas, ou mais clara e concretamente — do dólar americano. Os nossos países devem estabelecer entre si, e também com outros países, sobretudo com a União Soviética, relações económicas que lhes permitam opor-se à invasão do dólar americano, da «doutrina de Truman» ([12]) e do «plano

Marshall» — um plano hipócrita e espoliador em relação aos povos e sobretudo em relação aos nossos povos.

O segundo mal de que os nossos povos se devem libertar é a subestimação, herdada do passado, das suas próprias forças, das suas capacidades e possibilidades culturais de se desenvolverem plenamente enquanto nações — subestimação que os antigos governos reaccionários dos dois países nos inculcavam em grande escala.

Os nossos povos devem conhecer-se mutuamente, devem compreender o seu valor, o seu papel histórico. Não foi por sua culpa que se mantiveram atrasados, não foi por serem incapazes, mas sim porque tinham governos e classes dominantes que entravavam o seu desenvolvimento cultural e social.

Os nossos povos devem libertar-se definitivamente da sua veneração pela cultura burguesa em decomposição do Ocidente. Não devem, em nenhum caso, olhar para o Ocidente. Devem orientar-se para novos horizontes da cultura mundial, cujo veículo e fonte é a grande Moscovo.

Apoiando-se nas suas próprias forças morais e espirituais, uma vez que escaparam, em grande parte, à corrupção da civilização capitalista, os nossos povos edificarão a sua nova cultura popular e progressista que lhes permitirá avançar e garantir tanto o seu bem-estar como a sua grandeza cultural, paralelamente à dos outros povos democráticos, pequenos e grandes.

Sob este aspecto, felicito de modo muito cordial e caloroso o trabalho e a actividade da Associação Romeno-Búlgara em Bucareste e da Associação Búlgaro-Romena em Sófia. Isto também diz respeito às outras associações: romeno-soviética, romeno-jugoslava, romeno-checoslovaca, romeno-polaca, romeno-húngara, etc., e às relações culturais, ao desenvolvimento e ao reforço dos sentimentos de fraternidade entre os respectivos povos.

No que respeita às nossas associações, terão de desempenhar um importante papel porque este sentimento comum que consideramos como um sentimento de amizade entre as vanguardas dos nossos povos não é, por si só, suficiente. O entusiasmo com que recebemos o nosso amigo, Dr. Petru Groza, e as personalidades que o acompanhavam, em Sófia



e por toda a parte onde foi na Bulgária, constitui um importante capital, mas não é suficiente no que diz respeito à atitude futura do povo búlgaro para com o povo romeno. O entusiasmo com que ontem fomos recebidos era magnífico e ultrapassava mesmo as nossas espectativas. Mas não é suficiente. Temos necessidade de uma aproximação real e total dos nossos povos, das nossas massas populares, dos nossos cientistas e daqueles que trabalham no campo cultural, dos nossos escritores, das nossas indústrias. É necessário realizar a aproximação e o conhecimento mútuo em todos os domínios da nossa vida política, económica e cultural. Sob este aspecto estamos longe de nos conhecermos como seria necessário.

Devemos sentir-nos sempre amigos fiéis, companheiros no trabalho e na luta, com as mesmas aspirações e objectivos. De ora avante estes sentimentos devem ser aprofundados.

Sabeis que o sentimento de amor na vida pessoal e conjugal pode produzir milagres, enquanto o amor infeliz provoca muitas vezes catástrofes para o indivíduo. Não há dúvidas de que o amor também se revela uma base, um factor importante nas relações dos povos. Não basta sentirmo-nos vizinhos e irmãos e ter, a este respeito, apenas um sentimento superficial. É necessário cultivar o amor entre as forças sãs dos povos búlgaro e romeno, reforçá-lo, aumentá-lo sistematicamente.

É evidente que compete aos dois governos a tarefa de fazer tudo o que é indispensável para a realização da convenção cultural. Isso contribuirá muito para a realização desta importante iniciativa, mas, para isso, é preciso interessar por ela a sociedade dos nossos dois países, no seu conjunto — os homens e as mulheres, a juventude e as crianças, organizar cursos, conferências. A rádio, o cinema, os programas de canto e de música, etc., também são indispensáveis. A República Popular da Bulgária e a República Popular Romena devem manter, sob todos os aspectos, estreitas relações com vista a garantir totalmente o desenvolvimento dos seus países e a fraternidade dos dois povos.

Tem de se expurgar os manuais das escolas primárias e secundárias e das escolas superiores de tudo o que é falso,

reaccionário e nocivo no que diz respeito à história dos dois povos e das suas relações mútuas.

Também é preciso que a mãe da criança que nasce em Sófia ou em Bucareste, na Bulgária ou na Roménia, lhe inculque, desde o início, a ideia de que os romenos e os búlgaros são irmãos para sempre. É preciso que as crianças, tanto no vosso país como no nosso, saibam desde tenra idade que os amigos do povo romeno também são os nossos, e que os amigos do povo búlgaro também são amigos do povo romeno, que os inimigos da Roménia também são os nossos, e que os nossos inimigos também são os inimigos da Roménia.

Tomámos a decisão de construir uma ponte de ferro sobre o Danúbio para melhor nos unirmos enquanto povos e Estados. E essa ponte construí-la-emos decerto com o apoio dos nossos povos, com o auxílio dos países amigos. No entanto, até à sua construção, e durante essa construção, visto que é um trabalho técnico complexo, temos de edificar pelo trabalho, pela cooperação amigável, pela cultura, pela ciência, pelas artes e pelo reforço dos sentimentos fraternos entre os nossos povos, uma ponte nos nossos espíritos, nos nossos corações, nas nossas almas — uma ponte viva que ninguém conseguirá destruir.

Permitam-me que faça uma saúde e que vos convide a nela participarem, em honra dos dirigentes e dos activistas da Associação Romeno-Búlgara e de todos os que trabalham para a edificação dessa grande ponte viva entre o povo búlgaro e o povo romeno, entre a República Popular da Bulgária e a República Popular Romena.

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo,*
de 17 de Janeiro de 1948.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 398-405.



# A FRENTE DA PÁTRIA, O SEU DESENVOLVIMENTO E AS SUAS TAREFAS FUTURAS

*RELATÓRIO PERANTE O II CONGRESSO DA FRENTE DA PÁTRIA, NO DIA 12 DE FEVEREIRO DE 1948*

Caros delegados:

O II Congresso da Frente da Pátria ([13]) é chamado a transformar a Frente da Pátria numa organização popular, social e política unitária com um novo programa comum, uma disciplina obrigatória e órgãos de direcção electivos. É um passo decisivo de importância histórica no desenvolvimento da nossa Frente da Pátria, que a deverá tornar perfeitamente apta para cumprir, enquanto dirigente dos destinos do nosso povo, as novas e importantes tarefas que se apresentam à nossa jovem República Popular e ao desenvolvimento social, económico e cultural progressista.

Permitam-me, antes de mais, que me detenha sobre a situação internacional, em cujas condições o nosso congresso é chamado a desempenhar o seu papel extremamente importante.

## 1. *A SITUAÇÃO INTERNACIONAL E A FRENTE DA PÁTRIA*

O Congresso da Frente da Pátria reúne-se numa conjuntura internacional complicada, quando, contra a actividade desenfreada dos imperialistas e os seus planos criminosos, as poderosas forças da democracia e do socialismo, com a grande União Soviética à cabeça, se erguem cada vez mais

resolutamente para defender a causa da paz, do progresso, da liberdade e da independência dos povos, para jugular a nova agressão imperialista e salvar o mundo do incomensurável desastre de uma nova guerra mundial.

Os povos desejam ardentemente a paz. Mas aspiram a uma paz equitativa, democrática e duradoura, baseada no respeito mútuo e na cooperação entre os povos, uma paz que ofereça sérias garantias contra os agressores imperialistas.

Os princípios cuja aplicação é a única capaz de assegurar aos povos uma paz duradoura e equitativa, foram proclamados, como é notório, pelos acordos de Yalta e de Postdam, e com a continuação também encontraram a sua expressão na Carta da Organização das Nações Unidas.

No entanto, os imperialistas americanos opuseram-se à aplicação destes princípios logo no dia a seguir ao fim da guerra. Hoje, aproveitando-se dos fabulosos lucros acumulados durante a guerra, exercem uma pressão constante sobre os outros países para transformar a Organização das Nações Unidas de instrumento e apoio da paz em instrumento e apoio das suas intenções de domínio mundial.

Activamente auxiliados pelos Churchill e seus lacaios — os Bevan —, fazem todos os possíveis por restaurar a frente imperialista hostil à União Soviética e à democracia, apoiam e encorajam todos os regimes e movimentos reaccionários, fazem todos os esforços para ressuscitar, sob novas formas, o imperialismo alemão e o fascismo nos diferentes países, como forças de ataque da reacção internacional.

Esta sua linha política reaccionária tornou-se evidente a partir da preparação dos tratados de paz com os antigos aliados da Alemanha hitleriana, incluindo o nosso país.

Como se sabe, foi devido às suas instâncias que foram infligidos à Bulgária, arruinada e esgotada pela pilhagem alemã, encargos injustos e insustentáveis. E foi só graças à enérgica oposição da União Soviética e dos outros países amigos que a tentativa de se apropriarem de uma parte do nosso território pôde ser repelida.

Contrariamente a qualquer objectividade e justiça, os imperialistas americanos e ingleses foram até ao ponto de negar, no tratado de paz, o facto de a Bulgária, imediatamente no dia a seguir ao 9 de Setembro, se ter lançado com



todas as suas forças na guerra contra a Alemanha hitleriana. Além disso, na última sessão do Conselho de Segurança, declararam-se contra a admissão da Bulgária na Organização das Nações Unidas, infringindo deste modo o compromisso solenemente assumido no tratado de paz, de apoiar a sua admissão.

As tendências imperialistas dos monopólios americanos para o domínio mundial encontraram a sua mais clara expressão na chamada «doutrina Truman» e no «plano Marshall».

A «doutrina Truman» é a da pressão permanente exercida sobre outros países e sobretudo sobre os países de democracia popular, de constantes tentativas de ingerência nos seus assuntos internos, sob pretexto de que neles existiria supostamente a «ditadura», o «totalitarismo», veleidades de conquistas, etc. É um auxílio aberto a todos os regimes reaccionários, a todos os elementos que se opõem à democracia e à paz.

É assim que também se pode explicar o facto ignominioso para a Europa de que o carrasco Franco — aliado de Hitler —, ainda hoje continue a torturar o povo espanhol. Melhor ainda: o regime fascista de Franco, contrariamente a todas as decisões diplomáticas e outras, beneficia do largo apoio dos imperialistas, que consideram a Espanha franquista como uma base da sua expansão e agressão na Europa.

Quanto ao «plano Marshall», tem como finalidade assegurar o domínio do imperialismo americano na Europa Ocidental, pela força do dólar e pela concessão de créditos aos países da Europa, à custa da sua independência económica e política.

A atitude negativa dos representantes americanos e ingleses a propósito do problema da reunificação da Alemanha traduz de modo muito evidente o plano americano de domínio mundial. No entanto, nenhum homem de bom senso poderia negar o facto de não ser possível um tratado de paz duradouro com a Alemanha sem a realização da sua unificação em bases democráticas, o que, aliás, não é possível sem a participação activa das forças democráticas do próprio povo alemão.

Os imperialistas americanos encontraram nos socialistas de direita do tipo de Blum, na França, e de Schumacher,

na Alemanha, ajudantes dóceis que não olham a meios para denegrir e caluniar a União Soviética e as novas democracias. Estes pseudo-socialistas procuram por todas as formas desorientar os trabalhadores, semeando a ficção de uma suposta «terceira força», e procurando deste modo mascarar a sua obediência ao imperialismo americano e a sua traição para com os seus povos.

Os ideólogos venais, agentes dos monopolistas americanos, procuram por todos os meios semear o receio e a chantagem entre os indecisos e os nervosos, agitando constantemente a ameaça da «omnipotência» dos Estados Unidos da América, da força «invencível» da bomba atómica, mascarando a sua política de expansão com frases grandiloquentes sobre a «democracia», «o auxílio desinteressado aos europeus vítimas da fome», «a defesa da civilização e da ordem» — precisamente como o faziam Hitler e Goebbels no seu tempo, enganando e mistificando o mundo.

Ora os planos de agressão e de conquista de um punhado de monopolistas imperialistas, que dispõem de biliões de dólares e que procuram impor ao povo uma nova escravatura para substituir aquela, tão atroz, que Hitler tinha imposto e que eles destruíram, para barrar a via da democracia e do socialismo e salvar o sistema imperialista podre, chocam actualmente com uma resistência dos povos muito maior e mais firme do que a que opuseram nas vésperas da Segunda Guerra Mundial. Instruídos pelas duras lições da guerra e da luta contra o fascismo, tendo adquirido uma melhor consciência da sua própria força, os povos reúnem e unem todas as suas forças para fazer abortar os sinistros planos da reacção internacional, à frente da qual se puseram os imperialistas americanos.

O campo da paz, da democracia e do socialismo, com a grande e invencível União Soviética à frente, ergue-se cada vez mais poderoso contra o imperialismo. Este campo reúne as forças sãs e democráticas dos povos de todo o mundo.

Alguns querem apresentar o actual estado de coisas como o de uma pressuposta divisão em Europa de leste e Europa de oeste. O Leste contra o Oeste! Eis um erro profundo. De facto, há o campo da reacção imperialista e dos instigadores uma nova guerra mundial por um lado, e o campo



da democracia e da paz, por outro. A demarcação entre o Leste e o Oeste não é territorial, ela não segue nem seguirá o meridiano geográfico; é e será feita, não segundo a situação no Leste ou no Oeste da Europa, mas segundo se é ou não partidário da paz e da democracia, por um lado, ou do imperialismo e de uma nova guerra mundial, por outro.

Na divisão artificial do mundo em Este e Oeste estão interessados os círculos imperialistas que procuram organizar um «bloco ocidental» de forças imperialistas e reaccionárias contra a democracia mundial e o estabelecimento de uma paz duradoura e democrática no mundo.

No entanto, para compreender bem a força real dos dois campos e ter mais possibilidades de avaliar com precisão a superioridade do campo democrático, é necessário darmo-nos conta das profundas e muito importantes modificações que intervieram na situação internacional, na consequência da Segunda Guerra Mundial.

O primeiro e principal resultado da Segunda Guerra Mundial apesar das esperanças da reacção internacional, foi o de a União Soviética ter saído da guerra reforçada, com um papel internacional colossalmente aumentado. A União Soviética e os outros povos amantes da liberdade saíram vencedores da guerra; e foi a União Soviética que teve de assumir o enorme peso, a responsabilidade decisiva na luta. O sistema socialista soviético resistiu às provações da guerra mundial e demonstrou, de modo notável, a sua superioridade sobre o sistema capitalista. Já nem as calúnias nem as «cruzadas anticomunistas» dos imperialistas são capazes de denigrir a profunda impressão, de abalar a incomensurável influência, que o sistema socialista exerce sobre os trabalhadores e os intelectuais progressistas de todo o mundo. A União Soviética tornou-se o inabalável pilar da paz, da democracia e do socialismo, quando a Alemanha hitleriana, a Itália fascista e o Japão militarista, que eram a força de ataque da reacção internacional, foram derrotados e postos fora de combate.

Além disso, pode-se ver a grande diferença entre a situação na União Soviética e nos países capitalistas!

Os países que se encontram na esfera do imperialismo são abalados por conflitos internos, lutas de classe encarniçadas. Debatem-se com o caos económico, com o desemprego

maciço crónico e sempre crescente, com a incerteza geral dos trabalhadores quanto à sua subsistência, com a insegurança total do dia de amanhã.

Contrariamente a esta situação, reina na União Soviética uma unidade moral e política sem precedentes na história dos povos, para sempre libertos das calamidades e dos sofrimentos inerentes ao sistema capitalista. Não existe e não pode existir desemprego. Nela a exploração do homem pelo homem foi para sempre liquidada. As duas classes fundamentais — os operários e os camponeses kolkhosianos —, são duas classes amigas, e as diferenças entre elas apagam-se de dia para dia. Juntos, de mãos dadas com os operários e camponeses, toda a «intelligentsia» soviética participa na economia socialista. Por isso não há nem poderá haver na União Soviética conflitos e confrontos sociais ou crises económicas. A vida das massas trabalhadoras está assegurada. A sua fé no dia de amanhã e no futuro radioso é total e inquebrantável. Vemo-lo muito especialmente no entusiasmo patriótico pelo trabalho que se apoderou de todos os povos soviéticos, no incansável trabalho pelo restabelecimento da economia nacional, pela realização em 4 anos do plano económico quinquenal do pós-guerra.

Como sabem, o sistema de racionamento foi suprimido e a redução dos preços dos produtos de grande consumo está assegurada.

Unidos em torno do grande Partido bolchevique, os povos soviéticos avançam resoluta e firmemente para o aparecimento do comunismo.

Uma outra consequência importante da Segunda Guerra Mundial consiste no facto de muitos outros países já não fazerem parte do sistema imperialista. Os povos da Jugoslávia, da Bulgária, da Roménia, da Polónia, da Checoslováquia, da Hungria, da Albânia, apoiados pelo Exército soviético vitorioso e libertador, derrubaram o fascismo, libertaram-se da dependência imperialista e tornaram-se os senhores do seu próprio destino. O poder passou para as mãos da união dos operários, dos camponeses e dos intelectuais saídos do povo, com a classe operária à frente. Nestes países, a classe operária deu, por toda a parte, provas da maior actividade, do maior heroísmo, da maior perseverança na luta contra



o fascismo e os conquistadores estrangeiros. Por isso a sua influência aumentou muito. Estes países puseram em andamento iniciativas democráticas como a reforma agrária, a liquidação dos grandes latifúndios, a nacionalização dos bancos e das empresas industriais, a confiscação dos bens dos agentes ao serviço dos alemães. Nestes países, os povos edificam com êxito a sua unidade e opõem-se resolutamente aos ataques das forças obscuras da reacção no interior e no exterior. A reacção interna na maior parte destes países foi definitivamente esmagada. Os países da nova democracia gozam de uma situação interna e internacional cada vez mais consolidada e os seus povos despendem todas as suas forças na edificação do seu bem-estar, a favor da paz e do progresso de toda a humanidade. Os países da nova democracia edificam a propriedade do Estado, a propriedade de toda a nação, como a poderosa base do Estado de novo tipo — a República popular.

Foi sobretudo sobre esta base que se tornaram possíveis a direcção planificada da economia e o desenvolvimento acelerado das forças produtivas desses países.

Manifestações notáveis como o movimento das brigadas de trabalho voluntário, a construção de vias férreas, centrais eléctricas e outras empresas com base no trabalho voluntário da população, são um testemunho incontestável da firme vontade desses povos de criar uma base sólida para a sua independência dos Estados imperialistas.

O facto de esses países já não fazerem parte do sistema capitalista constitui, evidentemente, um importante factor de enfraquecimento deste último e ao mesmo tempo um factor para o sério reforço do campo democrático anti-imperialista.

Um terceiro factor importante que ultimamente tem minado as bases do imperialismo é a profunda crise que este sofre nos países coloniais e dependentes. Somos testemunhas de um poderoso impulso do movimento de libertação nacional na China e na Indonésia, na Índia e na Birmânia, no Vietname e na Malásia, no Próximo Oriente e na África, nos países da América Latina. Em consequência da Segunda Guerra Mundial, mais de meio bilião de homens repeliram o jugo imperialista e clamam que já não querem viver como no passado.

Os povos coloniais e dependentes iniciaram um grande movimento de libertação e de independência. Têm os seus exércitos democráticos de libertação nacional cuja força aumenta e que respondem à força armada dos esclavagistas imperialistas com uma crescente resistência armada e com todas as possibilidades de obter a vitória final.

Também os povos da Europa e da América se erguem, cada vez mais, na sua grande maioria, contra a agressão imperialista. Vastos movimentos populares abalam a França, a Itália, a Alemanha Ocidental. A luta do nobre e heróico povo espanhol contra a ditadura fascista de Franco não terminou. No seio de largas camadas da classe operária inglesa as correntes hostis à política antidemocrática e servil do governo trabalhista do senhor Bevan em relação aos monopólios americanos, estão a tomar força. Largas camadas democráticas do povo dos Estados Unidos também se opõem à política aventureirista dos «trusts» e dos magnates financeiros americanos.

Finalmente, as contradições existentes no próprio campo imperialista, e que desde já aparecem em relação ao «plano Marshall», às diversas reformas monetárias, ao projecto de criação de um bloco do Ocidente e outros, sobre os quais não tenho agora ocasião de me deter, desempenham e virão a desempenhar um papel de modo algum negligenciável.

As forças da paz, da democracia e do socialismo são gigantescas. Se, tal como o fez notar a conferência dos nove Partidos comunistas em fins de Setembro último, na Polónia, elas souberam dar provas da resistência e da firmeza necessárias, a nova agressão imperialista está condenada a um fracasso total. E estamos profundamente convencidos de que essas forças terão a resistência e a firmeza necessárias.

Essas forças poderosas e crescentes têm à sua frente os Partidos comunistas, que durante os anos da Segunda Guerra Mundial, quando o patriotismo de todos os agrupamentos sociais, organizações políticas, estadistas e políticos foi rudemente posto à prova, souberam demonstrar a maior perseverança e resistência, o maior heroísmo e se mostraram, até ao fim, dirigentes do povo dedicados à sua pátria. Em consequência de tudo isso é perfeitamente compreensível e legítimo que a influência e a autoridade dos Partidos comunistas



tenham aumentado consideravelmente em todo o mundo e que continuem a aumentar, e que nos países da nova democracia sejam eles a força dirigente e a mais importante.

Os Partidos comunistas em vários países da Europa e da Ásia são actualmente Partidos de massas, contam com milhões de membros e formam a guarda fiel da independência nacional e do desenvolvimento democrático dos seus povos.

A força e a influência dos Partidos comunistas devem-se também, entre outras coisas, ao facto de estes conseguirem reagrupar numa frente popular poderosa, e em nome dos interesses nacionais, as forças sãs da nação.

As organizações e as correntes democráticas camponesas dão cada vez mais a mão aos Partidos comunistas para a edificação da união dos operários e dos camponeses. O movimento de unidade da classe operária na luta pela paz, pela democracia e pelo socialismo reforça-se e aumenta. Os intelectuais progressistas em todos os países colocam-se cada vez mais resolutamente no campo democrático.

A Federação Sindical Mundial (14), que conta com 71 milhões de operários e de empregados organizados, a Federação Democrática Internacional das Mulheres (15) e a Federação Mundial da Juventude Democrática (16), também elas englobando dezenas de milhões de membros, revelam-se de igual modo um factor importante na luta por uma paz duradoura e democrática.

É assim que, em consequência da Segunda Guerra Mundial, a relação de forças entre o campo imperialista e o campo democrático se modificou claramente com vantagem para o campo democrático. O campo democrático mundial apoia-se na classe operária, nas massas trabalhadoras das cidades e dos campos, nos intelectuais progressistas, nos movimentos democráticos de todos os países, nos movimentos de libertação nacional dos países coloniais e dependentes, nas novas democracias. À frente desse campo encontra-se a grande União Soviética. Tudo isso constitui efectivamente uma força que é capaz de jugular as feras imperialistas e de salvar a humanidade das novas aventuras sangrentas dos imperialistas.

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Viatcheslav Molotov, tem absoluta razão quando sublinha no seu relatório, por ocasião do 30.° aniversário da Grande Revo-

lução Socialista de Outubro, que «a coesão das forças democráticas e a luta ousada contra o imperialismo e os seus novos planos de aventuras de guerra levarão os povos a unir-se num poderoso exército que o imperialismo, que nega os direitos democráticos dos povos, que calca aos pés a soberania das nações e que baseia os seus planos em ameaças e aventuras, não conseguirá igualar. A inquietação e a angústia aumentam nas fileiras dos imperialistas, pois é claro para todos que o chão foge debaixo dos pés do imperialismo enquanto as forças da democracia e do socialismo crescem e se consolidam de dia para dia».

Na realidade, é precisamente porque as forças do imperialismo se vão enfraquecendo cada vez mais, que as suas possibilidades de oprimir, de subjugar e de explorar os povos diminuem incessantemente, e que despendem uma actividade desenfreada para atear o incêndio de uma nova guerra por meio da qual esperam poder adiar a crise que se aproxima, barrar a via à democracia e ao socialismo.

Ora os povos não querem uma nova guerra e lutam firmemente, com todas as suas forças, contra os instigadores.

O sistema imperialista, capitalista, que só pode oferecer aos povos guerras devastadoras, que só pode travar o desenvolvimento das forças produtivas e entravar o desenvolvimento da ciência e da cultura — esse sistema historicamente está já caduco, foi condenado ao desaparecimento inevitável e nada o poderá salvar.

Vivemos na época em que o socialismo está na ordem do dia, em que não se pode avançar sem caminhar pela via do socialismo. A via que leva ao socialismo é diferente nos diversos países, de acordo com as particularidades históricas, nacionais e outras desses mesmos países, mas é inevitável e a única salutar para todos os países e os seus povos. E não são os acessos de furor aventureiro, resultantes da agonia dos pretendentes imperialistas ao domínio mundial, que podem impedir o triunfo da democracia e do socialismo no mundo.

Outros, e nomeadamente os imperialistas alemães, com Hitler à frente, tentaram antes deles consegui-lo mas, como sabemos, partiram a cabeça e estão agora debaixo da terra.



Entretanto os movimentos populares e o comunismo desenvolvem-se e crescem, para o bem dos povos e de toda a humanidade, continuam a subsistir e subsistirão.

A Frente da Pátria na Bulgária é um dos importantes destacamentos da força armada da democracia e da paz. Podemos hoje revelá-lo abertamente, com um sentimento de orgulho e de satisfação moral. No seu II Congresso a Frente da Pátria manifestará a vontade firme do povo búlgaro, unido sob a sua bandeira, de defender com todas as forças contra qualquer atentado imperialista, a liberdade e a independência nacional, conquistadas à custa de uma longa luta, de numerosas vítimas e de terríveis sofrimentos, e de ser um factor activo na luta por uma paz duradoura e pela democracia nos Balcãs, na Europa e no mundo.

O II Congresso da Frente da Pátria é chamado a manifestar na actual conjuntura internacional a integração inabalável e sem reservas do nosso povo no campo democrático, bem como a sua fidelidade para com a grande União Soviética, que o encabeça. O nosso povo encontrou nele o seu lugar natural e não existe nenhuma força que consiga afastá-lo dele porque os seus interesses vitais e o seu futuro coincidem totalmente com os interesses do campo democrático mundial com a grande União Soviética à cabeça.

## II. *RAÍZES HISTÓRICAS DA FRENTE DA PÁTRIA*

Camaradas: Sabemos que a Frente da Pátria, enquanto movimento anti-fascista popular, nasceu com o seu programa e os seus organismos no mês de Julho de 1942. A única força que conseguiria tomar a iniciativa da sua criação e da sua formação era a classe operária, durante longos anos temperada na luta contra a ditadura monarco-fascista, com o seu Partido Comunista à cabeça. Por isso a classe operária se tornou o centro de união de todas as camadas sociais, democráticas e progressistas do nosso povo.

Contudo, a Frente da Pátria tem profundas raízes históricas na evolução anterior do nosso povo. A ideia da formação da Frente da Pátria não apareceu por acaso; não se impôs nem de fora nem do alto. Esta ideia de salvação

amadureceu no próprio seio do povo e surgiu como o resultado das lutas das massas trabalhadoras contra a monarquia traidora dos Coburgo, contra a burguesia capitalista venal e as suas conspirações antinacionais.

As raízes históricas da Frente da Pátria estão fundamentadas nas lutas dos trabalhadores das cidades e dos campos, com o Partido Comunista à frente e sob a influência decisiva da Grande Revolução Socialista de Outubro, contra os bandos de guardas brancos de Wrangel, destinados a uma intervenção imperialista contra a jovem república dos Sovietes, bem como nas lutas dos trabalhadores contra a ofensiva da reacção capitalista depois da Primeira Guerra Mundial.

As raízes históricas da Frente da Pátria estão ligadas aos amargos ensinamentos da luta contra o fascismo e à dura e magnífica escola em que o povo e as suas maiores organizações democráticas se retemperaram durante duas décadas de luta e muito especialmente durante os anos da invasão hitleriana dos Balcãs.

O povo fazia-se angustiadamente as seguintes perguntas:

Como foi possível que num país onde havia um Partido Comunista forte e onde o poder era detido por um governo agrário, presidido pelo grande tribuno do povo, Alexandre Stamboliiski, governo esse que gozava de uma grande influência entre os camponeses, enquanto que os partidos burgueses se tinham desonrado com duas catástrofes nacionais — como é que foi possível que a ditadura fascista triunfasse e que, com os Coburgo à frente, as forças que tinham arrastado a Bulgária para o campo imperialista conseguissem arrastá-la uma vez mais para o mesmo campo?

Porque é que a insurreição antifascista de 1923 falhou, em vez de ser coroada por uma vitória do povo sobre a reacção fascista e pela instauração de um governo democrático popular?

Com o auxílio dos comunistas, e instruído pela sua própria experiência, o nosso povo encontrou uma resposta justa para estas perguntas angustiantes. Compreendeu que tudo isso se tinha tornado possível porque, de facto, não se tinha edificado a aliança militante dos operários e dos camponeses e porque as forças democráticas sãs não tinham sido reunidas, nessa base, numa vasta frente única antifascista. Compreendeu que os inimigos se tinham aproveitado da divisão das forças populares e imposto a sua ditadura.



À custa de enormes dificuldades e de numerosas e queridas vítimas sofridas durante a Insurreição de Setembro de 1923, e mais tarde, durante os sombrios e sangrentos anos da ditadura fascista, o nosso povo aprendeu uma grande lição sobre a necessidade de uma unidade das forças antifascistas e democráticas.

A Insurreição de Setembro de 1923 teve o enorme mérito para o desenvolvimento da democracia búlgara de ter assentado os alicerces da sua verdadeira unidade. Cimentou a aliança militante dos operários e dos camponeses, base dessa unidade. Foi precisamente por isso que a derrota da Insurreição de Setembro de 1923 não levou a uma vitória duradoura do fascismo. Claro que a Insurreição foi reprimida, mas a esmagadora maioria das massas populares manteve-se intransigente a respeito do fascismo. A Insurreição cavou entre o povo e o fascismo, entre a burguesia capitalista e as massas trabalhadoras, um abismo tão profundo que nada o pôde preencher e que determinou o desenvolvimento ulterior do nosso país até à vitória da Insurreição popular antifascista de 9 de Setembro de 1944.

As raízes da Frente da Pátria estão, além disso, ligadas aos esforços sofridos no passado para edificar a frente única dos operários e dos camponeses, e os vários comités criados para apoiar a luta dos operários, dos camponeses, dos artesãos e dos intelectuais na defesa dos seus interesses imediatos. Estão ligadas à luta do povo contra a ameaça de guerra, e ao vasto movimento popular de amizade e de colaboração com a Grande União Soviética e com os outros povos democráticos contra a crescente dependência da Bulgária em relação ao imperialismo alemão, contra toda a política interna e externa da monarquia e do fascismo, tão nefasto à nossa pátria. As suas raízes estão ligadas à luta pela amplificação da frente única dos operários e dos camponeses, e para fazer dela uma frente popular antifascista destinada a defender a liberdade e a independência da Bulgária directamente ameaçadas pela agressão hitleriana.

O Partido dos comunistas soube tirar do modo mais consequente, para ele e para todo o povo, os principais ensi-

namentos da precedente experiência histórica da nossa nação. Outros meios e organizações democráticas também dela tiravam ensinamentos e a pouco e pouco libertavam-se da influência da criminosa política burguesa, ascendiam à causa comum das forças democráticas e aproximavam-se da classe operária e do seu representante político — o Partido Comunista. Este processo realizava-se sobretudo no seio da União Agrária; em massas cada vez mais numerosas os seus filiados davam-se conta dos prejuízos causados à nação pela ilusão de um poder camponês independente e uniam-se em torno da ideia de uma aliança militante dos operários e dos camponeses. Também se manifestava um processo análogo entre determinados intelectuais, sobretudo entre os militares, que procuravam uma saída para o impasse em que a monarquia e a burguesia capitalista tinham encurralado a Bulgária. Esta fracção dos intelectuais também pagou um importante tributo à ilusão que pretendia que o renascimento nacional da nossa pátria era possível sem a classe operária, e até mesmo contra a classe operária e contra a aliança dos operários e dos camponeses. Estes intelectuais abandonavam as suas ilusões e uniam-se em torno da ideia de uma unidade de todas as forças democráticas antifascistas. Um processo análogo de maturação produzia-se igualmente nos Partidos Social-Democrata e Radical.

Deste modo, os amargos ensinamentos da nossa própria história: Vladaia, em 1918, a greve política geral dos transportes, em fins de 1919 e princípios de 1920, o golpe de Estado fascista de 9 de Junho de 1923, a gloriosa Insurreição de Setembro de 1923, as lutas rudes e contínuas, cheias de heroísmo e abnegação, dos trabalhadores contra a monarquia e o fascismo, levaram à realização da unidade de combate do nosso povo.

Por isso quando as hordas hitlerianas, auxiliadas pelos agentes monarco-fascistas, invadiram, na Primavera de 1941, os Balcãs e o nosso país e atacaram pelas costas a Jugoslávia e a Grécia, e sobretudo depois da pérfida agressão da Alemanha hitleriana contra a União Soviética, todos os elementos constituintes da Frente da Pátria estavam presentes. A heróica luta do exército e dos povos soviéticos contra os invasores bárbaros também entusiasmou os antifascistas búlgaros e



imprimiu um novo e poderoso impulso ao movimento de resistência e de união de todas as forças democráticas na Frente da Pátria. A iniciativa tomada pelo Partido Operário Búlgaro (Comunistas) para criar a Frente da Pátria — aliança militante dos operários, dos camponeses, dos intelectuais, dos patriotas do exército e de outras camadas democráticas —, para desencadear, sob a sua direcção, uma luta de guerrilheiros que chegasse até à insurreição armada do conjunto do povo contra a ditadura monarco-fascista e os ocupantes alemães, esta iniciativa encontrou um terreno propício e foi adoptada, de uma maneira ou de outra, pela esmagadora maioria do povo búlgaro.

A Frente da Pátria encarna, portanto, os ensinamentos que o nosso povo tirou dos seus sofrimentos e da sua própria experiência durante anos. A Frente da Pátria ergueu-se no nosso país como o verdadeiro e o único condutor dos seus destinos. A Frente da Pátria também aparece como o continuador da obra e do testamento — dando-lhe, é verdade, um conteúdo político económico, social e cultural novo, de acordo com a actual conjuntura — dos nossos grandes revolucionários e apóstolos nacionais: Vassil Levski e Christo Botev.

A burguesia capitalista não retomou a obra de Levski nem de Botev. Muito pelo contrário, traiu-a. Tornou-se o instrumento dócil do imperialismo estrangeiro. É ela a culpada do estado extremamente atrasado do nosso país. Durante várias décadas, esforçou-se por implantar na consciência do povo a ideia de que uma vez abandonado aos seus próprios recursos, não seria capaz de realizar fosse o que fosse. Foi sobretudo ela, com a dinastia estrangeira à frente, que fez do nosso país a presa dos conquistadores alemães, separou-o da família eslava e empurrou-o até à infâmia de se tornar uma base de agressão hitleriana contra a União Soviética.

Esta burguesia capitalista, corrompida, venal e incapaz — odiada e desprezada pelo povo — foi varrida da cena histórica.

Portanto, a Frente da Pátria apareceu, desenvolveu-se e cresceu, sob a direcção da classe operária, como uma necessidade histórica para a Bulgária. Hoje, é ela que empunha

a bandeira da Pátria. O povo búlgaro avança na via da paz, da democracia e do socialismo sob a direcção da Frente da Pátria, poderosa, inabalável e invencível.

## III. *MOMENTOS ESSENCIAIS NO DESENVOLVIMENTO DA FRENTE DA PÁTRIA*

Durante o seu desenvolvimento, a Frente da Pátria passou por várias etapas fundamentais que é absolutamente necessário examinar agora.

Primeiro, a Frente da Pátria organizou a resistência do povo búlgaro contra os opressores alemães e a ditadura monarco-fascista. Já no seu primeiro programa, difundido a 17 de Julho de 1942 pela Rádio Christo Botev, a Frente da Pátria se fixava em primeiro lugar a tarefa de libertar o país da opressão alemã e da ditadura monarco-fascista, de unir a Bulgária à coligação anti-hitleriana e de estabelecer um poder democrático popular.

Sob a direcção da Frente da Pátria, a resistência do povo contra a agressão hitleriana tomou pouco a pouco amplitude. Graças a esta resistência, a clique monarco-fascista não conseguiu enviar tropas búlgaras para a Frente de Leste. As vitórias do glorioso Exército soviético, as contínuas derrotas infligidas aos alemães em todas as frentes, a capitulação da Itália fascista, o desenvolvimento da luta de libertação nacional na Jugoslávia e o avanço do exército soviético do lado do Danúbio, deram um novo e decisivo impulso à luta crescente das massas populares para romper com a Alemanha hitleriana, para salvar a pátria da catástrofe que a ameaçava, por um verdadeiro governo democrático popular búlgaro. A rede de comités da Frente da Pátria, com o Comité Nacional da Frente da Pátria à cabeça, continuava a alastrar por todo o país. O movimento de resistência aumentou consideravelmente. Os destacamentos de guerrilheiros isolados agruparam-se em brigadas com a mais activa participação, uma participação preponderante, dos comunistas e com a colaboração inapreciável do fraterno exército de libertação jugoslavo temperado nos heróicos combates contra os invasores hitlerianos.



A insurreição armada do povo contra o fascismo ia deflagrar de um momento para o outro. Perante a resistência geral decisiva, todas as tentativas empreendidas pela clique dos monarco-fascistas Bojilov, Bagrianov, Muchanov, Burov, Muraviev, para salvarem do naufrágio o navio em perigo do monarco-fascismo, abortaram. O aparecimento do vitorioso exército soviético na fronteira nordeste da Bulgária acelerou e auxiliou a Insurreição popular antifascista de 9 de Setembro de 1944 que varreu vigorosamente a ditadura monarco-fascista podre e estabeleceu o poder popular da Frente da Pátria.

A luta do povo búlgaro durante longos anos contra a reacção e o fascismo levou à vitória total de 9 de Setembro de 1944. Esta vitória popular foi realizada por operários, camponeses, artesãos, intelectuais progressistas, elementos patriotas do exército, e para dizer tudo — por todas as forças sãs do nosso povo, unidas sob a bandeira da Frente da Pátria. Nesta luta vitoriosa contra o fascismo, uma parte muito especial do mérito cabe aos nossos gloriosos guerrilheiros, homens e mulheres, e àqueles que os auxiliavam. O nosso povo jamais esquecerá o seu mérito; honrará eternamente a memória luminosa dos heróis caídos pela liberdade e pela independência da nossa pátria.

No dia 9 de Setembro de 1944, o poder foi arrancado das mãos da burguesia capitalista e da minoria dos exploradores monarco-fascistas, por uma insurreição popular armada. Este passou para as mãos da esmagadora maioria do povo, sob a mais activa direcção da classe operária.

A insurreição popular antifascista de 9 de Setembro de 1944 representa uma viragem decisiva no desenvolvimento do nosso país. Inaugura uma nova era na sua história, era de profundas transformações revolucionárias — políticas, económicas, sociais e culturais — transformações que criam as condições para uma nova ordem social de onde é banida a exploração do homem pelo homem.

A segunda etapa importante é a participação da Bulgária, imediatamente a seguir ao 9 de Setembro de 1944, na guerra patriótica contra a Alemanha hitleriana. O objectivo central da Frente da Pátria era: «Tudo pela Frente, tudo para obter

rapidamente a vitória definitiva sobre o fascismo, sobre os celerados e os bandidos hitlerianos.»

Pela sua participação na guerra patriótica, o nosso povo, lutando lado a lado com o glorioso exército soviético e as tropas de libertação jugoslavas, contribuiu para libertar os Balcãs do jugo alemão e esmagar definitivamente a Alemanha hitleriana.

Era a época de um desabrochar impetuoso e sem precedentes da actividade e da iniciativa das massas populares, do crescimento e consolidação da Frente da Pátria e das organizações de massas, da reorganização do antigo exército, chamado a transformar-se num exército popular. O regime fascista foi eliminado em pouco tempo. Castigaram-se severamente e sem demora os principais culpados da criminosa aliança com a Alemanha hitleriana, e carrascos do povo búlgaro. A reacção foi fulminantemente atacada.

Depois do fim vitorioso da guerra patriótica a luta pela conclusão de uma paz assente na justiça, pela defesa da integridade territorial e da independência nacional do país, pelo restabelecimento da economia nacional, pela liquidação dos elementos reaccionários cuja actividade de sapa, encorajada pelo estrangeiro, tinha aumentado, tornou-se a tarefa central da Frente da Pátria. Esta continuou a aumentar e a consolidar-se, desembaraçando-se dos inimigos camuflados nas suas fileiras, que sob a instigação do estrangeiro se constituem em oposição, lutando contra a Frente da Pátria e procurando restaurar o antigo regime. As eleições legislativas marcaram uma inegável vitória da Frente da Pátria; reforçou a sua situação interna e internacional e faz dela a única força social e política do país gozando da confiança do povo búlgaro.

Durante esse tempo, o governo da Frente da Pátria fez promover uma série de iniciativas importantes, como por exemplo: a lei sobre a propriedade fundiária, a confiscação dos bens adquiridos de modo ilícito ou pela especulação, etc. Apesar das grandes dificuldades e da seca, a Frente da Pátria também conseguiu êxitos importantes no restabelecimento da economia nacional, no abastecimento da população e do gado. Procedeu ao referendo para a abolição da monarquia e proclamou a República Popular da Bulgária. As eleições para a Grande Assembleia Nacional que se



seguiram eram uma nova e inegável vitória da Frente da Pátria.

Os estados-maiores da oposição, auxiliados pelo estrangeiro, abusando à larga e sem escrúpulos das grandes possibilidades de acção que lhes eram asseguradas, servindo-se da mais descarada demagogia, especulando sobre as inevitáveis dificuldades de ordem interna, bem como sobre a situação internacional do país que ainda não estava solucionada, conseguiram recolher um número considerável de votos por ocasião das últimas eleições. Encorajada e excitada pelo estrangeiro, a reacção no país levantou a cabeça. As suas intenções de restauração do antigo regime e de golpes de Estado tornaram-se cada vez mais claras.

O nosso povo, sob a direcção da Frente da Pátria, empreendeu uma ofensiva política sistemática contra a reacção e seus agentes, isto é, contra a oposição dita «unificada». Pôs-se como objectivo, por um lado, fazer abortar os planos dos estados-maiores reaccionários, e pôr fora de estado de prejudicar os elementos nefastos que procuram restaurar o antigo regime, e por outro lado, fazer regressar às fileiras da Frente da Pátria os cidadãos e cidadãs honestos momentaneamente alienados e arrastados no esteiro da demagogia da oposição.

Também desta vez os esforços da Frente da Pátria foram coroados de êxito. O tratado de paz foi assinado. O governo da Frente da Pátria foi reconhecido pela Inglaterra e pelos Estados Unidos da América. À oposição reaccionária, sistematicamente desmascarada nas suas actividades antipopulares e cujos chefes, como se sabe, eram considerados culpados por terem planeado um golpe de Estado para derrubar o poder popular, foi aplicado um golpe fulminante e posta fora de combate.

A Constituição da República Popular da Bulgária, adoptada pela Grande Assembleia Nacional, reforçou as históricas conquistas da Insurreição popular de 9 de Setembro de 1944 e abriu novas perspectivas para o ulterior desenvolvimento do nosso país na via da democracia, do progresso e do seu desenvolvimento em todos os domínios.

É certo, que durante os cinco anos decorridos a Frente da Pátria percorreu um glorioso caminho de combate. Desen-

volvia-se e reforçava-se, desembaraçando-se dos inimigos declarados e dissimulados. Os vários meios e organizações que faziam parte da Frente da Pátria aprendiam a conhecer-se melhor, trabalhavam em comum e aproximavam-se ainda mais; davam-se cada vez mais conta de que o papel dirigente da classe operária é um factor importante e essencial no reforço da Frente da Pátria e da democracia. Foi assim que se chegou à situação presente, em que se pode afirmar firme e resolutamente que no seio da Frente da Pátria reina uma unanimidade e uma coesão totais, como nunca existiram anteriormente, sobre as questões fundamentais vitais da política interna e externa da nossa República.

## IV. *O QUE A FRENTE DA PÁTRIA DEU AO NOSSO POVO*

Caros delegados!

Os anais da Frente da Pátria só datam de há cinco anos. No entanto, este breve período é decisivo para o nosso novo desenvolvimento social. Durante os últimos cinco anos foram realizadas sob a direcção da Frente da Pátria profundas reformas de ordem político-estatal, económica, social e cultural, que estão a transformar radicalmente o nosso país.

Permitam-me que recapitule, em linhas gerais, o que a Frente da Pátria deu ao nosso povo durante este período.

### No domínio da política externa

Tal como já foi muitas vezes assinalado, a Frente da Pátria salvou a Bulgária da terceira catástrofe nacional que a ameaçava. A insurreição popular vitoriosa de 9 de Setembro e a entrada das valorosas tropas soviéticas na Bulgária repeliram a ocupação anglo-americana, com uma eventual participação de tropas turcas e gregas, preparada no Cairo com a concordância do governo Muraviev — Guitchev — Muchanov — Burov. Deste modo a Frente da Pátria conseguiu evitar o desmembramento da Bulgária projectado para satisfazer as pretensões anexionistas dos chauvinistas pan-helenistas e dos seus protectores.



O maior mérito do governo da Frente da Pátria foi o de ter enviado o exército búlgaro, rapidamente renovado, combater contra a Alemanha hitleriana, lado a lado com os exércitos soviético e jugoslavo. Graças à sua participação no esmagamento da Alemanha hitleriana, o povo búlgaro, que foi o primeiro a erguer-se para a luta armada contra o fascismo em 1923 e que devia dar, durante dois decénios, numerosas vítimas para o triunfo da democracia, conseguiu apagar da sua frente o opróbrio da sua satelização a Hitler e obter a simpatia e o apoio dos meios democráticos de todo o mundo.

Foi graças a isso que a Bulgária conseguiu obter um tratado de armistício aceitável e libertar-se, de facto, da ocupação militar estrangeira. O estacionamento na Bulgária das tropas soviéticas irmãs preservou o nosso país de uma humilhante e cruel ocupação e assegurou ao povo búlgaro o direito de edificar o seu Estado, livremente e sem coacções, sobre princípios verdadeiramente democráticos.

Foi graças a isso que a Bulgária conseguiu concluir em Paris uma paz que se revelava a mais favorável que podiamos esperar, devido à situação internacional nessa ocasião, e apesar de uma série de cláusulas tão duras como injustas, por cuja revisão o povo búlgaro trabalha e não deixará de trabalhar.

O nosso maior êxito foi termos conseguido salvaguardar a integridade do nosso território e assegurar a nossa independência nacional graças ao poderoso apoio da União Soviética e dos países eslavos irmãos.

Considero que é meu dever exprimir desta tribuna, em nome do nosso povo reconhecido, a sua profunda gratidão para com a União Soviética, a R. S. S. da Ucrânia e a R. S. S. da Bielo-Rússia, por esse apoio fraterno e desinteressado. Também exprimimos o nosso reconhecimento à República Popular da Jugoslávia, bem como às Repúblicas da Polónia e da Checoslováquia!

A Frente da Pátria efectuou uma mudança completa e decisiva na política externa da Bulgária. Arrancou para sempre o nosso país das garras do imperialismo alemão, opondo-se resolutamente a qualquer tentativa dos círculos imperialistas estrangeiros de lhe ditarem a sua vontade, e conduziu

o navio búlgaro para as águas da paz e da cooperação com todos os povos democráticos, amigos da liberdade, e em primeiro lugar com a grande União Soviética — nosso apoio e nosso libertador por duas vezes — de acordo com as tradições e a vontade do povo búlgaro.

A aproximação da Jugoslávia é de uma considerável importância para o futuro do nosso país. Os nossos povos, que os imperialistas alemães, auxiliados pelos seus antros de conspiradores, excitavam e incitavam à guerra mútua para definitivamente os subjugar, encontraram a verdadeira via da fraternidade e da unidade solenemente seladas no tratado de amizade, de cooperação e de ajuda mútua recentemente assinado entre os dois países. Uma clara manifestação dos sentimentos fraternos que existem entre os nossos povos foi a solução amigável de todas as questões e sobretudo a renúncia da Jugoslávia às indemnizações que a Bulgária lhe devia nos termos do tratado de paz, facto de que estamos particularmente reconhecidos ao governo jugoslavo. A estreita cooperação económica, estabelecida entre os dois países vizinhos e irmãos contribuirá ainda mais para a sua aproximação e imprimirá um novo e poderoso impulso ao seu desenvolvimento económico e ao seu progresso geral.

Graças aos regimes democráticos, a solidariedade entre os países eslavos, que durante séculos viveram em discórdia e isolados uns dos outros, transforma-se actualmente num importante factor da paz, da democracia e do progresso social. A política da Frente da Pátria não é uma política racial, nem tem como finalidade a desagregação da Europa e do mundo em blocos, mas sim uma política democrática e progressista que tem como objectivo a aproximação e a cooperação de todos os povos democráticos amantes da liberdade para assegurar a paz mundial e o seu desenvolvimento material e cultural na base da independência nacional e no espírito da Carta da Organização das Nações Unidas.

Provámo-lo pela assinatura de tratados de amizade, de cooperação e de auxílio mútuo, não só com a Jugoslávia, país eslavo, como também com países não eslavos como a Albânia e a Roménia, provámo-lo também pelas negociações que iniciámos, dentro do mesmo espírito, com a Checoslováquia, a Polónia e a Hungria e pela nossa prontidão na cooperação



e na ajuda mútua com todos os povos democráticos animados das mesmas intenções e respeitando a nossa liberdade e a nossa independência.

O principal objecto das nossas discussões passadas e futuras no domínio da nossa política externa foi e será sempre a questão da nossa defesa conjunta contra uma eventual agressão estrangeira, a garantia da nossa independência nacional, da integridade territorial e da soberania, tão indispensáveis aos nossos povos, que se dedicaram completamente a um trabalho criador pacífico. Despendemos esforços especiais para o alargamento das nossas relações económicas e culturais, para nos ajudarmos mutuamente no desenvolvimento económico que deve tornar-nos independentes dos «trusts» e dos bancos imperialistas.

Mas é claro que estamos longe de criar um bloco de Leste, seja sob que forma for, como erradamente o interpretam os iniciadores da formação de um bloco do Ocidente e os seus agentes.

A este propósito, aproveito a ocasião para declarar que as notas críticas do jornal *Pravda* — órgão central do Partido Comunista da União Soviética (bolchevista) —, sobre a parte da minha última entrevista que dizia respeito ao problema da eventual criação de uma federação ou confederação dos países balcânicos e danubianos que também englobaria a Polónia, a Checoslováquia e a Grécia, bem como ao problema da criação de uma união alfandegária entre si, e em que dizia nomeadamente que «esses países não têm necessidade de uma federação ou confederação problemática ou artificial nem de uma unidade alfandegária», e que «aquilo de que necessitam é a consolidação e defesa da sua independência e soberania pela via da mobilização e organização das forças democráticas e populares internas, como judiciosamente o revelou a conhecida declaração dos nove Partidos comunistas», são bem fundamentadas e constituem um aviso oportuno, precioso e útil contra as possíveis preferências, descabidas e nocivas para as democracias populares.

Para terminar com as questões relativas à política externa da Frente da Pátria, direi algumas palavras sobre as acusações, dirigidas contra a Bulgária, a Jugoslávia e a Albânia na imprensa estrangeira, bem como por círculos responsáveis e

irresponsáveis do estrangeiro — acusações mentirosas e não comprovadas pelos factos, afirmando que estes países se teriam supostamente imiscuído nos assuntos internos da Grécia e que fomentam a guerra nesse país. Estas acusações não passam de uma tentativa por parte dos interessados de lançar as suas próprias faltas sobre outrem. Nada mais natural do que o facto de o nosso povo estar muito interessado no estabelecimento de um regime democrático de ordem e de paz na nossa vizinha do Sul, porque poderia então continuar calma e profundamente o seu trabalho criador, sem ser perturbado por incidentes, propositadamente provocados na fronteira, nem por constantes inquietações. Nada mais natural também que o povo búlgaro se condoa com a luta do povo grego e esteja pronto a socorrer as vítimas do regime terrorista que reina na Grécia que procurarem asilo no nosso território. Mas devo repelir resolutamente as acusações dirigidas contra o governo búlgaro e declarar categoricamente que a responsabilidade da guerra civil na Grécia, que também preocupa o nosso povo, recai apenas sobre o regime terrorista que aí domina e sobre os círculos estrangeiros que, levados pelas suas intenções imperialistas, procuram, pela força armada e pela via da ingerência brutal nos seus assuntos internos, impor esse regime ao povo grego, amante da liberdade.

Do atrás exposto conclui-se que a Frente da Pátria, pela sua justa política nacional, salvou a Bulgária de uma catástrofe iminente, salvaguardou a integridade do nosso território, defendeu a nossa soberania e transformou o nosso país num sólido pilar da paz nos Balcãs e no mundo.

Encorajado por estes êxitos e perfeitamente consciente das dificuldades que teremos de vencer e das intrigas que são urdidas contra a República Popular da Bulgária, o nosso povo avançará com tanto mais ardor, vigilância e firmeza pela via que escolheu, e lutará pela consolidação definitiva da sua liberdade, da sua independência e da sua soberania.

## No domínio da política interna

Passemos agora à política interna.

A Frente da Pátria esmagou com uma mão firme a clique monárquica e o antro conspirador hitleriano, dissolveu todas



as organizações fascistas, autorizou a iniciativa e actividade das vastas massas populares em todos os domínios da vida social e do Estado. Restabeleceu, alargou e garantiu os direitos e as liberdades democráticas do povo dando-lhes deste modo a possibilidade de se tornar o único e verdadeiro senhor do seu destino.

A Frente da Pátria deu às mulheres búlgaras a igualdade de direitos atraindo-as activamente para a vida social e política. Hoje a mulher búlgara pode ocupar todos os postos de responsabilidade e do Estado, aos quais anteriormente não tinha acesso. As nossas mulheres — ministros, presidentes de Câmaras, juízes, inspectoras escolares, chefes de empresas industriais, dirigentes de organizações de massa, ou simples operárias e camponesas — cumprem com dignidade o seu dever social e justificam inteiramente toda a confiança que o poder popular deposita nelas.

A Frente da Pátria assegurou a todos os jovens com mais de 18 anos o direito de serem eleitores e elegíveis. A nossa juventude é o orgulho da República Popular da Bulgária, e o trabalho patriótico que realizou o ano passado na frente da construção merece uma menção especial.

Nunca até hoje na nossa história política o povo búlgaro participou tão larga, activa, consciente e entusiasticamente nas eleições para os órgãos supremos do Estado. Nas eleições de 18 de Novembro de 1945 participaram 3 862 492 cidadãos, ou seja, 86 por cento do número total de eleitores no referendo de 8 de Setembro de 1946, para a República Popular, votaram 4 129 544 cidadãos, ou seja, 91,67 por cento dos eleitores; e as eleições para a Grande Assembleia Nacional recolheram os votos de 4 244 337 cidadãos, ou seja, de 93,19 por cento dos eleitores.

Estes números são testemunho das grandes aquisições da nossa democracia popular, sobretudo quando os comparamos com os números das eleições no passado ou com as dos países da tão elogiada democracia ocidental. Apesar das sanções previstas pela lei eleitoral no passado, no caso de não participação nas eleições, o número total dos eleitores era, na melhor das hipóteses, muito inferior à metade daquele registado pela Frente da Pátria.

Na época dos antigos governos, os jornais eram propriedade de vários capitalistas ou grupos capitalistas ou então subsidiados por fontes duvidosas para prosseguirem uma política e uma propaganda antipopular, enquanto os jornais e revistas progressistas eram sufocados. Leis draconianas especiais e uma censura bárbara privavam o povo do direito de exprimir a sua opinião. O princípio da liberdade de imprensa encontrou a sua verdadeira aplicação com a nossa democracia popular. As organizações políticas democráticas do nosso povo e as suas organizações culturais de massa adquiriram o direito de ter os seus próprios órgãos impressos e de exprimir livremente a sua opinião sobre todos os problemas do Estado e da sociedade.

De facto, quando é que os operários, os camponeses, os intelectuais saídos do povo, os artesãos, todos os cidadãos democráticos e progressistas no nosso país, gozaram de uma tal liberdade de se reunirem, de se organizarem, de disporem dos lugares públicos, das ruas, das salas, das tipografias, da rádio, para a sua actividade pública, política e cultural?

Notem que no nosso país, com uma população de 7 milhões de habitantes, estão organizadas e funcionam livremente e sem entrave uniões sindicais que agrupam cerca de 540 000 operários e empregados, a União Geral dos Agricultores, com 1 280 000 membros, a União Geral dos Artesãos, com 114 000 membros, organizações cooperativas que totalizam mais de 2 000 000 de membros, a União Popular das Mulheres, com mais de 600 000 membros, a União da Juventude Popular, com cerca de 1 000 000 de membros, e outras organizações de massa cujo número de membros é considerável, entre as quais sobressai «Septemvriitche» — a organização das crianças escolarizadas, com mais de 600 000 membros. Camaradas, pode-se afirmar sem receio de nos enganarmos que quase não há cidadãs nem cidadãos búlgaros que não sejam membros desta ou daquela organização de massa, económica ou cultural.

A democracia popular realizou inteiramente o princípio da liberdade de consciência. Hoje todos os cidadãos búlgaros gozam plenamente da liberdade de culto e do direito de pertencerem a esta ou aquela comunidade religiosa.



A Frente da Pátria assegurou às minorias nacionais a absoluta igualdade de direitos. Contrariamente às afirmações difamatórias difundidas por determinados jornais turcos, a minoria turca na Bulgária goza de absoluta igualdade. Também tem a ilimitada liberdade de se instruir na sua língua materna e de consultar as fontes da sua cultura nacional.

É claro que na democracia popular conquistada à custa do sangue de vários milhares de valentes militantes contra o fascismo e de enormes sofrimentos de todo o povo búlgaro, não há nem pode haver lugar para uma «liberdade» que prejudicasse os interesses do povo búlgaro e que beneficiasse os seus inimigos. Não há nem pode haver entre nós liberdade para a clique monarco-capitalista, para os responsáveis pelas catástrofes nacionais, para os carrascos do povo, para os fascistas, para os conspiradores nem para os partidários de uma restauração política. Todos compreendem perfeitamente que se o lugar do bandido que ameaça com o seu revólver é na prisão, também não se pode deixar esse bandido mergulhar livremente a sua caneta no tinteiro para prejudicar o seu povo.

A Frente da Pátria criou e consolidou a nossa gloriosa milícia popular e a Segurança do Estado, guardas fiéis da ordem e da legalidade e das históricas conquistas de 9 de Setembro.

A Frente da Pátria depurou, democratizou, consolidou o nosso valoroso exército popular, caro ao coração do seu povo. No passado o exército não passava de um instrumento nas mãos da monarquia e da clique governante reaccionária fascista para oprimir o povo búlgaro, para defender interesses e finalidades estranhas ao povo. Hoje é o instrumento da paz, da liberdade e da independência do nosso povo. O nosso exército, os nossos valentes guardas fronteiriços são os guardas fiéis da liberdade da nossa pátria e velam contra qualquer tentativa de atentar contra a sua segurança e a sua integridade territorial.

A situação interna do nosso país está portanto consolidada. Estão criadas as condições indispensáveis para a ordem total, para a igualdade, para o trabalho tranquilo e criador.

## No domínio da economia nacional

É claro que o meu relatório não seria completo se não me detivesse também nos assuntos da nossa economia nacional, ainda que determinados dados e números detalhados possam parecer um pouco aborrecidos.

Depois do 9 de Setembro, apresentavam-se ao nosso país grandes tarefas económicas. Devíamos fazer face às necessidades da Guerra patriótica, eliminar, tão rapidamente quanto possível, as sequelas da guerra no domínio da economia nacional e enveredar resolutamente pela via de um desenvolvimento económico acelerado, assegurar a nossa independência nacional e o bem-estar do nosso povo. Para este fim, tínhamos de mobilizar, de modo planificado, todos os nossos recursos materiais, morais e de trabalho.

A elaboração e a adopção, na Primavera de 1947, do plano económico bienal do Estado constituem um grande acontecimento para o nosso próprio povo, imprime uma nova orientação ao nosso desenvolvimento económico. De ora avante, a planificação económica será aplicada de modo cada vez mais amplo e aprofundado na nossa economia nacional e contribuirá para a liquidação definitiva da anarquia e da ausência de sistema na produção e na distribuição. O sistema planificado tornou-se possível graças ao facto de a direcção do Estado estar nas mãos do povo e por o sector público — cooperativo e estatal —, se alargar cada vez mais sob o novo poder.

No plano económico apresentamos duas tarefas principais. A primeira é a de vencer as dificuldades herdadas do passado e liquidar as sequelas da guerra. A segunda — lançar as bases de uma industrialização acelerada no nosso país com vista ao desenvolvimento da nossa produção eléctrica, ao aumento da produção hulhífera, à mecanização da agricultura e ao desenvolvimento da criação de gado, ao melhoramento e alargamento do transporte, ao desenvolvimento e modernização dos teares, ao alargamento e intensificação do comércio interno e externo.

Como é notório, o nosso país acusa um grande atraso no domínio da indústria; apenas 8 por cento da nossa população activa está empenhada na produção industrial, quando quase todos os países da Europa Ocidental e até mesmo determinados países balcânicos nos ultrapassaram em muito sob este aspecto. Isto deve-se à política funesta, antinacional, dos antigos governantes burgueses, reaccionários e fascistas que tinham feito do nosso país um apêndice agrário dos imperialistas alemães e lhe preparavam o miserável destino de um país semicolonial. A classe capitalista búlgara não tinha nenhum cuidado com a edificação da indústria pesada. Interessava-se sobretudo pela indústria ligeira, porque dava lucros consideráveis e fáceis a curto prazo, e preferia sobretudo o comércio e a especulação como meios mais rápidos para se enriquecer.



Embora trabalhando em condições difíceis — a nefasta herança do passado, três anos de secas, dificuldades do comércio externo — registamos êxitos consideráveis no domínio da indústria. Em 1947, a produção industrial ultrapassou em 30,5 por cento do ano anterior à guerra — 1939, e em 16 por cento a de 1946. A produção hulhífera, em especial, acusa um aumento de 80 por cento em relação a 1939.

Em 1947 entrou em funcionamento o primeiro forno da gigantesca fábrica de cimentos «Vulkan», em Dimitrovgrado; o segundo entrará em funcionamento durante o ano em curso. Está em montagem em Dimitrovgrado uma fábrica de adubos azotados, cuja produção anual de 110 000 toneladas de adubos químicos virá infundir sangue novo à nossa agricultura. Esta fábrica também terá uma secção para a produção de ácido sulfúrico. A Bulgária assinou um contrato com a U. R. S. S. para a construção, durante o ano em curso, de uma fábrica de combustíveis líquidos obtidos a partir da destilação a seco das hulhas da mina «Tcherno more».

A nacionalização das empresas industriais e das minas é sem dúvida uma obra de primordial importância para a nossa política económica, pois imprimirá um poderoso impulso ao desenvolvimento da nossa indústria. Enquanto nos fins de 1946 o sector estatal e cooperativo da indústria fornecia 30 por cento da nossa produção industrial, hoje o sector estatal só por si fornece mais de 80 por cento. Deste modo o Estado popular apoderou-se de um dos mais importantes postos de comando da economia, que abre os mais largos

horizontes ao desenvolvimento industrial acelerado do nosso país.

A nacionalização, acolhida pelo nosso povo com entusiasmo, cria grandes possibilidades para o reagrupamento e racionalização das empresas industriais, para o aumento da produção, para a redução do preço de custo, para o melhoramento da qualidade. Os novos chefes das empresas industriais do Estado, os operários, os engenheiros e os técnicos trabalham já na formação de grandes fábricas reagrupando as empresas nacionalizadas, sobretudo no sector das construções mecânicas e da indústria química, ao mesmo tempo que se prossegue ainda mais rapidamente a construção de novas empresas industriais. O plano de 1948 prevê para esse fim fundos que se elevam a 8,3 mil milhões de leva.

A Direcção da prospecção geológica e mineira, recentemente criada, desenvolve uma vasta actividade no domínio da prospecção, sob todos os aspectos, do nosso subsolo, o qual, na opinião dos especialistas, encerra imensos recursos de importância vital para o desenvolvimento da nossa economia e o progresso do nosso país. Durante o ano em curso esta actividade será ainda mais reforçada.

Depois do 9 de Setembro também se dedicou uma grande atenção à electrificação que acusava, no passado, um fraquíssimo desenvolvimento, sem nenhum método, satisfazendo sobretudo os interesses comerciais dos capitalistas especuladores, búlgaros e estrangeiros. Temos melhorado de maneira notável o número de instalações existentes para a produção de electricidade e construído novas, facto que leva a um aumento considerável da produção de energia eléctrica para as necessidades da nossa economia e para o melhoramento das condições de vida. A produção de energia eléctrica passou de 313 000 000 de kW/h em 1944 para 488 000 000 kW/h em 1947. Estão em vias de construção uma série de centrais hidro e termoeléctricas e de barragens que, depois de acabadas, por volta de 1950-1951, triplicarão a capacidade da nossa produção de energia eléctrica. A rede telecondutora do transporte eléctrico aumenta cada vez mais. Desde o dia 9 de Setembro até agora foram providas de electricidade 300 aglomerações, e o plano económico prevê para o ano em curso a electrificação de mais 280.



No domínio da agricultura as superfícies cultivadas aumentaram de 4 300 000 ha em 1940 para 4 800 000 ha em 1947. Graças à reforma agrária foram distribuídos 125 200 ha a 127 000 famílias sem terras e cerca de 1200 ha de superfícies de pátio a 7863 famílias. Além disso, foram distribuídos 7100 ha de terras a 381 explorações sociais, estabelecimentos e institutos.

A criação das cooperativas agrícolas é uma das mais importantes iniciativas no domínio da agricultura. Cifram-se desde já em 579, com cerca de 50 000 membros, agricultores, e dispondo de 189 000 ha de terras. Apesar de todas as dificuldades durante os três anos de seca as cooperativas agrícolas consolidaram-se de maneira notável. Os agricultores conscientes já as consideram como a via mais apropriada para o desenvolvimento da nossa agricultura e o bem-estar da população rural.

Reforçámos a produção de máquinas agrícolas a fim de modernizar a nossa economia rural, e teremos assim, dentro em breve, a nossa própria indústria de construções mecânicas para a agricultura.

Já criámos 30 estações de serviço para máquinas e tractores, e o seu número aumentará para 70 durante o ano em curso para melhor secundar os trabalhos dos campos com máquinas agrícolas disponíveis e em especial o cultivo das terras, por meio de tractores que antes de 9 de Setembro só eram normalmente utilizados para a debulha. Estas estações dispõem da maior parte das máquinas agrícolas e serão as pioneiras no domínio da motocultura que aumentará os rendimentos e facilitará o trabalho dos produtores agrícolas.

Graças à construção de diques ao longo do Danúbio dezenas de milhares de hectares foram transformados, pela secagem das lagoas, em terras férteis de grande rendimento. Ao mesmo tempo realiza-se o plano de irrigação das terras com a edificação de grandes barragens, com a escavação, pelos sindicatos hidráulicos, de centenas de quilómetros de novos canais, com a construção de microbarragens e de estações de bombagem que utilizam as águas subterrâneas. Também sob este aspecto a Frente da Pátria empreendeu um grandioso esforço de construção à escala do nosso país, cujos resultados se farão sentir durante os próximos anos.

Centenas de milhares de hectares de terras serão irrigados e a sua produtividade triplicará.

Fizeram-se consideráveis esforços para melhorar o nível da nossa criação de gado. Foram já instaladas 922 quintas para a criação de gado e vários aparelhos incubadores regionais. Organizou-se o armazenamento de forragens verdes e a engorda dos animais para o matadouro.

Quero aproveitar a ocasião que se oferece para exprimir perante o Congresso da Frente da Pátria o nosso grande reconhecimento aos laboriosos camponeses e camponesas que trabalharam sem descanso durante as sementeiras do Outono, realizadas a 101 por cento e que cumprem com prontidão as suas distribuições de víveres e outros produtos agrícolas. Não duvido que cumprirão com o mesmo entusiasmo e a mesma consciência cívica o plano das sementeiras da Primavera para assegurar o pão diário das suas famílias e de todo o povo.

Antes de 9 de Setembro de 1944 a arborização realizava-se a uma média de 5000 ha anuais; o ano passado foram arborizados 15 500 ha. O plano de arborização prevê 20 000 ha para o ano em curso. O plano de 1948 apresenta a grande tarefa nacional de terminar a arborização do país num prazo de 10 anos. Antes de 9 de Setembro construía-se entre nós uma média de 100 a 120 km anuais de caminhos florestais, enquanto que no ano passado essa cifra atingiu os 335 km e o plano prevê 350 km para o ano em curso.

Também se registaram consideráveis êxitos do domínio dos transportes. Enquanto depois da Primeira Guerra Mundial só se construíram 51 km de vias férreas, actualmente, apenas em 3 anos, construímos 156 km.

O parque de material rolante bem como a organização da sua exploração registam um notável melhoramento. Daqui resulta um importante crescimento do tráfego ferroviário. O transporte de passageiros passou de 16 milhões em 1940 para 38 700 000 em 1947. Em 1947 o transporte de mercadorias revela um aumento de 119 por cento em relação a 1940.

Foram dados os primeiros passos essenciais no domínio do alargamento e melhoramento do transporte aéreo, fluvial e marítimo. No domínio do comércio interno ocorreram várias iniciativas que vêm facilitar as trocas internas de mercadorias. Apesar da situação difícil em que a nossa economia se encontrava após o 9 de Setembro, devido à pilhagem dos alemães bem como aos três anos consecutivos de secas, as trocas internas de mercadorias foram intensificadas, embora ainda haja várias lacunas no abastecimento da população que devem ser ousadamente liquidadas. No domínio do comércio interno e do abastecimento cabia, e caberá também no futuro, um papel muito importante às cooperativas cuja organização melhora cada vez mais. Devemos desejar-lhes que realizem mais rápida e completamente esse melhoramento para poderem desempenhar as suas funções primordiais.



Em consequência das importantes reformas ocorridas na organização do comércio interno, criaram-se grandes empresas, mistas ou de Estado, nos vários ramos, o comércio a grosso passou para as mãos do Estado, abriram-se armazéns populares e comunais para o comércio de artigos de primeira necessidade.

A consolidação do sector público no domínio do comércio também contribui para um melhor abastecimento da população, facilita a luta contra a especulação e o mercado negro e permite utilizar os benefícios da actividade comercial para a construção de novas empresas industriais e outras.

Antes do 9 de Setembro de 1944 o comércio externo da Bulgária efectuava-se em benefício exclusivo das grandes firmas privadas no nosso país e do imperialismo alemão. Executando directivas das grandes casas importadoras e exportadoras, os governantes reaccionários e fascistas búlgaros orientavam o nosso comércio externo sobretudo para a Alemanha, ocasionando deste modo enormes perdas para o povo búlgaro.

O 9 de Setembro de 1944 veio encontrar a Bulgária totalmente isolada do ponto de vista económico. O governo dedicou-se, sem demora, ao restabelecimento das nossas relações comerciais com o estrangeiro. Antes de mais e em primeiro lugar conseguiu concluir um acordo comercial com o governo soviético. A União Soviética prestou-nos um inestimável auxílio económico para o restabelecimento da nossa economia nacional. Forneceu-nos grande número de máquinas e grande quantidade de matérias-primas de base para a nossa indústria, e deu-nos o seu auxílio para o abastecimento da população e para a alimentação do gado fornecendo-nos 130 000 toneladas de cereal e forragens e 30 000 toneladas de feno. Nos

primeiros meses do ano em curso fornecer-nos-á 75 000 toneladas de trigo. Além disso, a União Soviética concedeu-nos créditos em mercadorias por um montante de 5 milhões de dólares. Também nos auxiliou nos nossos esforços pela industrialização do país, tendo consentido em construir em Dimitrovgrado, contra pagamentos a longo prazo, um combinado industrial químico dotado de uma central eléctrica, bem como a fábrica de combustíveis líquidos perto de Burgas.

Também assinámos acordos comerciais com a Checoslováquia, a Polónia, a Jugoslávia, a Roménia, a Hungria, a Áustria, a Suíça, a França, a Bélgica, a Holanda, a Dinamarca, a Alemanha, a Finlândia, a Itália e a Suécia.

Organizaram-se centrais especiais de importação e de exportação — mistas e de Estado — para superintenderem o comércio externo búlgaro, de importação e de exportação, no seu conjunto. Deste modo o comércio externo, que se tinha tornado no passado um meio de espoliação do povo búlgaro, transformou-se em importante factor para a edificação global da nossa economia.

Os monopólios de Estado do tabaco e dos licores espirituosos puseram fim à exploração descarada de que os produtores búlgaros eram objecto por parte do grande capital espoliador e deu ao povo búlgaro a possibilidade de se tornar senhor do fruto do seu trabalho.

Apesar das más colheitas e de outras condições desfavoráveis, graças à firme política de retenção e regulação dos preços, conseguimos preservar o nosso país dos delitos da inflação e o mercado interno da desorganização bem como evitar a degradação do nível de vida das largas massas trabalhadoras.

Como sabem, foi decidido um empréstimo interno — o Empréstimo da liberdade —; 23,5 mil milhões de leva tinham sido colectados e entregues em fins de Novembro de 1947. Este empréstimo e a conversão das notas do banco contribuíram para a actual estabilização das nossas finanças.

A Frente da Pátria prossegue numa nova política fiscal completamente diferente da dos governos reaccionários e monárquicos do passado. A imposição baseia-se agora numa maior equidade, os encargos foram transferidos para as pessoas abastadas, sendo os pequenos ou não-proprietários inteira



ou consideravelmente libertos destes. Isto diz respeito tanto ao imposto progressivo sobre os rendimentos como aos outros encargos fiscais.

Tentaram intimidar-nos assegurando que essa política levaria a uma catástrofe, que o povo búlgaro perderia toda a confiança nas instituições financeiras. Os factos provaram o contrário: os depósitos na Caixa de depósitos, o Banco agrícola e cooperativo da Bulgária e outras instituições aumentaram consideravelmente — de 19 a 63 mil milhões em 1945 e 118 mil milhões de leva em 1947.

Graças a tudo isto pudemos investir na economia nacional novos fundos que se elevavam a 34 mil milhões de leva e que se referiam apenas a 1947.

Com a nacionalização dos bancos, o povo búlgaro pôde eliminar do sistema bancário os últimos bancos parasitas privados; deste modo, o Estado tornava-se, de ora avante, o único regulador do crédito financeiro no País.

O Instituto de seguros do Estado, criado pela nacionalização das companhias de seguros búlgaras e estrangeiras que funcionavam anteriormente na Bulgária, libertou o povo búlgaro de uma feroz espoliação alargando e tornando mais acessível o seguro em geral. Os fundos de mais de 3 mil milhões de leva detidos por estas companhias foram a partir de então postos à disposição da nossa economia nacional. Estes fundos vão em aumento e atingirão dentro em breve o montante de 10 mil milhões de leva.

Enquanto no passado os trabalhadores eram obrigados a trabalhar para o Estado fascista, hoje, senhores do seu país, por muito que a sua situação deixe a desejar, edificam a nossa economia com um ardor no trabalho sem precedentes e com a certeza absoluta de que é a única via que lhes permitirá melhorar, segura e constantemente, as suas condições de vida.

Depois do 9 de Setembro a emulação e o trabalho de choque apareceram entre nós como novos movimentos do trabalho até agora desconhecidos na nossa história. Centenas de milhares de trabalhadores aderiram a esses movimentos de massa, e como patriotas conscientes, dão o exemplo do trabalho pela Pátria. Podemos dizer que a emulação já se

torna um método constante e dos mais fecundos na frente do trabalho.

Os inovadores e os racionalizadores, por seu turno, procuram facilitar o trabalho aumentando simultaneamente os seus resultados nos vários ramos da produção.

As jovens brigadas de trabalho, em número de 86 000, que trabalham na linha de caminho de ferro Pernik-Voluiak, na garganta de Haïnboaz em Dimitrovgrado, que trabalham na construção de barragens, da rede telecondutora e noutras obras nacionais, efectuaram um enorme trabalho que se cifra em 1 134 000 000 de leva. Os efectivos do serviço para-militar que participaram nos trabalhos de construção de diques, estradas, vias férreas, barragens, centrais eléctricas e outros empreendimentos importantes, efectuaram um trabalho não menos considerável.

O facto de os próprios padres da Igreja ortodoxa terem participado no movimento das brigadas de trabalho voluntário, testemunha o carácter nacional deste último. Além disso, neste movimento também participavam os jovens das minorias nacionais e em especial a juventude turca.

Paralelamente a este movimento apareceu e desenvolveu-se no nosso país uma outra actividade exemplar — a das brigadas culturais de trabalho que a cidade e a aldeia se enviam mutuamente. Estas brigadas efectuam trabalhos económicos tão grandes como úteis. Forneceram, no espaço de 3 anos, mais de 10 milhões de dias de trabalho, cujo rendimento global é avaliado em mais de 3 mil milhões de leva. Elas desempenham um papel inestimável para o estreitamento das relações entre os trabalhadores das cidades e dos campos.

Do alto desta tribuna saúdo cordialmente os heróis da nossa jovem obra de construção: os jovens de ambos os sexos das brigadas de trabalho, os efectivos dos operários da construção do serviço para-militar de trabalho, engenheiros e técnicos que não poupam nem os seus esforços nem as suas forças para a edificação da nossa República popular.

Assim, como resultado da política económica prosseguida pela Frente da Pátria, pode-se constatar uma real animação na vida económica, apesar dos três anos de seca e de outras condições desfavoráveis. É claro que as dificuldades continuam a ser muitas. Mas hoje todo o nosso povo — operários,



camponeses, artesãos, intelectuais, todos os jovens e adultos — procuram, num nobre impulso de todas as suas forças vencer as dificuldades, cumprir as grandes tarefas fixadas pelo plano económico para o ano de 1948 em curso, realizar novas estruturas económicas, dar novos passos decisivos na via da prosperidade nacional.

## No domínio da instrução pública e da cultura

A Frente da Pátria também registou êxitos incontestáveis no domínio da instrução e da cultura.

O derrube da ditadura fascista intensificou em maior escala a sede de conhecimentos, de instrução, de cultura do povo. Para responder a esta necessidade, a Frente da Pátria abriu de par em par os estabelecimentos escolares aos filhos e filhas dos trabalhadores concedendo-lhes simultaneamente facilidades e um considerável auxílio material.

Depois do 9 de Setembro de 1944 o número dos estabelecimentos escolares no país aumentou consideravelmente, assim como o dos estudantes, e em especial dos estudantes das escolas superiores. Foi realizada uma reforma radical do ensino para todos os graus, tendo como objectivo assentar a instrução pública no nosso país nos princípios científicos, progressistas, de utilidade nacional.

O desenvolvimento da nossa economia exige especialmente muitos quadros técnicos qualificados e dedicados à Pátria. Por isso a Frente da Pátria dedica uma grande atenção ao desenvolvimento da formação profissional, à formação de operários — especialistas, contra-mestres e dirigentes técnicos de empresas —, saídos dos próprios meios trabalhadores.

A Frente da Pátria despende grandes esforços para a elevação do nível material e cultural do corpo docente para que este possa cumprir com êxito o seu papel extremamente importante.

As nossas Escolas superiores modificam o seu aspecto e o carácter da sua actividade. Também a Academia das Ciências búlgara reorganiza as suas actividades. Foi sucessivamente instaurada a direcção planificadora da investigação científica.

Depois do 9 de Setembro o desenvolvimento cultural no nosso país adquiriu um grande impulso: foram fundados novos teatros municipais, Centros de cultura e outros. Muitas aldeias têm o seu teatro de artistas amadores. Depois do 9 de Setembro fundaram-se no país 7 novas orquestras sinfónicas, centenas de grupos corais amadores e de orquestras de instrumentos de corda, cerca de 4000 conjuntos de artistas amadores englobando mais de 200 000 operários e camponeses jovens, adultos e estudantes. Estes meios já fizeram sobressair talentos notáveis. Existem, além disso, milhares de círculos autodidactas e cursos de qualificação técnica.

Também a literatura se transforma para poder reflectir de modo verídico e artístico a nossa nova realidade e servir de factor importante para a educação patriótica e democrática do povo, mobilizar e orientar no sentido pretendido o seu impulso criador.

A Frente da Pátria conseguiu reunir sob a sua bandeira a grande maioria dos intelectuais, inspirando-os para um trabalho dedicado ao Estado popular, para o seu progresso sob todos os aspectos.

O facto incontestável de todos os intelectuais búlgaros verdadeiramente dotados e capazes de criação tomarem parte activa na edificação da nossa República popular ou então contribuírem, de acordo com as suas forças e possibilidades, para essa edificação, constitui uma das melhores provas do carácter verdadeiramente popular e democrático do governo da Frente da Pátria. Quem poderia negar o facto evidente de que não se pode encontrar entre nós um único representante da ciência e das artes, com valor, que se tenha mantido à margem da grande obra criadora da Frente da Pátria?

Acaso há nas fileiras da oposição reaccionária, esmagada e detestada pelo povo, representantes da ciência ou da arte dotados e com valor? Nem um único! Nem um único!

E também queria exprimir desta tribuna o reconhecimento sincero do povo para com os trabalhadores do domínio da instrução pública e da cultura, dedicados à pátria, e em especial aos milhares de professores e professoras, activistas dos Centros de cultura, agrónomos, médicos, parteiras, pessoal sanitário auxiliar, que trabalham nos campos e nas regiões operárias do nosso país. Que este reconhecimento



popular os possa encorajar para que desenvolvam ainda com mais zelo todas as suas capacidades e forças criadoras ao serviço do povo e da Pátria.

Podemos afirmar com conhecimento de causa que nenhum governo tinha desenvolvido até aqui esforços tão consideráveis sob todos os aspectos para a elevação do nível cultural do nosso povo. Mas é preciso reconhecer sinceramente que ainda estamos no início do nosso grande e importante esforço, no domínio do ensino e da cultura, pela educação do povo búlgaro, da geração futura e pelo desenvolvimento cultural do nosso país.

## No domínio da política social e sanitária

Desenvolver os maiores esforços por melhorar, na medida do possível, as condições de trabalho e de vida dos trabalhadores, foi e será sempre uma das grandes tarefas da Frente da Pátria.

A construção intensiva absorve forças produtoras cada vez mais numerosas. A direcção planificada da nossa economia tornou possível a liquidação definitiva do desemprego no nosso país. O grande desenvolvimento de emulação e de trabalho de choque, o aumento da produtividade do trabalho, o novo sistema de remuneração do trabalho segundo a qualidade e a quantidade, bem como uma série de medidas sociais, contribuem para o melhoramento da situação dos trabalhadores.

Foram tomadas vastas medidas para os cuidados com a saúde e o tratamento dos trabalhadores. Instalaram-se novos hospitais e policlínicas para os operários, formaram-se grupos especiais de médicos que dispensam uma assistência médica qualificada. Foram criadas bases sólidas para o tratamento balnear dos trabalhadores.

Várias cidades operárias empreenderam a construção de habitações operárias, algumas das quais já foram terminadas e distribuídas pelos trabalhadores.

O princípio: a trabalho igual — salário igual, é aplicado. As cantinas instaladas em quase todas as empresas e administrações constituem uma grande aquisição para os operários

e empregados. Os órfãos cujos pais caíram no movimento dos guerrilheiros e na Grande Guerra são objecto de cuidados especiais.

O número de agricultores que beneficiam de uma reforma passou de 123 000 para 582 000. Também foram concedidas reformas às camponesas trabalhadoras e aos agricultores das minorias nacionais.

Paralelamente aumentou-se o montante das pensões pessoais e hereditárias de acidentes, de invalidez e de velhice. É evidente que tudo isto foi realizado na medida das nossas possibilidades ainda limitadas.

Foram tomadas várias iniciativas importantes no domínio da saúde pública. O número de policlínicas, sanatórios e dispensários duplicou. Foram montadas casas de repouso nas estações de altitude e balneares. Tiveram-se cuidados especiais com a criação e montagem de hospitais e de preventórios para tuberculosos. A Frente da Pátria organizou e estendeu consideravelmente a rede dos serviços sanitários rurais. Os nossos campos dispõem hoje de 1075 serviços de saúde e de 75 postos sanitários servidos por um pessoal médico de 3020 trabalhadores. A rede dos estabelecimentos de saúde, cujo número se eleva a 313, mais outros 150 em construção, aumenta constantemente.

Paralelamente tiveram-se os maiores cuidados com a formação de quadros médicos.

Até 9 de Setembro de 1944 só havia na Bulgária 25 maternidades. Graças ao esforço constante da Frente da Pátria para a construção e montagem de maternidades, o número destas eleva-se hoje a 284.

O número de creches e de infantários diários e semanais aumenta constantemente. A rede de infantários diurnos e por trimestre também se estendeu. Criaram-se pensionatos para crianças de famílias pobres, assim como órfãos e crianças atrasadas.

Os cuidados com os filhos do nosso povo e com a sua educação, bem como os cuidados com a maternidade devem tornar-se uma tarefa de toda a nação, pois a mortalidade infantil ainda é elevada no nosso país.



## V. *AS TAREFAS FUNDAMENTAIS DA FRENTE DA PÁTRIA*

Camaradas!

As tarefas apresentadas em 1942 pelo programa da Frente da Pátria já estão, na sua maior parte, realizadas. Cabe agora à Frente da Pátria renovar o seu programa e empreender a a resolução de novas tarefas de acordo com as necessidades vitais da população e com as exigências do desenvolvimento progressista do país.

Estas tarefas fundamentais são formuladas no projecto de programa submetido ao Congresso. Mas depois de tudo o que até agora foi dito, quase nem é necessário deter-me sobre ele. Mencionarei apenas em que é que consistem essas tarefas. Consistem, resumidamente, em:

*Primeiro,* educar as massas populares e os jovens no espírito da constituição nacional, fazendo-lhes tomar consciência e reforçando neles o sentimento da sua própria força e do seu papel enquanto senhores do seu destino; difundir a educação política por entre as massas populares, para que os cidadãos e cidadãs da República Popular da Bulgária possam participar activamente no governo do país, exerçam os seus direitos e cumpram conscientemente as suas obrigações; inspirar ao povo o sentido da dignidade nacional e do dever patriótico e a vontade de defender com todas as forças os interesses nacionais de Estado.

*Segundo,* contribuir por todos os meios para o desenvolvimento integral das forças produtivas, tanto na indústria como na agricultura; industrializar e electrificar o país de modo a elevar ao máximo a sua força económica, fazendo dele um país moderno industrial e agrícola provido de uma indústria e de uma exploração mineira desenvolvidas, da mais vasta aplicação da energia eléctrica e da irrigação, de um transporte moderno desenvolvido e de uma agricultura mecanizada; desenvolver e alargar cada vez mais o sector do Estado, isto é, o sector público da economia, e criar em todo o país uma rede de cooperativas de produção agrícola e artesanal viáveis, concedendo simultaneamente auxílio e protecção sob todos os aspectos aos produtores agrícolas, aos artesãos individuais e aos outros trabalhadores da econo-

mia; melhorar a situação material e cultural bem como as condições de vida do povo nas cidades e nas aldeias com base no desenvolvimento económico ininterrupto do país e no aumento da produtividade do trabalho.

*Terceiro,* aumentar a força nacional defensiva do país preparando o povo, sob todos os aspectos, para defender até ao fim a sua liberdade e a sua independência contra qualquer atentado estrangeiro.

*Quarto,* assegurar a orientação de uma política nacional externa consequente que se inspire nos princípios de uma paz duradoura e democrática, e numa amizade sincera e indestrutível com a União Soviética — pedra angular dessa política —; assegurar também o prosseguimento de uma política de fraternidade e de unidade com os povos da Jugoslávia e de cooperação com todos os povos vizinhos e longínquos, amigos da liberdade, com base na igualdade e no respeito pela independência nacional, assim como a consolidação, sob todos os aspectos, do sistema dos tratados de aliança, de amizade, de cooperação e de auxílio mútuo com os países eslavos e com outros países democráticos não eslavos para a defesa comum contra a agressão imperialista e pelo progresso económico.

A realização de todas estas tarefas significará a liquidação das sequelas do sistema de exploração capitalista e o estabelecimento dos fundamentos do regime socialista no nosso país.

## VI. *ORGANIZAÇÃO DA FRENTE DA PÁTRIA*

Estas tarefas e a sua realização necessitam de uma reorganização da própria Frente da Pátria. A Frente da Pátria nunca foi uma simples coligação de partidos, um acordo dos dirigentes dos vários partidos com vista a objectivos e a tarefas provisórios, ou ainda para utilizar o poder, como no passado, em benefício dos seus próprios interesses, projectos e intuitos. É, desde o início, um movimento popular. Mas no passado havia, por necessidade, no seio dos seus comités dirigentes, elementos de coligação de partido, dos quais se libertou sucessivamente à medida que se foi



desenvolvendo. A Frente da Pátria não tinha até agora uma organização própria nem uma disciplina obrigatória para todos os partidos e organizações sociais que o constituem, ou seja, órgãos elegíveis de direcção. Quantos inconvenientes, dissabores e atrasos na realização das nossas tarefas comuns provêm, até agora, desta situação.

No entanto, a realização das tarefas, formuladas no projecto de programa, é impensável sem a máxima união e coesão das forças populares, sem uma melhor tomada de consciência e actividade dos cidadãos e cidadãs da República Popular, sem uma direcção unitária e competente da crescente actividade dos trabalhadores nas cidades e nas aldeias. Por isso se impõe proceder à reorganização da Frente da Pátria numa organização social e política unitária do povo, com uma disciplina obrigatória para os seus membros, com um programa unitário e comités directivos electivos.

O projecto de estatutos proposto ao II Congresso da Frente da Pátria contém os princípios fundamentais de organização dessa organização social e política unitária do povo.

O centralismo democrático é o princípio fundamental da nova organização da Frente da Pátria. Isso significa: elegibilidade de todos os órgãos de direcção de Frente da Pátria, da cúpula à base, sendo estes obrigados a prestar contas da sua direcção perante as respectivas organizações; subordinação dos órgãos de direcção inferiores aos superiores; subordinação da minoria à maioria; obrigação, por parte de todos os membros da organização, de respeitar as decisões dos órgãos de direcção; largo desenvolvimento da crítica e da autocrítica construtivas e criadoras que se devem tornar e se tornarão, cada vez mais, nas nossas condições, uma das principais forças motrizes do desenvolvimento social. Isso significa que a Frente da Pátria disporá de uma sólida organização da cúpula às bases, apta a assegurar a direcção do nosso povo na sua obra construtiva.

Como resulta do projecto de estatuto, podem aderir às organizações da Frente da Pátria todos os cidadãos, sem distinção de filiação política, de nacionalidade, de religião ou de situação social, na condição de adoptarem o estatuto e o programa da Frente da Pátria, de se submeterem à sua disciplina, de participarem na actividade de uma das suas

organizações e de pagarem as suas quotizações. Só não podem ser membros da Frente da Pátria aqueles que, directa ou indirectamente, estão ao serviço da reacção, que participaram nas perseguições e nos massacres de combatentes populares antifascistas ou então foram inspiradores ou agentes activos da tirania fascista. Deste modo a Frente da Pátria torna-se uma verdadeira organização de todo o povo, que abre as suas portas a todos os cidadãos e cidadãs búlgaros honestos, dispostos a trabalhar pelo bem-estar da nossa pátria, pelo seu desenvolvimento político, social, económico e cultural, sob todos os aspectos. Isso significa que os cidadãos e cidadãs sem partido têm toda a possibilidade de aderir à Frente da Pátria, de adquirir uma formação política com vista à sua participação cada vez mais activa na gestão do Estado, sem que seja absolutamente necessário pertencer a este ou aquele partido político.

É conveniente salientar aqui que a transformação da Frente da Pátria em organização social e política unitária do povo dá a possibilidade a todos os nossos concidadãos búlgaros que no passado se tinham deixado enganar pela demagogia dos chefes da oposição e se dão agora conta do seu erro passageiro, de aderirem à Frente da Pátria e de, ao adoptarem o seu programa e o seu estatuto, trabalharem para a prosperidade e para o progresso da sua pátria. É claro que a Frente da Pátria será extremamente vigilante em relação aos elementos que nela entrem com segundas intenções e que tentem aproveitar-se da sua filiação na Frente da Pátria com fins subversivos e antinacionais.

A reorganização da Frente da Pátria numa organização social e política unitária do povo não exclui a existência e a actividade dos vários partidos que entram na sua composição. É um erro perigoso pensar que já chegou, entre nós, o momento de liquidar os vários partidos da Frente da Pátria e que estes últimos já não têm nenhum papel a desempenhar. A existência dos vários partidos da Frente da Pátria até se justifica no seio da organização social e política unitária do povo. Terão como tarefa trabalhar energicamente para atrair para a Frente da Pátria ainda mais elementos provenientes dos meios em que têm influência e relações. Deste modo os vários partidos contribuirão para a consolidação da



Frente da Pátria, para uma pronta realização da total unidade moral e política do povo — garantia essencial de todos os nossos êxitos futuros. O novo elemento, para todos os partidos da Frente da Pátria, que provém da sua reorganização consiste na obrigação de desenvolverem a sua actividade no âmbito do programa da Frente da Pátria e em se submeterem à disciplina obrigatória prevista no estatuto.

É esta a via que nos conduzirá um dia à criação de um partido político unitário do nosso povo, o que, sem dúvida, sucederá para o bem da República popular.

O desenvolvimento social progressista do nosso país não tende a regressar à existência de numerosos partidos e conciliábulos, mas sim à liquidação de todas as sequelas do sistema capitalista explorador, facto que levará a criação de um partido político unitário do povo que assuma a direcção do Estado e da sociedade.

O nosso povo, que tirou bastantes ensinamentos da amarga experiência do passado, não permitirá que a direcção do Estado e da sociedade se assemelhe à águia, ao caranguejo e à solha da fábula do grande escritor russo Krilov, que se atrelaram todos a uma carroça para a fazerem sair do trilho, mas, como a águia puxava lá no alto, o caranguejo puxava para trás e a solha puxava em baixo, não conseguiram tirá-la da lama.

Temos, contudo, de continuar a trabalhar esforçadamente para a constituição de um partido político unitário do nosso povo. Ainda temos de realizar uma série de reformas radicais para liquidar definitivamente o sistema explorador capitalista e a presença de classes antagónicas. Teremos de realizar um grande trabalho de reeducação. Isso será feito sobretudo pela Frente da Pátria, enquanto organização social e política unitária que o nosso Congresso é chamado a criar.

Há pessoas desonestas que chamam a isso totalitarismo, ditadura de um só partido. O fascismo é sobretudo um sistema totalitário, mas como se sabe é imposto do alto pelo terror e pela violência exercida sobre o povo, e a sua própria essência consistia no domínio e na ditadura descarada de um punhado de grandes capitalistas, magnates da finança, especuladores e aventureiros políticos, sobre a grande maioria do povo para o espoliar e subjugar.

A Frente da Pátria não tem nada a ver com semelhante sistema. É a união das forças populares, criada pelo próprio povo e no seu próprio interesse. Os partidos que aderiram à Frente da Pátria são cinco. Juntamente com o partido dirigente — o Partido Comunista —, participam na Frente da Pátria quatro outros partidos que romperam com o passado burguês e com o sistema explorador capitalista, adoptaram os princípios progressistas da Frente da Pátria, e se deram as mãos para o bem do povo e do País. Ao cumprirem a vontade do povo, comprometem-se a uma disciplina política comum e a um programa comum de unidade nacional de trabalho criador, de prosperidade nacional, de paz duradoura e de edificação de um regime social equitativo em que todos os trabalhadores gozarão do bem-estar que merecem. É claro que isso não é de modo algum totalitarismo, mas sim uma direcção política unitária de República popular pela paz, pela democracia e pelo progresso.

A reacção no nosso país e a conjura paga pelos imperialistas desejariam que essa direcção política unitária do povo não existisse. Estão interessados em que as forças populares estejam desunidas. A sua divisa é «dividir para reinar»!

No entanto, os nossos antigos partidos burgueses foram para sempre repelidos pelo povo. A sua existência não tem nem pode ter nenhuma justificação. Nas condições da nossa nova estrutura social não só se tornaram inúteis como prejudiciais, pois são um antro de reacção interna e internacional.

A Frente da Pátria é chamada a governar o nosso país. Ela, e só ela, o governará de acordo com a vontade do povo, e só com esta. É claro que os inimigos da República popular desejariam que existisse entre nós uma quinta coluna, desejariam poder ter no país os seus antros conspiradores para minar os fundamentos da nossa democracia. Mas o povo, que tomou o seu destino nas próprias mãos e decidiu firmemente mantê-lo a todo o custo, não pode permitir nem permitirá a existência no seu país de uma quinta coluna, nem de centros conspiradores búlgaros ao serviço dos imperialistas estrangeiros, nem tão-pouco de cúmplices dos consórcios e dos cartéis capitalistas.

Exprimo a minha firme convicção de que todos os partidos da Frente da Pátria, que depois do Congresso introduzirão as reformas que se impõem em toda a sua organização e actividade, bem como todas as organizações de massa da Frente da Pátria e todas as forças patrióticas sãs do nosso povo não se pouparão a esforços para, em comum, fazerem da Frente da Pátria um rochedo de granito que nenhuma tempestade poderá atingir, um exército popular, social e político unido, fortalecido pelos vários milhões de membros, fiel, disciplinado e vitorioso.



## VII. *CONCLUSÃO*

O meu relatório está a chegar ao fim. Quero terminar com as seguintes conclusões:

Analisando de um modo atento e crítico o caminho árduo e abrupto percorrido pelo nosso povo sob a direcção da Frente da Pátria, podemos afirmar francamente que já ultrapassámos a etapa mais dura. É escusado dizer que também no futuro enfrentaremos muitas dificuldades. Mas são as dificuldades inevitáveis do nosso crescimento, do nosso desenvolvimento enquanto povo e República popular. Contudo, encontramo-nos hoje perante condições e possibilidades que nos permitem vencer ainda com mais êxito as dificuldades futuras.

Para isso temos de eliminar resolutamente as irregularidades e as fraquezas existentes, corrigir a tempo os erros cometidos, marcar com ferro em brasa a ignorância, bem como a corrupção, a ociosidade, a burocracia, o desperdício dos recursos e bens públicos, outras tantas taras herdadas do capitalismo, extirpar as sobrevivências e os hábitos podres do capitalismo que entravam a edificação da República popular. Teremos de trabalhar com mais zelo do que até agora para criar e construir, para aumentar e melhorar a produção, para elevar o trabalho heróico e útil ao povo a um nível sem precedentes e sobretudo para aprender constantemente a servir melhor o povo e a Pátria.

Um povo que tomou resolutamente entre mãos o seu destino e que está firmemente decidido a viver livre, a defender com todas as suas forças os seus direitos a uma vida independente, e a avançar na via da democracia popular para o bem-estar e para um futuro melhor; um povo que

crê profundamente nas suas próprias forças e que reforça constantemente a sua unidade de combate, não recuará perante as maiores dificuldades e saberá suportar os esforços, as privações e os sacrifícios, por mais duros que estes sejam.

Perante o nosso povo, que tão cruelmente sofreu no passado por causa dos opressores búlgaros e estrangeiros, abrem-se actualmente perspectivas luminosas como nunca até hoje teve ao longo da sua história.

Em consequência da transformação da Frente da Pátria numa organização social e política única, popular e poderosa, o povo búlgaro poderá avançar mais firmemente para o triunfo definitivo da sua grande causa apesar das dificuldades e dos obstáculos de toda a espécie.

A tarefa do nosso povo é consideravelmente facilitada pelo facto deste se inspirar e estar a aproveitar o exemplo dos povos da U. R. S. S. irmã que, apesar das enormes dificuldades e dos inúmeros sacrifícios, construíram, sob a direcção do grande Partido Bolchevique, a nova sociedade socialista e avançam resolutamente para a realização do comunismo.

É verdade que o nosso povo tem inimigos, mas não está sozinho. Tem sempre amigos, grandes e pequenos, fiéis e desinteressados. Firmemente unido na sua Frente da Pátria, saberá conduzir a bom porto, através dos escolhos, o navio do seu Estado popular.

Viva a inabalável e invencível Frente da Pátria!

Que viva, se consolide e prospere a República Popular da Bulgária, elemento sólido da paz e da fraternidade entre os povos amantes da liberdade contra a agressão imperialista e os fomentadores de novas guerras!

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo*, n.º 26, de 3 de Fevereiro de 1948.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIII. Edições do P. C. B., 1955, pp. 447-508.



# DISCURSO DE ENCERRAMENTO DO II CONGRESSO DA FRENTE DA PÁTRIA

## (3 de Fevereiro de 1948)

Camaradas!

A eleição do Conselho Nacional da Frente da Pátria, como órgão central desta, encerra os trabalhos do nosso congresso, que, até agora, foi por mais de uma vez considerado um congresso histórico. Há casos em que se abusa mais ou menos da palavra «histórico» — «obra histórica», «discurso histórico», «livro histórico» — «obra histórica», «histórico» — sem que no fundo, haja algo de histórico. Mas no que diz respeito ao II Congresso da Frente da Pátria, pode-se afirmar, tanto entre nós como no estrangeiro, que acaba de ser realizada uma obra realmente histórica.

Este Congresso vai ficar na história do nosso povo e do nosso país como uma etapa extremamente importante do seu desenvolvimento na via de um futuro feliz.

Acabamos de eleger o órgão central da Frente da Pátria. Quem foi eleito pelo nosso Congresso, e segundo que princípios foi eleito o órgão central dirigente da Frente da Pátria?

O presidente do Congresso apresentava cada um dos candidatos. O Congresso examinava cada uma das candidaturas e votava para cada membro separadamente, do presidente ao último membro do Conselho Nacional não segundo a sua filiação a este ou àquele partido político, comunista, agrário, social-democrata, membro do «Zveno» ou membro do Partido radical mas como um camarada, um membro da Frente da Pátria. O Congresso elegeu um Conselho Nacional composto de companheiros de armas, de companheiros de trabalho e de

luta, camaradas na luta pela liberdade e pela felicidade do nosso país, grandes e pequenos militantes do povo, decididos a avançar de mãos dadas, apesar de alguns vestígios de antigos desentendimentos e mal-entendidos, para a realização do programa adoptado pelo Congresso — um programa cuja realização deve transformar e transformará a República Popular da Bulgária num país florescente, forte de espírito, forte na sua base económica e cultural, forte em relação aos seus maldosos inimigos do estrangeiro. O Congresso recusou mesmo um dos candidatos propostos pela comissão. São raros os casos em que se organizam eleições de modo tão sério, razoável e de pleno acordo, como nós elegemos hoje o Conselho Nacional da Frente da Pátria.

Isto, camaradas, constitui a primeira manifestação, uma séria manifestação da vontade firme do nosso povo de liquidar definitivamente tudo o que ainda restava de elementos de coligação de partidos na nossa Frente da Pátria. É uma prova de que os delegados da Frente da Pátria, os representantes do nosso povo nesta sala, estão firmemente decididos, quando voltarem aos seus postos, a trabalhar pela realização das decisões do nosso Congresso, e que se dedicarão a liquidar definitivamente no local de trabalho, esses elementos podres que entravam a actividade da Frente da Pátria. É preciso agir localmente da mesma maneira como se agiu aqui no próprio Congresso para constituir a organização da Frente da Pátria, para eleger as suas direcções locais.

Adoptávamos os estatutos da Frente da Pátria que criam o Conselho Nacional da Frente da Pátria em vez do Comité Nacional que tinha funcionado até agora. Todos nós compreendemos perfeitamente que não é uma simples modificação do nome de «Comité Nacional» em «Conselho Nacional». Há uma diferença profunda e essencial entre estes nomes. Fazemos da Frente da Pátria uma organização a que chamamos Organização Política e Social Única.

O Conselho Nacional da Frente da Pátria terá de desempenhar um papel e cumprir tarefas superiores, muito mais importantes e complexas do que as do Comité Nacional. Toda a actividade da Frente da Pátria será reorganizada. Estou persuadido de que o Conselho Nacional da Frente da Pátria que acabamos de eleger e todos os seus membros se lançarão



ao trabalho para constituir no mais breve espaço de tempo essa nova organização política e social única da frente da Pátria a nível local, para que haja em todas as localidades do país órgãos competentes que dirijam a iniciativa, a actividade criadora dos nossos membros da Frente da Pátria e das massas trabalhadoras.

No encerramento do Congresso, quero ainda revelar um facto. Os estatutos foram adoptados. Mas podiam ter sido adoptados, por assim dizer, de uma forma global, com «vivas», como era hábito em determinadas organizações do passado que adoptavam decisões sem pensar na sua realização. Ora o nosso Congresso agiu de modo totalmente diferente. Viram que o Congresso reflectia, julgava e discutia cada artigo, cada alínea dos estatutos, que levantava problemas, fazia propostas, sugeria alterações que as completavam, precisavam, aperfeiçoavam. O projecto de Estatutos apresentado pelo antigo Comité Nacional foi examinado em conferência a nível local, largamente divulgado e discutido. Foi aqui estudado a fundo e adoptado por unanimidade pelo Congresso. Agora tornou-se, por assim dizer, a constituição da nossa Frente da Pátria, uma constituição que é a obra colectiva do histórico Congresso da Frente da Pátria.

A unanimidade registada no Congresso durante o exame dos seus problemas, bem como o entusiasmo que nele reinava e a serenidade que dominava nos debates do Congresso são de tal modo edificantes que só podemos lamentar — e faço-o do alto desta tribuna — que os nossos críticos — e ainda existem bastantes nos outros países, nos «meios ditos da democracia ocidental» — não pudessem estar presentes para ver com os seus próprios olhos e escutar com os seus próprios ouvidos: ver o Congresso e o seu entusiasmo, a sua coesão e os seus trabalhos, a imponente manifestação de entusiasmo dos habitantes de Sófia, da classe operária e dos empregados de Sófia perante o Teatro Nacional, em honra do Congresso. Se pudessem estar aqui, e se não fossem nem cegos nem surdos, compreenderiam como são cobardes, infundadas e falsas todas as calúnias espalhadas no estrangeiro contra a nossa democracia popular, acusada de ser, supostamente, a ditadura de uma minoria.

O nosso Congresso mostrou precisamente que a nossa democracia popular se ergue sobre bases sólidas e que se enraizou profundamente na alma e no coração do nosso povo, que é o senhor do seu destino e não perdeu a razão por exercer uma ditadura sobre si próprio.

Quando o nosso Congresso falava, fazia-o em nome de todo o povo, à excepção dos seus inimigos, dos elementos podres, daquilo que morre, desaparece e deve fazer parte dos arquivos da História.

Tudo o que é novo, são, vivo, tudo o que tem um futuro, esteve representado neste Congresso pelos delegados eleitos pelo povo.

O espírito democrático do povo búlgaro e as suas aspirações a um futuro melhor estão encarnadas nas decisões que o Congresso tomou, no programa que adoptou, nos estatutos que sancionou como sua constituição.

Camaradas delegados, agora que nos vamos separar, teremos como tarefa dar a conhecer a todo o povo trabalhador — até à última cabana do país — o sentido e a importância destas decisões e lançarmo-nos, com mais zelo, dedicação e segurança, na edificação da nossa própria obra popular: a obra da República Popular da Bulgária, a obra do socialismo.

O novo órgão central da Frente da Pátria ainda não está constituído. Sê-lo-á imediatamente a seguir ao Congresso. Permito-me, todavia — e, deste modo, espero exprimir os sentimentos, os pensamentos e a vontade do Conselho Nacional da Frente da Pátria — desejar-vos, camaradas, e por vosso intermédio a todo o povo búlgaro trabalhador e sobretudo à nossa valente e heróica classe operária, que corrijam os defeitos e as insuficiências no nosso trabalho, que afastem tudo o que nos impede de avançar sempre na nossa via, para podermos sentir, num futuro próximo, a maior satisfação moral e a maior felicidade para qualquer homem público: sentir que cumprimos até ao fim o nosso dever para com o nosso povo, para com a nossa pátria, que nos mostrámos dignos de confiança e que justificámos a esperança depositada na Frente da Pátria, criando uma indústria nacional sólida e potente, uma agricultura mecanizada, boas condições de vida para o povo, abrindo de par em par as portas ao último camponês e camponesa da última cabana, para que possam beneficiar de todos os valores culturais e morais do nosso país.



Há um provérbio búlgaro: «Uma companhia unida pode levantar montanhas.» Sejamos essa companhia unida que nada, nem do exterior nem do interior, conseguirá quebrar, uma companhia unida que será capaz de repelir com ambas as mãos, com ambos os pés, e sobretudo com a sua cabeça sólida e com o seu punho de ferro, todas as dificuldades e obstáculos, tudo o que está podre, caduco e moribundo na nossa realidade, herança do passado capitalista, todos os golpes, ataques e intrigas dos nossos inimigos próximos — do Sul — ou mais longínquos. Se formos — e estou convencido de que o seremos — essa companhia unida, esse exército unido do nosso povo, nada nos poderá intimidar, nada nos conseguirá impedir de atingirmos os nossos fins, que são o próprio sentido da nossa vida de militantes, de pais e de mães, de cidadãos e de cidadãs, de patriotas. Ricos desse sentido da nossa vida, da nossa existência, que também é a razão de ser da nossa Frente da Pátria, devemos avançar sem hesitações, sem receio, confiantes nas nossas próprias forças, nas forças dos nossos amigos sinceros e desinteressados, no futuro brilhante e feliz da República Popular da Bulgária.

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo*, n.° 28,
de 5 de Fevereiro de 1948.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 509-515.

# O POVO BÚLGARO NUTRE PROFUNDOS SENTIMENTOS DE AMOR E DE RECONHECIMENTO PELO EXÉRCITO SOVIÉTICO LIBERTADOR

A celebração do 30.° aniversário do Exército soviético desperta um profundo eco nos corações de todos os homens honestos e amantes da liberdade, de todos os amigos da paz e da verdadeira democracia. Durante toda a sua existência, em todos os seus actos e sobretudo na guerra de libertação contra a Alemanha hitleriana, o Exército soviético mostrou e provou que é a única força armada do mundo que serve não para a conquista imperialista, mas para a defesa do povo soviético, das conquistas da Grande Revolução Soviética de Outubro, e para salvaguardar a paz e a amizade entre os povos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Exército soviético cobriu-se de imorredoura glória. Ao esmagar as hordas fascistas dos candidatos alemães ao domínio mundial, salvou a humanidade da barbárie hitleriana e contribuiu para libertar toda uma série de povos eslavos e não eslavos da opressão imperialista. Deu-lhes deste modo a oportunidade de tomar o seu destino nas suas próprias mãos e de empreender a edificação do seu bem-estar na base de uma verdadeira democracia. Entre os povos libertados também figura o povo búlgaro, animado de um amor e reconhecimento sem limites pelo exército libertador.

No entanto, o nosso povo tem razões especiais para estar eternamente reconhecido ao Exército soviético e a todo o povo soviético. O povo búlgaro jamais esquecerá, apesar das odiosas intrigas dos imperialistas e dos seus agentes entre nós,

que os soldados russos o libertaram pela primeira vez dos paxás e dos beis turcos. Será festejado dentro em breve o 70.° aniversário desta libertação. O povo búlgaro jamais esquecerá que nos heróicos filhos do povo russo e dos outros povos soviéticos o auxiliaram a libertar-se pela segunda vez dos conquistadores estrangeiros e, desta vez, para tomar definitivamente e para sempre o seu destino nas suas mãos.

O nosso povo sabe perfeitamente que sem o auxílio do Exército soviético, sem a sua presença temporária no nosso território, teria caído numa nova escravatura. A Bulgária teria sido ocupada pelos exércitos estrangeiros hostis com todas as consequências fatais para a sua existência e para o seu destino. A Bulgária teria sido governada por missões estrangeiras — civis e militares —, enquanto os capitalistas estrangeiros sugariam as forças do povo búlgaro e espoliariam os frutos do seu trabalho. Por isso o povo búlgaro considerava as tropas soviéticas, que deviam permanecer entre nós em virtude do armistício, não como ocupantes, mas como hóspedes bem-vindos e protectores. Quando as tropas soviéticas abandonaram o país, o nosso povo despediu-se delas com amizade e reconhecimento. O nosso povo jamais esquecerá que se as tropas dos imperialistas pilham, oprimem e entravam o desenvolvimento dos países por eles ocupados, os oficiais e os soldados soviéticos no nosso país lhe deram um fraterno auxílio na edificação cultural e económica. Muitos soldados soviéticos trocaram as suas viaturas de guerra pelos tractores e debulhadoras, auxiliando os nossos camponeses a combater a seca e a penúria.

O povo búlgaro tem o seu próprio bom senso e sabe perfeitamente que se o poderoso e invencível Exército soviético não existisse, ele não poderia edificar tranquila e livremente a sua República popular, não poderia enveredar tão firmemente pela via do socialismo. O nosso povo sabe que hoje, quando a luta pela independência nacional e pela liberdade atinge o seu auge contra os novos pretendentes ao domínio mundial, só poderá subsistir enquanto povo livre e independente defendendo-se virilmente, apoiando-se, ao mesmo tempo, com firmeza nas forças democráticas e anti-imperialistas do mundo, com a União Soviética e o seu glorioso exército à frente.



Por isso o 30.° aniversário do Exército soviético é uma festa cheia de alegria para todo o nosso povo trabalhador. Esta festa não é menos imbuída de alegria para o nosso exército popular, que aprende e continuará a aprender com o patriotismo, a experiência táctica, a virilidade e a ciência militar do Exército soviético. Seguindo o seu exemplo, o nosso exército popular esforça-se por se tornar um firme defensor da liberdade nacional e da independência da nossa República popular. A consciência da fraternidade de armas entre o nosso povo e os povos soviéticos, criada e reforçada pelo sangue vertido em conjunto quando das duas guerras de libertação, constitui um factor importante para o desenvolvimento moral, político e militar do nosso exército.

As tentativas enraivecidas empreendidas pelos imperialistas e pelos seus propagandistas venais para aterrorizarem o nosso povo e os outros povos democráticos, para os desviarem da sua salutar via de amizade com o seu libertador e protector — a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas — para os incitarem contra o Exército soviético libertador, serão vãs. Jamais conseguirão realizar os seus planos infernais.

Saudações fraternas aos valentes soldados soviéticos! Que o heróico Exército soviético, trampolim para a paz e para a fraternidade entre os povos democráticos amantes da liberdade, viva e se reforce!

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo,* n.° 43,
de 22 de Fevereiro de 1948.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. XIII.
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 528-531.

# NÃO HÁ DEMOCRACIA POPULAR SEM CLASSE OPERÁRIA

*DISCURSO PRONUNCIADO*
*NO II CONGRESSO DA UNIÃO SINDICAL OPERÁRIA,*
*NO DIA 2 DE MARÇO DE 1948*

Caros delegados e delegadas:

Permitam-me, antes de mais, que vos transmita, em nome do Governo, do Conselho Nacional da Frente da Pátria e do Comité Central do Partido Operário (Comunistas), as mais cordiais saudações. Na vossa pessoa, saúdo calorosamente toda a nossa heróica classe operária, todos aqueles que realizam um trabalho físico ou intelectual — homens, mulheres e jovens —, que trabalham para elevar a força económica e cultural da nossa República popular, e especialmente os gloriosos trabalhadores e trabalhadoras de choque, os realizadores e os inovadores, que trabalham no circuito produtivo ou no aparelho de Estado.

Como se sabe, o triunfo da insurreição popular de Setembro, que era em si um grande acto histórico revolucionário, abriu o caminho a profundas transformações revolucionárias no nosso Estado, na vida económica, pública, política e cultural. Sob a direcção da Frente da Pátria, cujo factor fundamental é a classe operária, empreendeu-se uma reorganização radical do Estado e da sociedade, segundo princípios novos, os da democracia popular. Essa reorganização provocou modificações radicais na situação e no papel das diferentes classes na nossa sociedade.

*Quais são essas modificações e quais são, de entre elas, as mais importantes?*

*A primeira modificação* e a mais importante resume-se no facto de os capitalistas terem sido eliminados como classe da direcção da sociedade, da economia nacional e do Estado. Com a nacionalização da indústra e dos estabelecimentos bancários, assim como com a organização estatal e cooperativa do comércio por grosso, efectua-se entre nós um processo de liquidação total da classe capitalista exploradora.

*A segunda modificação* importante resume-se no facto de, com a aplicação da reforma agrária, com a criação das cooperativas agrícolas e das herdades do Estado, bem como com a expropriação pelo Estado do gado (*) morto, se realizar um processo de liquidação das grandes explorações rurais parasitárias, barrando definitivamente o caminho à formação de semelhantes explorações parasitárias que exploram o trabalho dos produtores rurais.

*A terceira modificação* importante resume-se ao facto de os intelectuais, que anteriormente estavam ao serviço da classe capitalista dominante, estarem agora, no nosso Estado popular em que a classe operária se tornou a força dirigente, livres da obrigação de servir um regime de exploração e poderem unir mais estreitamente as suas forças e as suas capacidades aos esforços do povo trabalhador para a edificação da nossa República popular.

Assim, as transformações profundas que ocorreram depois do 9 de Setembro provocaram modificações radicais na relação de forças de classe no nosso país. Actualmente a nossa sociedade possui duas classes sociais produtivas essenciais — a classe operária e a classe dos camponeses trabalhadores —, que não têm interesses contraditórios. Os nossos intelectuais progressistas estão ao lado deles, e é nestas condições que realizam a sua actividade criadora. À frente do Estado, da sociedade, de toda a vida social, política, económica e cultural está a classe operária, aliada aos camponeses trabalhadores e aos artesãos, com a cooperação activa dos intelectuais, todos fraternalmente unidos no seio da poderosa e vitoriosa Frente da Pátria.

(*) *Cheptel:* forma de arrendamento do gado em que os lucros são repartidos entre o arrendatário e o criador. — *(N. do T.)*



Contudo, *importantes modificações de estrutura foram realizadas e se realizam no próprio seio da classe operária.* Com o plano económico bienal passámos seriamente à industrialização acelerada do país, que leva a um aumento numérico da classe operária, com vários milhares de novos operários e operárias saídos de outras camadas sociais, sobretudo vindos dos campos. O pessoal constituído por engenheiros e técnicos que no passado estava, de um modo geral, ao serviço dos capitalistas para explorar e manter os operários numa posição subalterna fundiu-se com a classe operária, da qual actualmente faz parte. Os funcionários do Estado e os outros empregados que anteriormente eram separados da classe operária como uma coisa muito especial, como uma arma nas mãos da burguesia no poder, fundiram-se actualmente com a classe operária, tendo-se tornado empregados do Estado popular.

Com a aplicação no nosso país da Reforma Agrária e com a criação das herdades estatais também se realizou uma modificação em relação aos operários agrícolas — os antigos criados de lavoura. Também eles formam um elemento activo da classe operária. Por outro lado, com a mecanização da economia rural, cria-se entre nós uma nova categoria de operários — os motoristas e as motoristas de tractores e outros operários com qualificação profissional, que trabalham nas cooperativas agrícolas e nas herdades estatais, ou trabalham regularmente nas explorações agrícolas privadas. É mais uma nova camada que se cria no seio da classe operária.

Como sabem, os antigos regimes, cujo princípio fundamental era «dividir para reinar», esforçavam-se, de todas as maneiras possíveis, por dividir e opor uns aos outros os trabalhadores intelectuais e os trabalhadores físicos. Hoje realiza-se uma aproximação e uma igualação entre eles. No passado, os trabalhadores físicos e intelectuais eram assalariados do capitalismo. Hoje, pelo seu trabalho físico e intelectual, são criadores da economia nacional e da cultura do povo.

O que é que estes factos revelam?

Demonstram, explicitamente, que no seio da classe operária ocorreu e continuam a ocorrer importantes modificações internas de estrutura. É um processo profundo que se realiza no nosso país e que, no futuro, se reforçará ainda mais.

*A classe operária no nosso país já não é um proletariado na antiga acepção desta palavra, explorada e oprimida pelo capitalismo.* É conveniente recordar aqui o que Estáline declarou no seu relatório por ocasião da adopção da Constituição soviética a propósito da classe operária na União Soviética!

«Segundo um antigo hábito, chama-se muita vez proletariado à classe operária. Mas o que é proletariado? O proletariado é uma classe privada de ferramentas e de meios de produção num sistema económico em que as ferramentas e os meios de produção pertencem aos capitalistas e em que a classe capitalista explora o proletariado. O proletariado é uma classe explorada pelos capitalistas. Mas, como sabem, no nosso país a classe capitalista já foi liquidada, as ferramentas e os meios de produção foram tomados aos capitalistas e entregues ao Estado, cuja força dirigente é a classe operária. Já não há, portanto, classe capitalista susceptível de explorar a classe operária. Por conseguinte, a nossa classe operária não está desprovida de ferramentas nem de meios de produção; pelo contrário, esta possui-os em co-propriedade com todo o povo. E a partir do momento em que os possui e que a classe capitalista está liquidada, exclui-se toda e qualquer possibilidade de explorar a classe operária. Poder-se-á, nestas condições, dar à classe operária o nome de proletariado? É evidente que não.»

É claro que na actual etapa do desenvolvimento do nosso país ainda estamos longe de ter atingido a situação da classe operária na União Soviética; contudo, o nosso desenvolvimento social conduz-nos a isso. E lá chegaremos, *chegaremos sem dúvida a essa situação seguindo o caminho pelo qual enveredámos.*

No nosso país, está-se já a libertar a classe operária da exploração capitalista, uma vez que as ferramentas essenciais de produção passam para as suas mãos — para as mãos do povo, do nosso Estado popular.

Tudo isto, camaradas, é testemunho das profundas modificações que ocorreram na situação, no papel e nas tarefas da classe operária. Esta une hoje à constante salvaguarda dos interesses económicos, sociais e culturais, a constante e justa salvaguarda dos interesses gerais do povo, da nova democracia. *Sem a classe operária, sem o seu novo lugar e tarefas,*



*não há, nem poderia haver, democracia popular.* A democracia popular só é possível sob o papel dirigente da classe operária.

Tenho de fazer notar que hoje o papel dirigente da classe operária é universalmente reconhecido, no seio da Frente da Pátria, por todos os cidadãos e cidadãs que amam a sua pátria. E é um fenómeno perfeitamente de acordo com as leis do desenvolvimento, que o nosso povo funde as suas maiores esperanças precisamente na feliz realização da missão histórica da classe operária. E não pode haver a mais pequena dúvida de que a feliz execução desta união pela classe operária dependerá sobretudo das suas organizações sindicais, da sua União Operária Sindical Geral.

*Quais são as conclusões fundamentais para a classe operária que é conveniente tirar destas modificações essenciais da estrutura, do lugar, do papel e das tarefas da classe operária no nosso país?*

*A primeira conclusão* está ligada às modificações de estrutura na própria classe operária. Estas modificações têm um carácter positivo, mas são acompanhadas de algumas dificuldades. As diversas camadas novas que agora se juntaram à classe operária e que a ela se juntarão no futuro, têm os seus hábitos próprios, as suas concepções próprias, a sua psicologia própria. É imperioso que nos dediquemos o melhor possível à tarefa de liquidar as diferenças existentes, de aplanar todos os mal-entendidos, de educar estas novas camadas, para que tenham uma verdadeira consciência de trabalhadores, uma consciência de patriotas.

*A segunda conclusão* diz respeito ao papel da classe operária que, nestas novas condições, é chamada a estabelecer uma sólida cooperação fraterna e uma união indestrutível com os camponeses e artesãos, bem como com as suas organizações, muito especialmente uma cooperação entre a União Sindical Operária Geral, a União Sindical Agrícola Geral e a União Sindical Artesanal Geral. O estabelecimento e o reforço desta cooperação é uma condição indispensável para o progresso e para o desenvolvimento tanto da classe operária como dos camponeses e dos artesãos, para a edificação do nosso país em todos os domínios, para a sua evolução na via do socialismo.

*Terceiro*. O reconhecimento do papel dirigente da classe operária acarreta obrigações para essa classe. Esta está à frente do Estado e tem de cumprir uma missão histórica. Por isso é antes de mais responsável pelo desenvolvimento do nosso país, e incumbem-lhe grandes responsabilidades. Deve portanto assumi-las o mais conscienciosamente possível. É-se particularmente exigente para com aqueles que foram muito dotados pela natureza. A classe que a História destinou para um papel dirigente tem de suportar com consciência, paciência e firmeza as dificuldades inevitáveis e as privações temporárias. E isto é tanto mais justo quanto só seguindo essa via é que a classe operária desempenhará o seu papel dirigente na vida económica, social e política e só nesta via poderá assegurar aos seus filhos bem-estar e felicidade.

Camaradas:

Estou ao corrente daquilo que foi apresentado e discutido no Congresso, e poderia mesmo dizer que muito detalhadamente. Não posso deixar de exprimir a minha satisfação pelo facto de o Congresso ter dado provas de tanta seriedade ao proceder ao exame concreto dos problemas e das tarefas que neste momento devem ser resolvidos pelo movimento sindical em geral e, em especial, pela União Sindical Operária Geral. Estou muito feliz com a crítica e a autocrítica construtivas que, depois do Congresso, deverão prosseguir por toda a parte no país e que deverão ser, creio eu, ainda mais profundas e mais firmes do que neste Congresso.

É preciso que todos compreendam bem que qualquer espécie de tolerância em relação a irregularidades, a fraquezas e a um grande número de podres herdados do passado, é perigosa. Não é dissimulando e camuflando estas irregularidades, estas fraquezas e estas manifestações de podridão, mas sim apontando-as, desmascarando-as com coragem e a tempo, que poderemos acabar com elas.

Para não repetir o que já foi dito no Congresso, gostaria apenas de chamar a vossa atenção para *determinadas tarefas essenciais iminentes*.

Como sabem, o II Congresso que transformou a Frente da Pátria numa organização popular social e política unida, também elaborou e adoptou um novo programa. Este engloba as tarefas fundamentais imediatas que se põem a todo o povo



búlgaro. Este programa criador também é, naturalmente, um programa para todas as uniões sindicais da União Operária Sindical Geral, que é um poderoso apoio da Frente da Pátria.

A primeira tarefa que figura no programa da Frente da Pátria prevê a *educação do povo e da juventude no espírito da Constituição da República popular* e das tradições de combate e de liberdade do povo. A Constituição, como sabem, consagrou o trabalho como um factor social fundamental. Este facto não só confere aos trabalhadores físicos e intelectuais, aos sindicatos, direitos consideráveis, como também lhes impõe obrigações e responsabilidades graves. Cabe-lhes o cuidado de reforçar no nosso país, definitivamente, a nova atitude em relação ao trabalho, ao património nacional, ao Estado enquanto nosso, enquanto Estado pertencente ao povo. Os operários e os empregados trabalham actualmente para eles próprios, para os seus filhos, para o seu futuro, para a prosperidade do povo, e não para os capitalistas, para os parasitas e exploradores. Os operários e os empregados ainda sofrem privações temporárias inevitáveis na sua vida quotidiana; mas estas privações poderão, num futuro próximo, ser largamente compensadas para a classe operária e todo o nosso povo.

A segunda grande tarefa que figura no programa resume-se à *edificação das bases sociais e económicas da nossa democracia popular*. O Congresso da Frente da Pátria chamou a classe operária, todos os cidadãos e cidadãs búlgaros, os jovens de ambos os sexos, a contribuírem para o mais profundo desenvolvimento das forças produtoras, tanto na indústria como na agricultura, com vista ao desenvolvimento acelerado do nosso país sob todos os aspectos. Isso significa que é conveniente trabalhar sem descanso para a criação de uma poderosa base económica da nossa República popular, penhor seguro da sua independência nacional e da sua soberania de Estado. É necessário que vocês, enquanto sindicatos e militantes sindicais, que estão nas primeiras fileiras do povo búlgaro trabalhador na luta pela realização da segunda parte do plano económico bienal do Estado, que vocês, que dirigem e fazem com que as empresas de Estado, industriais e outras, pertencentes a todo o povo, progridam, mobilizem as nossas enormes e sempre crescentes forças, que utilizem todos os recursos disponíveis e descubram novos recursos, *que en-*

*coragem cada vez mais a emulação e o trabalho de choque, bem organizados de acordo a planos estabelecidos, para os introduzir como métodos permanentes no vosso trabalho.* É necessário que multipliquem continuamente os grupos dirigentes de operários de choque, que tracem novas vias no domínio do trabalho; que aumentem constantemente o número dos racionalizadores e dos inovadores na produção e no seio do aparelho de Estado. Paralelamente a isso devem reforçar mais cuidadosamente ainda a disciplina no trabalho nas empresas e nas administrações, prestar uma maior atenção à economia das matérias-primas e à boa conservação das máquinas e dos instrumentos, levar a cabo uma luta intransigente e implacável contra qualquer espécie de esbanjamento criminoso, contra a burocracia e a ociosidade. É particularmente importante que reforcem a cooperação entre os operários e os camponeses, por um lado, e entre os dirigentes, os quadros engenheiros, técnicos e administradores, por outro, conservando a unidade de direcção indispensável ao processo produtivo.

Camaradas! *É indispensável uma formação profunda de bons quadros sindicais e produtivos.* Exige-se aos dirigentes e aos militantes dos sindicatos e da União Operária Sindical Geral que trabalhem incansavelmente para se aperfeiçoar, para elevar a sua qualificação e o seu nível ideológico e político, para pensar e agir não de uma maneira geral, mas sim concretamente e com eficácia. Não se devem tolerar tagarelas nem faladores em postos de direcção nos sindicatos ou nas empresas, mas sim encorajar os militantes capazes, talentosos e trabalhadores no domínio sindical e no circuito da produção, para que ocupem postos de comando na nossa indústria e na nossa vida económica.

Não esqueçam que o funcionamento regular das empresas nacionalizadas, a sua reconstrução e o seu desenvolvimento constituem uma séria prova para os nossos sindicatos, para os seus comités, para os militantes e os sindicalizados. Passar esta prova de patriotismo, de maturidade política, de heroísmo no trabalho, de capacidade e aptidão de organização — deve ser uma questão de honra, de prestígio e de coragem para qualquer membro da União Operária Sindical Geral.

A terceira tarefa está ligada à edificação das bases sociais e políticas da democracia popular, da nossa República popular.



A classe operária, que assumiu o principal fardo da luta contra o fascismo e tornou possível as grandes realizações levadas a cabo até ao presente pelo poder popular, é hoje chamada a mobilizar a sua energia, a utilizar todo o seu prestígio de classe progressista, a conferir uma força maior ao seu impulso na luta pela realização da unidade total do povo; deve tornar-se um bastião ainda mais poderoso, unindo para sempre camponeses, artesãos, intelectuais saídos do povo e todos os cidadãos e cidadãs honestos do nosso país, sob a bandeira da Frente da Pátria enquanto único organizador, dirigente e inspirador de todos os feitos, de todas as vitórias do nosso povo trabalhador e amante de liberdade.

Uma outra tarefa particularmente importante refere-se ao *aumento da força defensiva* do nosso país, que procura assegurar a sua independência nacional e a sua soberania de Estado pela união e mobilização de todas as nossas forças, pelo reforço da nossa vigilância interna e externa e pela consolidação da nossa amizade fiel aos povos democráticos, com a grande União Soviética à cabeça. A nossa classe operária é profundamente patriótica, indefectivelmente ligada à sua querida pátria e não poupará as suas forças para levar a bom termo essa tarefa. Mas, para esse efeito, é necessário assegurar a participação mais activa dos sindicatos, da União Operária Sindical Geral.

Uma das vossas tarefas é assegurar *o desenvolvimento ulterior da União Operária Sindical Geral,* de todas as vossas organizações sindicais, e de edificar a sua inabalável unidade sobre as bases sólidas da democracia popular. Conseguiram atrair para o seio da vossa organização, num período muito breve, a grande maioria dos operários e dos empregados do nosso país. Contudo, isto ainda não é suficiente. Devem multiplicar as vossas fileiras, e nelas incluir a fracção restante dos operários e dos empregados ainda não filiados. Devem serrar ainda mais as vossas fileiras, transformar a União Operária Sindical Geral num bastião ainda mais forte e transbordante de vida, que avance sempre ousadamente e trabalhe incansavelmente para elevar o nível político, económico e cultural dos trabalhadores no nosso país.

Paralelamente ao que atrás se referiu, a União Operária Geral, participando activamente na Federação Sindical Mun-

dial, tem o dever de informar constantemente os seus membros sobre os acontecimentos internacionais e sobre a nossa política externa pacífica, de os educar num espírito de solidariedade internacional e de intransigência em relação ao imperialismo e à agressão imperialista, para que possam, consciente e resolutamente, lutar pela salvaguarda da paz, contra todos os fautores de novas guerras.

Devo assinalar aqui que é indispensável para as nossas uniões sindicais, e de um modo geral para todas as nossas organizações públicas, desenvolver entre vós uma verdadeira democracia interna, uma democracia sindical. *Devem apoiar-se na iniciativa e, na minha opinião, desde a iniciativa do último operário e empregado do nosso país* até aos que já estão organizados no seio das vossas próprias organizações. Permitam-me que afirme, sem que ninguém com isso se ofenda, que há muitos pecados sob esse aspecto. O dirigente de uma organização não é um comandante: o presidente, o secretário, etc., não são chefes. Não podem comandar. Devem velar pela disciplina sindical; têm a obrigação de o fazer; têm a obrigação de chamar à ordem, de tomar medidas severas, mas não de comandar. Devem dirigir recorrendo à força da convicção, da educação, da persuasão e sobretudo do exemplo pessoal. *Os membros de qualquer organização devem ser livres, sem recear seja que consequências forem por exprimir as suas opiniões e as suas observações críticas* sobre este ou aquele assunto. *É preciso que haja liberdade*! Há uma direcção para mostrar os erros àqueles que não têm razão, os conselhos centrais dos sindicatos, o Comité Central da União Operária Sindical Geral existem para corrigir esses erros. Corrijam, corrijam sempre os que se enganam, mas permitam-lhes também dizer a sua opinião; e quando eles tiverem razão, quando fizerem propostas e derem conselhos justos e úteis, aceitem-nos de braços abertos, com aplausos.

A classe operária não pode tolerar grandes senhores nem governantes. A classe operária aumenta cada vez mais e exige dos seus dirigentes e militantes inteligência, carácter, vontade e tacto — sim, precisamente, tacto! — nas suas relações com os operários e os empregados. E no que diz respeito ao dirigente, grande ou pequeno, que não compreenda isso, podemos, desde já, rezar-lhes pela alma. Isto não só diz respeito aos sindicatos



como a tudo, a todas as empresas, a todos os serviços administrativos, a todos os sindicatos ou grupos sindicais de empresas ou de administração; isto aplica-se também aos directores de empresa, e sobretudo agora num momento em que pessoas capazes e dedicadas saem das vossas próprias fileiras; as suas pretensões não devem ultrapassar a sua inteligência! Esperemos que a loucura das grandezas não se apodere deles, porque os perderia e também seria funesta para o triunfo da causa pela qual todos nós temos grandes responsabilidades.

E por fim, uma tarefa que vos diz especialmente respeito e que, claro está, não deve ser considerada como a última, refere-se aos cuidados a ter para melhorar constantemente, de acordo com as possibilidades, a situação material e cultural dos operários e dos empregados. O Estado popular, o governo e a Frente da Pátria fazem e farão tudo o que puderem para aliviar a condição ainda penosa dos trabalhadores no nosso país. Não devemos, contudo, esquecer que com a actual penúria geral existem e existirão ainda dificuldades.

Não devemos considerar, e eu pessoalmente não o penso, que os sindicatos tenham feito tudo o que é possível para resolver as dificuldades no domínio do abastecimento e dos serviços prestados aos operários e aos empregados. A experiência provou — e ouvi há alguns instantes um orador dizê-lo — que com boa vontade e iniciativas tomadas a tempo, aproveitando judiciosamente os recursos locais, criando explorações auxiliares junto das grandes empresas e serviços administrativos bem como outras medidas deste tipo, *se poderia remediar sensivelmente a situação dos operários e dos empregados apesar do abastecimento geralmente difícil do país.*

Antes de terminar gostaria de me deter numa outra questão.

Os agentes da reacção derrotados no nosso país provocadores e intrigantes estrangeiros, não deixam de espalhar pelos cantos rumores alarmistas sobre uma guerra mundial iminente ou um ataque contra o nosso país. No seu ódio insensato, impotentes, procuram com esses rumores sobretudo uma consolação para si mesmos. Depois de se terem convencido de que o poder popular no nosso país é invencível, já não contam com uma intervenção do exterior. Tentam contudo semear a desordem no seio dos construtores da República popular, procurando convencê-los de que não faz sentido construir e

criar, de que não faz sentido organizar brigadas de trabalhadores, a emulação e o trabalho de choque, fazer esforços físicos e intelectuais, porque amanhã ou depois rebentará uma nova guerra mundial e todos os esforços do povo e da classe operária terão sido em vão. Todavia, é esta pérfida chantagem dos inimigos que é vã. A nossa classe operária, o nosso povo, não se deixarão enganar por estas pérfidas afirmações. É verdade que há aventureiros que incitam a uma nova guerra e a provocações contra a nossa República popular. Mas, *para qualquer pessoa sensata, mais ou menos ao corrente da situação internacional, é claro como a água que não está iminente uma nova guerra mundial e que qualquer provocação contra o nosso país pode ser e será destruída no embrião.*

As forças da democracia e da paz aumentam todos os dias por todo o mundo; a vigilância dos próprios povos, incluindo o nosso, são para nós uma garantia suficiente — podemos prosseguir resoluta e firmemente o nosso trabalho criador sem sermos minimamente perturbados por algumas ameaças e chantagens, sejam estas quais forem e por muito astuciosas que sejam. Basta-nos apenas estarmos vigilantes, vigilantes nos nossos postos.

E não duvido, camaradas, de que vocês, os sindicatos e toda a classe operária, mobilizarão todas as vossas forças e trabalharão com muito mais energia e entusiasmo para o reforço da democracia popular, para assegurar o bem-estar do povo, o triunfo do socialismo no nosso país.

Viva a União Sindical Operária Geral, que em cooperação com a União dos exploradores agrícolas é o factor essencial para a realização do plano económico bienal!

Viva a nossa gloriosa e heróica classe operária!

Viva a Frente da Pátria — o organizador, o dirigente e o inspirador do nosso povo trabalhador amante de liberdade!

Que a República Popular da Bulgária viva e se consolide através dos séculos!

Publicado em:
*Rabotnitcheski Délo*, n.º 52,
de 4 de Março de 1948.

Tradução ligeiramente
abreviada do texto de:
Edições do P. C. B.,
1955, pp. 1-17.



# NOTAS

(1) Quando a Grande Assembleia Nacional terminou os seus trabalhos no dia 22 de Novembro de 1946, foi constituído um governo, o terceiro depois de 9 de Setembro, sob a presidência de Jorge Dimitrov.

(2) Trata-se do período que precedeu a nacionalização das grandes empresas industriais e comerciais.

(3) A tão falada e elogiada «nacionalização» realizada nessa época na Inglaterra foi aplicada em benefício dos antigos patrões das empresas nacionalizadas. O dinheiro que lhes foi dado como indemnização ultrapassava consideravelmente o valor das empresas. Os patrões, na sua maior parte, foram *nomeados* chefes das empresas nacionalizadas.

(4) *L'Humanité*, órgão central do Partido Comunista Francês.

(5) *O Congresso dos Operários Têxteis* realizou-se em Sófia de 8 a 11 de Junho de 1947. A 11 de Junho, Jorge Dimitrov recebeu na Assembleia Nacional uma delegação de trabalhadores de elite, designada pelo Congresso, perante a qual pronunciou o discurso aqui publicado.

(6) Jornal *Rude Pravo* — órgão central do Partido Comunista Checoslovaco, fundado em 1920 em Praga.

(7) Trata-se do discurso pronunciado na Grande Assembleia Nacional por Vassil Kolarov, presidente provisório da República Popular da Bulgária depois da adopção definitiva da Constituição.

(8) *O Vigésimo Sétimo Congresso da União Popular Agrária Búlgara* (U. P. A. B.) realizou-se de 27 a 28 de Dezembro de 1947. O camarada Gueorgui Traikov, presidente do comité director da União Popular Agrária Búlgara apresentou um relatório sobre «A situação política do País». O Congresso aprovou sem reservas a política externa do governo popular, acolheu com alegria a nova Constituição e declarou que contribuiria para assegurar a sua execução. O Congresso adoptou os novos princípios do programa da organização política da

Frente da Pátria para o estabelecimento da sociedade socialista no país.

(9) A lei sobre a nacionalização das empresas industriais e das minas capitalistas foi adoptada pela Assembleia Nacional a 23 de Dezembro de 1947, e a lei sobre a nacionalização dos bancos, a 26 de Dezembro do mesmo ano.

(10) A Declaração do Comité Nacional da Frente da Pátria incide sobre a situação internacional e interna da Bulgária e sobre as tarefas que cabem à Frente da Pátria. A principal tarefa atribuída pela Declaração à Frente da Pátria é a seguinte: defesa ainda mais enérgica da independência nacional e da soberania da Bulgária contra a agressão imperialista, máxima coesão e união de todas as forças democráticas e anti-imperialistas do povo, extensão do sector de Estado na economia, emendas e complementos ao projecto de Constituição referente à organização do poder supremo da República, ao papel e às funções dos conselhos populares enquanto órgãos locais do poder de Estado, ao seu papel dirigente na construção socialista, etc., etc.

(11) Trata-se da *Comissão balcânica* criada pela O. N. U. em consequência do apelo dirigido a 4 de Dezembro de 1946 no Conselho de Segurança pelo governo da Grécia acusando a Albânia, a Bulgária e a Jugoslávia de auxiliar o guerrilheiros gregos, isto é, a luta de libertação nacional do povo grego contra a intervenção anglo-americana e contra o governo monarco-fascista da Grécia.

Uma subcomissão de inquérito foi enviada para os Balcãs. Todos os membros do Conselho de Segurança estavam representados nesta comissão. Como não tinha conseguido atingir os seus fins no Conselho de Segurança, a delegação dos E. U. A. apresentou na segunda sessão da Assembleia Geral da O. N. U. um projecto de resolução que lançava sobre a Bulgária, a Albânia e a Jugoslávia a responsabilidade da situação na Grécia e propunha a constituição de um comité especial dos Balcãs que deveria velar pela aplicação da resolução da Assembleia Geral da O. N. U. Este projecto de resolução equivalia a uma ingerência nos assuntos internos da Bulgária, da Albânia e da Jugoslávia.

A delegação da U. R. S. S., opondo-se ao projecto de resolução da delegação americana, apresentou por sua vez um projecto de resolução e declarou que não participaria nem nas eleições do comité balcânico, nem nos trabalhos deste último. As delegações da Polónia, da República Socialista Soviética da Bielo-Rússia, da República Socialista Soviética da Ucrânia, da Checoslováquia e da Jugoslávia fizeram declarações análogas.

(12) Trata-se da mensagem de Truman enviada a 12 de Março de 1947 ao Congresso dos E. U. A. com a proposta de conceder à Grécia e à Turquia um «auxílio» de 40 milhões de dólares.



(13) O II Congresso da *Frente da Pátria* realizou-se a 2 e 3 de Fevereiro de 1948 na presença de 1105 delegados. Na ordem do dia do Congresso: 1. A Frente da Pátria, o seu desenvolvimento e tarefas futuras, relatório apresentado por Jorge Dimitrov. 2. Mensagem de saudação das delegações búlgaras e estrangeiras. 3. Adopção do programa e dos estatutos da Frente da Pátria. 4. Eleição do Comité Nacional da Frente da Pátria. 5. Adopção do Manifesto ao povo búlgaro.

(14) Os fundamentos da Federação Sindical Mundial foram lançados na Conferência dos sindicatos que se realizou em Londres em Fevereiro de 1945. O I Congresso Mundial dos Sindicatos foi convocado para Paris a 25 de Setembro de 1945. Adoptou unanimemente os Estatutos da Federação Mundial. Os Estados atribuíam à Federação Sindical Mundial as seguintes tarefas: organizar e unir as uniões profissionais de todo o mundo sem distinção de raça, de sexo, de nacionalidade, de religião ou de convicções políticas; auxiliar os operários dos países subdesenvolvidos do ponto de vista social e económico; lutar contra todas as manifestações do fascismo, lutar contra a guerra e as causas que a geram; defender os interesses dos trabalhadores de todo o mundo em todos os órgãos internacionais; organizar a luta contra a violação dos direitos económicos e sociais dos trabalhadores, pelo aumento constante do salário operário, pela redução do tempo de trabalho, pelo melhoramento das condições de trabalho e de vida dos trabalhadores.

A Federação Sindical Mundial tem como sede Praga.

(15) *A Federação Democrática Internacional das Mulheres* é fundada no Congresso Internacional das Mulheres que se realizou em Novembro de 1945 em Paris. Procura reunir as organizações democráticas das mulheres de todo o mundo, sem distinções de raça, de nacionalidade, de religião ou de convicções políticas, para as mobilizar na luta pela paz e pela amizade entre os povos, pela total destruição do fascismo e da sua ideologia, pela defesa dos direitos económicos, políticos e sociais das mulheres, pelo melhoramento das condições de vida das crianças. A Federação Democrática Internacional das Mulheres é membro do Conselho Social e Económico junto da O. N. U. Engloba actualmente 135 milhões de mulheres.

(16) *A Federação Mundial da Juventude Democrática* foi fundada no I Congresso Mundial da Juventude, que se realizou em Londres a 10 de Novembro de 1945. Engloba nas suas fileiras mais de 83 milhões de jovens de 84 países. A tarefa da Federação é lutar a favor da paz, contra o fascismo, contra a opressão social, nacional e racial, pela educação da geração, jovem num espírito democrático, pela satisfação das suas necessidades sociais e económicas.

*Título:* Obras Escolhidas — V
*Autor:* Jorge Dimitrov
*Editor:* Editorial Estampa, Lda.
*Oficinas:* Guide - Artes Gráficas, Lda.
*Tiragem:* 5200 ex.
*Acabou de se imprimir:* Em 30 de Abril de 1976